

NEGRAS GRAFIAS EM



Tiago Souza de Jesus
Samuel Morais Silva
Cleber Santos Vieira
Henrique Cunha Junior
(Orgs.)

AUTOBIOGRAFIAS



Escrever um texto é sempre deixar um pouco ou muito de nós em cada palavra, é tecer em nós cada dizer, acrescentar escritos aos nossos corpos. Escrever é encontrar as linhas que unem nossos seres. Aqui, nesta coletânea de artigos, as linhas que costuram estes ensaios, são escritas a mãos perpassadas por sentimentos, memórias e histórias diversas. Histórias que são tão particulares que se cruzam e se atravessam. A memória negra demarca socialmente o espaço. Se partirmos do pressuposto de que a memória é produto da cultura, nela residem artefatos materiais e imateriais que fazem parte do cotidiano de um afrodescendente. O leitor encontrará no conjunto dos capítulos, a construção de outras narrativas negras e a valorização da historiografia da população afrodescendente.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



www.editoraviadourada.org



INSTITUTO SUPERIOR
DE ENSINO SEM
FRONTEIRAS - ISESF

**NEGRAS GRAFIAS EM
AUTOBIOGRAFIAS**



Série Conhecimento Africano e Afro-brasileiro

Diretores da série:

Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior
Prof. Dr. Estanislau Ferreira Bié
Prof.^a. Me. Maria Saraiva da Silva

Comitê Científico:

Ana Beatriz Souza Gomes Universidade Federal do Piauí-UFPI	João Marcus Figueiredo Assis Universidade Federal do Estado do RJ-UNIRIO
Cícera Nunes Universidade Regional do Cariri-URCA	Kiusam Regina de Oliveira Universidade Federal do Espírito Santo-UFES
Cláudia Teixeira Marinho Universidade Federal do Ceará-UFC	Leandra Gonçalves dos Santos SME/Vitória-ES
Eduardo Davi de Oliveira Universidade Federal da Bahia-U-FBA	Marcilene Garcia de Souza Instituto Federal da Bahia-IFBA
Estanislau Ferreira Bié Universidade Federal do Ceará-UFC	Maria Auxiliadora Martins da Silva Universidade Federal de Pernambuco-U-FPE
Gustavo Henrique de Araújo Forde Universidade Federal do Espírito Santo-UFES	Maria de Fátima Vasconcelos da Costa Universidade Federal do Ceará-UFC
Henrique Cunha Júnior Universidade Federal do Ceará-UFC	Maria Saraiva da Silva Universidade Federal do Estado do RJ-UNIRIO
Ivan Costa Lima Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB	Marizilda dos Santos Menezes Universidade Estadual Paulista-UNESP
Izabel Cristina Evaristo da Silva Universidade Federal da Paraíba-UFPB	Rinaldo Pereira Pevidor SME/Vitória-ES

NEGRAS GRAFIAS EM AUTOBIOGRAFIAS

Tiago Souza de Jesus
Samuel Morais Silva
Cleber Santos Vieira
Henrique Cunha Junior
(Orgs.)



Editora Via Dourada
Fortaleza - Ceará

2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DAS SÉRIE, 10

Os diretores

APRESENTAÇÃO, 12

Os organizadores

SOBRE OS AUTORES, 15

CAPÍTULO 1, 22

**BALANÇANDO MINHAS MEMÓRIAS ANCES-
TRAIAS E TESTEMUNHANDO MEUS ENRAIZA-
MENTOS: O NEGRO EM MOVIMENTO ESCREVI-
VENDO**

Samuel Morais Silva

CAPÍTULO 2, 38

AUTOBIOGRAFIA

Lorena Correia de Jesus

CAPÍTULO 3, 57

PRETO TIPO A

José Cristiano Lima Pereira

CAPÍTULO 4, 100

FOGUEIRAS URBANAS: MINHAS LEMBRANÇAS

SÃO AQUILO QUE SOU

Eunice Gonçalves Queiroz

CAPÍTULO 5, 144

**MEMÓRIAS, REFLEXÕES E IDENTIDADE: AUTO-
BIOGRAFIA**

Victor Matheus Gonçalves de Figueiredo

CAPÍTULO 6, 154

AUTOBIOGRAFIA

Tiago Souza de Jesus

CAPÍTULO 7, 177

AUTOBIOGRAFIA

Luzia Fernanda dos Santos Moraes

CAPÍTULO 8, 196

AUTOBIOGRAFIA

Rudyard Gonçalves Aparecido Lourenço Hungaro Reis

CAPÍTULO 9, 209

**ITINERÁRIOS DAS MINHAS MEMÓRIAS: ENTRE
O QUILOMBO E A FAVELA**

Samia Paula dos Santos Silva

CAPÍTULO 10, 235

**OLHAR O PASSADO E SEGUIR EM FRENTE: ES-
CREVIVÊNCIAS E TRAJETÓRIA NO CONJUNTO**

PALMEIRAS

Emanuela Ferreira Matias

SÉRIE CONHECIMENTO AFRICANO E AFRO-BRASILEIRO

Os diretores

A história arqueológica das civilizações africanas remonta a mais de 10.000 anos e constituíram um grande acervo de conhecimento para a humanidade de onde reconhecemos às escritas, as filosofias, as matemáticas, a medicina e os urbanismos como invenções africanas. As sociedades africanas de uma maneira geral atingiram no passado grande nível de desenvolvimento cultural e intelectual que obteve o seu esplendor entre os séculos segundo e décimo sexto da era cristã. As invasões otomanas e depois europeias subdesenvolveram o Continente Africano nos séculos seguintes. Um dos fatores deste subdesenvolvimento foi à existência do sistema criminoso de escravismo nas Américas para onde imigraram pela força mais de 10 milhões de africanos. Como a principal mão de obra na formação da sociedade brasileira durante quatro séculos foi a do trabalho forçado da população negra, constituída de africanos e descendentes, os conhecimentos e práticas de vida destas populações irrigaram a vida brasileira. Os sistemas de dominação europeu e eurocêntricos produziram o escravismo criminoso e racismo antinegro, além de formas de desqualificação social da população negra no Brasil, sendo que quem colonizou o Brasil foram africanos e seus descendentes. Como resultado deste imenso



processo, tanto a flora quanto a fauna brasileira foram alteradas pelos produtos e conhecimentos africanos. A sociedade brasileira é devedora das sociedades africanas nas suas tecnologias e modos de adaptação das populações à produção nos trópicos. Portanto definimos que: Africanidades é um conceito que marca a unidade do conhecimento africano mesmo na presença de uma diversidade de povos e populações. Existe um eixo civilizatório africano partindo das civilizações do rio Nilo, denominadas Etiópês, Núbias e Egípcias que dissemina e transforma o interior do Continente Africano. E Afrodescendência é a organização desta diversidade africana na diáspora brasileira. Refere-se às populações africanas transportadas para o Brasil, e que aqui reorganizaram os seus conhecimentos em novos moldes e possibilidades. São populações que vivenciaram o escravismo criminoso, e se inseriram no capitalismo racista antinegro de forma atuante procurando soluções possíveis para seus modos de vida. A população negra brasileira, a cultura negra e o protagonismo social desta população determinam o caráter particular da história afrodescendente. As especificidades da sociedade brasileira em relação às europeias são diversas levando a produção de cultura e histórias diferenciadas, sendo que estas especificidades são mais relevantes, quanto às populações africana e afrodescendente. Muitos conhecimentos específicos sobre as populações africanas e afrodescendentes estão sendo produzidos pelas universidades brasileiras e por pesquisadores sem a devida circulação destas informações. A Série Conhecimento Africano e Afro-brasileiro é parte do esforço em divulgar a produção de conhecimento existente sobre as populações negras no Brasil e da sua interação com as demais populações.

APRESENTAÇÃO

Os organizadores

Escrever um texto é sempre deixar um pouco ou muito de nós em cada palavra, é tecer em nós cada dizer, acrescentar escritos aos nossos corpos. Escrever é encontrar as linhas que unem nossos seres. Aqui, nesta coletânea de artigos, as linhas que costuram estes ensaios, são escritas a mãos perpassadas por sentimentos, memórias e histórias diversas. Histórias que são tão particulares que se cruzam e se atravessam.

A memória negra demarca socialmente o espaço. Se partirmos do pressuposto de que a memória é produto da cultura, nela residem artefatos materiais e imateriais que fazem parte do cotidiano de um afrodescendente. Neste sentido, Cunha Junior vai nos dizer que “a memória é em parte resultado do patrimônio cultural e histórico de uma localidade” (Cunha Jr., 2017, p. 3). Em *A tradição viva*, Amadou Hampaté Bâ coloca que ao falar de tradição do povo africano, referimo-nos à tradição oral e que qualquer tentativa de “penetrar a história e o espírito dos povos africanos” não será possível a menos que parta da tradição oral (BÂ, 2010, p. 167). Segundo ele, “[...] o que se encontra por detrás do testemunho é o próprio valor do homem que faz o testemunho” (BÂ, 2010, p. 168).

Nos ecos das vozes dos autores e das autoras dos textos, é possível ouvir e sentir o barulho de vozes silenciadas pelo racismo anti-negro, ouvir o ranger dos dentes daqueles e daque-



las que vieram antes de cada autor/a e permitiram que eles/as chegassem até essa obra dando outro sentido as histórias de vida violentadas, esquecidas e apagadas. Eles e elas falam nesta coletânea, por todos aqueles/as que foram cruelmente silenciados, por todos aqueles que ainda são silenciados para que todos nós, negros e negras, possamos ter o direito de falar sem medo, sem recolher as vozes angasgadas nas gargantas, defendendo o nosso direito de continuar falando amanhã.

Nesse sentido, a escrita do conjunto de capítulos parte da primeira pessoa porque compreende que a autoafirmação é importantíssima, ainda mais depois de tanto silenciamento. Os fatos narrados expressam vivências, sentimentos e emoções pessoais a partir de lugares de dores e de lutas, onde os autores expõe corajosamente algumas feridas para oferecer a outras (os) sujeitas (os) afrodescendentes suas experiências como meio para mapear novas jornadas teóricas e práticas no campo das relações étnico-raciais.

A memória tem esse poder de nos ligar aos nossos ancestrais e o *continuum* familiar. Esse *continuum* é expresso na prática cotidiana de repassar de boca a ouvido os conhecimentos mais antigos, dos mais velhos aos mais novos, mantendo viva a memória coletiva, do lugar e do grupo específico. Num sistema hegemônico e eurocêntrico a memória coletiva e individual dos afrodescendentes é apagada. A cultura e tradições que são de origem africanas são diluídas e chamadas de cultura popular, distanciando o povo da sua ligação ancestral africana. Esse apagamento e distanciamento das culturas dos povos africanos nos bairros de maioria negra, leva as populações a vivenciarem situações de racismo, por falta de conhecimento

da população sobre a origem das tradições vivenciadas na comunidade como: as rezadeiras, as religiões de matriz africanas (Candomblé, Umbanda e outras), a cura com as plantas medicinais, danças, modo de vida e comportamento, modelos de construção de casas, alimentação.

O leitor encontrará no conjunto dos capítulos, a construção de outras narrativas negras e a valorização da historiografia da população afrodescendente. Sua escrita é contrária à lógica da estrutura racista presente na sociedade, notadamente nos espaços educacionais, que postula a não importância das trajetórias e histórias da população negra.



SOBRE OS AUTORES

CLEBER SANTOS VIEIRA

Possui Graduação (1997) e Mestrado (2001) em História pela UNESP/Franca; Doutorado em Educação (2008) pela USP. É professor Adjunto do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da UNIFESP. Membro do NEAB-Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Unifesp. Foi Diretor de Relações Institucionais da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) e Coordenador do Consórcio Nacional de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Grupos Correlatos CONNEABs (2018-2020). É presidente da ABPN. Atua nas seguintes áreas: história do livro e dos manuais didáticos; ensino de história e cultura afro-brasileira e africana; educação das relações étnico-raciais.

HENRIQUE CUNHA JUNIOR

Pesquisador sobre Populações Negras, História da Tecnológica Africana e Urbanismo Africano. Professor titular da área de engenharia elétrica, pesquisa e ensina sobre Planejamento de Energia e as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade. Tem formação em engenharia (EESC-USP) e sociologia (UNESP-Araraquara), mestrado em engenharia e mestrado em história. Doutoramento em Engenharia pelo Instituto Politécnico

de Lorraine – França 1983. Defendeu tese de Livre Docência na Universidade de São Paulo em 1993 e prestou concurso de professor Titular da Universidade Federal do Ceará em 1994. Orientou e co-orientou 25 trabalhos de doutoramento e 46 de mestrados. E-mail: hcunha@ufc.br

EMANUELA FERREIRA MATIAS

Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Integra o grupo de pesquisa Ética, diversidade étnico-racial e currículo (UECE). É Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Atua na área de educação. Tem experiência nas temáticas ligadas aos movimentos sociais, educação e relação étnico-racial, educação e saúde, Africanidades brasileiras, Territórios de Maioria Afrodescendentes, quilombos urbanos, Diversidade e Gênero. E-mail: emanuelamatias26@gmail.com

EUNICE GONÇALVES QUEIROZ

Graduada em Desenho Industrial – Projeto de Produto pela Universidade de Guarulhos em São Paulo, com especialização em Comunicação Visual e Computação Gráfica – Modalidade Pré-Impressão pelo SENAC e Pós Graduação – MBA em Gestão de Negócios e Tecnologia pela Fundação do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo. Têm experiência em produção gráfica, fotografia e mídias sociais e atualmente trabalha como educadora na ONG - Sociedade Benfeitora Jaguaré na área de tecnologia com grupos em vulnerabilidade social. E-mail: egqueiroz@aol.com



JOSE CRISTIANO LIMA PEREIRA

Sociólogo formado pela Universidade Metodista de São Paulo -UMESP, pós graduado MBA em Gestão de Projetos pelo Centro Universitário Estácio Ceará, artista plástico e grafiteiro. Ex-coordenador da política de igualdade racial da Prefeitura de Fortaleza (2013-2017), ex-conselheiro nacional da política de igualdade racial e de juventude da presidência da república. Atua como assessor parlamentar e arte-educador em organizações da sociedade civil. E-mail: nickcoeso@yahoo.com.br

LORENA CORREIA DE JESUS

Bacharela e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, especialista em Projetos Sociais e Políticas Públicas pelo SENAC e mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é analista de processos de sociais - socióloga na Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia, como foco na implementação da política habitacional e projetos sociais. E-mail: lorena.correia@gmail.com

LUZIA FERNANDA DOS SANTOS MORAES

Bacharela em Direito pela Faculdade Zumbi dos Palmares no período de 2012 à 2016. Curso de especialização em Bioética / Biodireito e Direitos Humanos pela Universidade Portal da Educação. Iniciação Científica: Tema “Bioética/ Biodireito – Uma análise jurídica da saúde da população negra no Brasil”. Curso de especialização em Contratos, Direito Empresarial, Mediação Conciliação e Arbitragem – Escola de Cursos Jurídicos. Jus Pos-

tulandi. Aluna ouvinte do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Regional do Cariri- URCA. Disciplina Educação, Cultura e Pensamento Negro. E-mail: draluzfm7@yahoo.com.br

RUDYERD GONÇALVES APARECIDO LOURENÇO HUNGARO REIS

Natural e residente da cidade de Porciúncula-RJ. Graduado em História pela UNFSJ em Itaperuna-RJ, no ano de 2014. Pós-graduando em História e Cultura Afro-Brasileira. Colaborador do Grupo de Pesquisa Ensino de Geografia, Currículo e Multiculturalismo. Pesquisador sobre Bairros Negros na cidade de Porciúncula. Professor da rede pública do Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais e professor de História, Filosofia e Sociologia na rede privada de ensino na cidade de Porciúncula-RJ. E-mail: rudyerd.50807374@prof.educa.rj.gov.br

SAMIA PAULA DOS SANTOS SILVA

Doutoranda em educação PPGE/UFC (2017), Mestre em Educação PPGE/UFC (2016), Linha Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola; Eixo Sociopoética, Cultura e Relações Étnico Raciais. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (2012). Membro do grupo de pesquisa Ética, Educação e Formação Humana (UECE). EMAIL: samiapaula86@gmail.com

SAMUEL MORAIS SILVA

Pedagogo e Especialista em Gestão Escolar pela Universidade



Regional do Cariri (URCA). Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), na linha de pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola, no Eixo Temático: Sociopoética, Cultura e Relações Étnico Raciais. Compõe a comissão organizadora do Artefatos da Cultura Negra, é membro do Núcleo de Estudos em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais - NEGRER/URCA. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Escola, Gestão escolar com ênfase na implementação da Lei 10.639/03, Formação de professoras(es) para educação das relações ético-raciais e Práticas Baopedagógicas antirracistas. Atualmente é professor efetivo da Rede Municipal de Crato e bolsista supervisor do PIBID/URCA, orientando o subprojeto pedagogia/alfabetização. E-mail: samuelprojetocariri@gmail.com

TIAGO SOUZA DE JESUS

Mestrando em Educação brasileira na Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atualmente é professor na SEDUC/CE e Agente de Gestão da Inovação Educacional na Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 01). É membro do grupo EtnicoLeituras. Desenvolve pesquisas que abordam os temas Educação, Africanidades e Espaço Urbano. E-mail: tiagounifesp@gmail.com

VICTOR MATHEUS GONÇALVES DE FIGUEIREDO

Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atualmente cursa o mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), no eixo práticas lúdicas, discurso, infância e relações etnorraciais. Faz parte do grupo de pesquisa LUDICE. E-mail: victor.matheus@hotmail.com



CAPITULO 1

BALANÇANDO MINHAS MEMÓRIAS ANCESTRAIS E TESTEMUNHANDO MEUS ENRAIZAMENTOS: O NEGRO EM MOVIMENTO ESCREVIVENDO

Samuel Morais Silva

Esta viagem que começa aqui só é possível porque redescobri um mundo que é meu, mas que não pertence só a mim. Ele é uma parte de uma busca que todos nós devemos fazer para compreender quem somos. Por isso, sempre que eu falar de mim neste livro, estarei também falando sobre você. Ou, ao menos, sobre essa busca saudável por identidades. [...] Os momentos que soarem mais autobiográficos estão aqui apenas para servir de fio condutor da viagem que fiz para destrinchar esse tema. Se posso fazer uma sugestão, aconselho que abra este livro não para minha biografia, mas para ouvir as vozes dos que estão ao meu lado (RAMOS, 2017, p. 13).

Sou Samuel Morais Silva, um negro em movimento¹,

¹ Entendo por negro em movimento, a maneira imperiosamente insigne, com que as/os negras/os estão colocando as verdades histórico-sociais na cara da sociedade brasileira que ninguém antes ousou explicitar. É nesse sentido que a população negra deste país – que, reitero, já é majoritária – reinventa mundos, recria caminhos, pula as barreiras postas e arquiteta a sua própria vida. E isso, em que pesem os problemas sociais, étnicos e raciais orgânicos, as fraquezas, as incoerências e incertezas, que formam a trama cotidiana da(o) negra(o) no Brasil, assim como no resto das Américas. As(os)



ponta de lança que quer perfurar o âmago dessa sociedade racista, um educador afrodescendente que procura, por meio da escola, ajudar negras(os) a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial (FANON, 2008). Originário de um meio materialmente desprivilegiado, oriundo da classe trabalhadora pobre e negra, tive que driblar muitos impasses, quebrar freios sociais e pular as linhas de fronteiras que separam as/os oprimidas/os das/os opressoras/es, para me sobressair da situação de marginalidade perpétua.

Cresci em meio às africanidades, todavia só fui aflorar minha consciência racial para o ser negro e para os nossos artefatos, na fase adulta. Vivi em conexão com a cosmovisão africana, no entanto, só vim sentir a cosmosensação depois de crescido. A minha relação com as africanidades está fincada desde a infância nos bairros negros de onde sou e até hoje convivo. Lugares em que as cenas de vidas são tão marcantes e muito têm a nos instruir.

São bairros que dizem muito sobre mim e a população negra brasileira, e, ao lembrar-me das vivências nesses territórios, recordo as/os amigas/os que não tiveram a mesma persistência e, por vezes, as oportunidades que estou tendo. De entrada, destaco os bairros afrodescendentes por onde andei e até hoje percorro caminhos que, embora sejam condoídos, é prazeroso sentir, compartilhar e aprender com os “corações valentes” que se erguem diariamente nesses guetos, mesmo vivendo dias tão cinzentos.

Sou fruto desses bairros negros marcados pelas mais diversas formas de sociabilidade, minha trajetória nesses territórios afrodescendentes inicia-se no “beco do cachimbo”, uma vila negras(os) estão se erguendo e movimentando as diversas partes do hemisfério.

que faz divisa com o centro da cidade do Crato (irei discorrer geograficamente onde está situada a referida cidade adiante). Uma infância livre, brincando descalço, subindo em árvores, entrando em túneis e atravessando o canal Rio Granjeiro. Foi dessa forma, irmanado as (os) amigas/os do beco, que vi nascer e vivi momentos de alegrias nas rodas de samba com o grupo de pagode “k’ kum nós”, quando realizávamos, nos finais de semana, o encontro de pagodeiros das comunidades. Nesse mesmo ambiente de luta, resistência e irmanação, tínhamos o time de futebol “Veneza”, à serviço da formação sócioeducativa e lazer das crianças e adolescentes.

Andar pelas adjacências do beco, é pujante a marca da presença de Dona Raimunda, rezadeira e mãe de santo que atendia a comunidade com diversos problemas, bem como também atendia as pessoas que vinham de outras localidades em busca de cura e tratamento. No beco, mesmo diante das adversidades, tínhamos o momento reservado todas as noites para brincar de “pezinho”, “jogo da lata”, “carteira”, “cai no poço”, “bicheirinha”, “esconde-esconde”, fazer torneios de pião, bilas, entre outras brincadeiras característica da cultura local.

A exemplaridade desses momentos lúdicos, jazem com a morte do Judas Iscariotes, que acontece anualmente no último domingo de abril. São essas brincadeiras que, de modo algum, não podem e nem devem ser esvaziadas de sentidos – negadas ou esquecidas nos bairros afrodescendentes, assim como a infância afrodescendente que muito pouco se tem escrito e há muito a ser revelado.

Até hoje procuro visitar o beco do cachimbo, reencontrar Sâmia, Dona Margarida, ir ao estabelecimento de Dona Chiqui-



nha, artesã de bonecas de pano e panelas de barro, conversar com Silvestre na sua bodega, chupar o picolé na sorveteria de João. Esses lugares e essas pessoas, assim como tantas outras, fazem parte dos acordos e imposições tecidos no contexto das minhas relações sociais e raciais, que se reverberam em estruturas físicas e afetivas nos aglomerados bairros negros urbanos.

Percorrendo minhas memórias negras, faço outra parada no segundo bairro, vulgo Seminário, onde pisei firme para conviver com o racismo perverso contra as religiões de matrizes africana, notadamente a Umbanda, religião que frequento e há inúmeros terreiros na cultura local. Creio que tal preconceito fora sofrido pelo fato do bairro ter sido fundado há 78 anos e lidar com um mosteiro que está à serviço da igreja católica, formando e disciplinando homens que serão submetidos às normas e doutrinas cristãs da basílica de onde saem padres. (PINHEIRO; FILHO, 2010).

No bairro Seminário, entre a vila torta e a rua Manoel Macedo, vivi na minha própria casa, as primeiras batidas de tambores e cantigas doutrinárias saudosas reverenciando os nossos ancestrais, entre os terreiros de meu pai biológico e pai-de-santo e o terreiro de Nainha, a qual costumo nomear minha segunda mãe. Mulher que me concedeu abrigo, amor e proteção após a separação dos meus pais, quando minha mãe biológica migrou para São Paulo na perspectiva de dias melhores.

Entre os cultos afro-religiosos da casa de papai e Nainha, fui me instruindo e (re)nascendo comigo mesmo e com o outro, para compreender a ética do conviver socialmente no mundo. Seguindo esse clico ancestral, ao renascer na religião

de base africana, aprendi a respeitar a do semelhante. E, mesmo adepto a outra religião, participei na comunidade da organização de alguns festejos religiosos católicos organizados por Dona Valda, militante assídua do bairro, cuja sua presença na minha vida e formação, foi fundante.

Todos os anos ela organiza, no mês de março, a ida do padroeiro São José a uma das casas dos moradores, assim como no mês de maio, a coroação de nossa senhora. São momentos em que ela reúne crianças e adolescentes para participar das celebrações. Instigada pelo sonho de um mundo melhor, Valda realiza na comunidade no mês de junho, a quadrilha junina “Arraia do Nosso Povo”, composta por todas/os da comunidade. Concretiza, no mês de abril, a páscoa solidária com as famílias mais carentes do bairro e, no final do ano, data alusiva ao natal, o amigo secreto com todas/os moradoras/es. Não sei onde ela encontra fôlego para realizar festivais dançantes e musicais com a juventude. Ao adentrarmos na Vila Torta e na rua Manoel Macedo, somos tocados pelas músicas de reggae e rap, entoadas em quase todas as casas. Canções captadas pelas nossas sensibilidades raciais, gravadas nas memórias ancestrais.

O bairro Seminário, apesar dos rastros colonizadores, guarda as heranças da terra mãe África no existir do povo, as africanidades movimentam o território. Transitar pelas comunidades Cacimba, Malvina, Baixada e Conjunto Vitória Nossa, é sentir o solo africano, culturas africanas e os lugares de ocupação da diáspora negra. É o lugar da banda cabaçal dos irmãos anicetos, do grupo capoeira muzenza, de sete terreiros de Umbanda. Só na Rua Manoel Macedo, são três casas religiosas. É território também do forró dos idosos, onde no último sábado



de cada mês, senhoras/es da comunidade se reúnem para dançar o famoso “fórró dos véi”, ao toque da sanfona de tio Aluísio, entre outros sanfoneiros. Podemos encontrar os torneios de voleibol e futebol no campo esporte clube.

Gosto de entender minha origem pelo bairro Seminário, porque é nesse lugar que recebo os abraços afetuosos, em especial aos domingos quando vou almoçar na casa de Naninha ou vovó Sebastiana, onde atualmente, mora papai e minhas tias. Vou também para reencontrar Dona Valda e sua linda família, pois existe um sentimento de inocência cada vez que temos o privilégio de sentarmos nas calçadas para jogar conversa fora comendo manga verde ou seriguela com sal ou assando o churrasco no quintal de Valda, ao som do pagode improvisado, uma felicidade descompromissada, que só sinto nesses bairros onde posso falar de afeto no seu mais lindo e genuíno sentido.

Na sequência dessa teia ancestral, saliento o terceiro bairro negro onde hoje vive minha família. Um lugar ainda de muitas ausências, mas também de muitas possibilidades. Para mim, existe uma conexão ancestral muito forte para ser ignorada. Tem a ver com a zona de conforto e exclusão, ambivalências que relevam a importância da luta do povo negro por terras. Para muitos cratenses, o bairro Independência recebeu a alcunha de “sem terras” e/ou “sem tetos”, após a invasão de centenas de moradoras/es cansadas/os das desigualdades sociais e raciais, que causam violação à população pobre e negra.

Ao desterritorializar lembranças dolorosas nesse bairro, toco em pontos delicados do meu ser negro, em alguns machucados. Entretanto, sinto a sensação de alívio por me ver narrando minha história e de pessoas aguerridas/os. E, foi entre dias

de lutas e glórias, que se fundou o bairro Independência, um território predominantemente negro, minha chegada ao local só foi possível após centenas de pessoas, entre estas, minha mãe e tias, invadirem o terreno baldio que estava a serviço da igreja e do governo municipal. Em face a essa situação, muitas afrontas e enfrentamentos, dias de sol e chuvas, os dominados venceram os dominantes.

O bairro é local da sede “somos independentes”, que abriga crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidades. Nessa mesma instituição incidem aulas de capoeira, caratê, danças, cursos de costura, cabeleireiro, culinária, entre outros. O aglomerado de casas construídas não foi suficiente para acolher todas as famílias, obrigando-as a se estenderem até os canaviais onde era o plantio de canas de açúcar de uma das famílias mais ricas da cidade.

Ao invadirem os verdes canaviais da referida família, provocou-se imensos conflitos que até hoje se perpetua. A formação desordenada do bairro trouxe consequências nefastas para muitas pessoas que construíram suas casas de acordo com suas condições financeiras. Para exemplificar, relato o caso da nossa família, pois, ao construirmos a casa com materiais precários doados por alguns políticos, o imóvel desmoronou. Em face a essa situação, tivemos que nos deslocar para a casa de parentes e nos reerguermos solidificando-nos, recodificando-nos e metamorfoseando-nos constantemente.

Lá em casa, a gente “herdava” muita coisa: uma mesa de alguma tia, uma estante de um amigo da família, roupas usadas de moradores do bairro, uma cama de não sei quem... E assim foi por um bom tempo. Praticamente nenhum móvel



nosso foi comprado por nós. E que bom poder ter isso, essa rede comunitária! Quanta gente por aí não tem e queria ter? Era ótimo poder contar com essas coisas, porque, apesar do tanto que minha mãe trabalhava, a prioridade dela sempre foi não deixar faltar comida na mesa e pagar o aluguel, quase nada para ela ou para casa, e aí não sobrava dinheiro.

Mexendo na minha caixinha de memórias, balançando lembranças, recordo-me dos sonhos simples que tinha quando criança, um deles era ingressar no mercado de trabalho para comprar uma geladeira, um som e uma TV colorida para nossa casa. Pois por muito tempo bebíamos água gelada da casa de algum parente que morava próximo ou algum vizinho que permitia nós colocarmos uma garrafa com água para congelar, esses mesmos vizinhos consentiram que eu assistisse algum programa televisivo nas suas televisões coloridas. Para ouvir músicas pedia emprestado o micro system (na época som portátil) de uma vizinha e amiga querida.

Toda essa cultura negra do gueto, de pobreza potente, tem me ensinado muito. É incrível como ela reinventa mundos, recria caminhos, pula as barreiras postas e arquiteta a sua própria vida. Se hoje o Brasil, associado a um dos lugares de maior índice de corrupção ocasionada pela elite branca, crises éticas, retrocessos maléficos, perda de tantos direitos conquistados a lume do suor e lágrimas sobretudo da população negra, tem outros horizontes, passa por essa força singular dos corpos negros e sujeitos afrodescendentes que emergiram das bordas e podem reinventar a trágica e solar democracia nada racial. Os bairros negros são continentes e oceanos ancestrais educativos vivos, contudo, invisíveis aos olhos da sociedade. Parafraseando

Lázaro Ramos (2017), nosso mundo, nossa escola são os nossos bairros.

Homem que sou, negro que sou, não teria a força vital e determinismo para seguir enfrentando e afrontando se não tivesse legado das inúmeras virtudes das/os minhas e meus mais velhas/os, o amor que me move. Valor que honro do meu avô, João Padeiro e da minha avó, Dona Mundinha, pontes da ancestralidade africana, bases negras da minha linhagem materna. Homem e mulher de ferro, substantivo atribuído a essas pessoas essenciais que abrem meus caminhos e tecem o meu viver no transcurso da história. Ambos eram feirantes ávidos na feira do Crato, africanidades que dão vida à cidade e movimentam o lugar. “Ao amanhecer o dia, já se acham as ruas comerciais repletas de bancas, montões de frutas, cereais, vendedores e compradores, em vai-e-vem contínuo” (PINHEIRO; FILHO, 2010, p. 48).

Nesse território ancestral, entre a infância e juventude, meu corpo gingou muitas feiras vendendo “dindim”², bandejas de guloseimas e de frutas. Esta última, teia ancestral tecida de geração a geração até os dias atuais. A respeito disso, lembro saudosamente quando acordava cedo com destino ao mercado junto aos familiares, para aguardarmos e comprarmos as primeiras frutas que chegavam da Bahia e de outros estados. Em seguida, abríamos a banca, enchíamos os sacos de saladas, recheávamos os tubos de pimentas, colocávamos os caçoares para fora da banca para “chamar os fregueses”. Era assim que vovó dizia, é desse modo que mamãe e minhas tias mencionam até hoje. Vovô João partiu para o outro plano, vó Mundinha

2 Dindim, na cultura brasileira, é o modo reduzido de dizer, num contexto informal, “dinheiro”. Mas também é geladinho, sacolé ou gelinho muito comercializado no Cariri cearense.



também consequência da Covid-19, mas jaz aqui, os vejo e sinto em mim.

Seu José e Dona Sebastiana (pontes da ancestralidade africana, bases negras da minha linhagem paterna), além da feira ser um marcador afroancestral nas suas / nossas vidas, eram dançantes e brincantes do coco e maneiro pau. Vovô, açougueiro, vovó, costureira. Por vezes, em especial nas renovações³ da casa deles e tias/os, os vi dançando coco e folian-do maneiro pau. Atualmente, dançam e foliam com os nossos ancestrais. Como pessoas de ferro que foram / são, jamais se curvaram diante de uma situação em que tentassem desqualificá-los e humilhá-los. Que eu possa ser porta voz do legado e guiado por tudo que pude aprender com elas/es.

Fruto do amor de vovô João e vovó Mudinha, das/os nove filhas/os , nasceu mamãe, Celeide. Mulher, negra e feirante assídua no grupo de vendedoras/es ambulantes da praça da Sé na cidade do Crato. Em linhas gerais, consinto que as palavras de Conceição Evaristo, revelem quem é mamãe, uma mulher aguerrida que corre o tempo todo querendo talvez vazar o mingado tempo do viver. Desde pequena guarda um sentimento de urgência. A vida segue o ritmo acelerado do seu desejo, trabalho, trabalho, trabalho, o dia entupido de obrigações (EVARISTO, 2016).

Dos 14 filhos da união da vó Sebastiana com vô José, nasceu papai, Francisco. Sacerdote do terreiro de Umbanda “Casa de Oxóssi”, localizado no bairro Seminário, na citada cidade.

3 Ritual religioso da igreja católica que acontece na maioria das casas do Cariri, onde a “rezadeira” ou o “rezador” reza o Ato de Consagração da Família ao Sagrado Coração de Jesus, em comunhão com os presentes. A tradição foi trazida para o interior do Ceará pelo Padre Cícero Romão Batista e segundo a tradição, a escolha do dia para a Renovação é feita a partir de uma data especial para a família. Fonte: <http://diocesedecrato.org/tradicional-renovacao-ao-sagrado-coracao-de-jesus-tambem-e-realizada-na-casa-episcopal/>. Acesso em 04/06/2018.

Além de pai de santo, é rezador e curador. Dessa relação entre meus pais, nascemos eu e meu irmão, Ismael. Essa trajetória, enraizada no seio familiar, certificam os marcadores das africanidades na minha linhagem étnica.

Crato é a minha cidade natal e o lugar onde resido, um território infelizmente ainda pouco explorado em sala de aula pelo professorado da rede municipal de ensino. Somente em 21 de junho, dia em que se comemora o dia do município, surgem algumas ações pontuais nos conteúdos escolares. Há seis anos lecionando na Educação Básica, desconheço aulas de campo que tenham mostrado os aspectos geográficos, históricos, culturais e ancestrais formadores da alma do povo cratense.

As/os discentes sabem nomear a cidade, todavia desconhecem a história arquitetônica ou as pessoas que construíram. E, como não conhecem o ritmo arquitetônico por qual passou a cidade, não sabem das peculiaridades ancestrais presentes na territorialidade, são esvaziados da memória ancestral. Chão da banda cabaçal dos irmãos anicetos, dos grupos Maculelês, das rodas de capoeiras, dos cultos afro-religiosos, da pisada do coco da Mestra Edite, do Maneiro Pau do Mestre Cirilo e tantas/os mestras/os da cultura negra, Crato é uma cidade em conexão ancestral com a terra-mãe África, apesar do abismo imenso no reconhecimento da cultura negra-africana na educação das crianças e adolescentes da rede de ensino.

Falar sobre o Crato e dos entremeios que envolvem a esfera das heranças africanas legadas, especialmente no movimento cultural da cidade, remete-me a um agradável passeio pelas teias de um passado que vivi e absorvi a partir da comunhão de memórias que, de tão vivas, se materializam nesta



escrevivência. Crato é um município brasileiro que se localiza no interior do estado do Ceará, ao sopé da Chapada do Araripe⁴ conhecida por muitos como “berço da cultura” e “princesa do Cariri”. Lugar que define, dá sentido e faz criar um sentimento de pertencimento e estranhamento do ponto de vista desta escrita, que se cruzou com a história local assinalada por exploração, em razão da escravização que povoou a região.

É o caso do Cariri Cearense, onde está localizado o “Craquinho de açúcar”, e que apresento nesta escrevivência para situar a que lugar estou me referindo e porque ele está inserido no contexto histórico, temporal, espacial e educativo, como campo temático desenvolvido por esta reveladora e meticulosa narrativa autobiográfica, que se constitui como ação política, compromisso educativo e necessidade de retorno social para aquelas/es que foram silenciadas/os e apagadas/os da história. Nesse caso, o povo negro cratense.

A história do Crato se confunde com a de muitas cidades brasileiras que foram construídas e lapidadas a lume do suor, lágrimas e força dos corpos negros que saturam e esteiam até os dias atuais o Brasil nas costas. Há um apagamento total dos protagonistas arquitetônicos que ergueram e içam a cidade e fazem a mesma movimentar-se culturalmente, economicamente, artisticamente, educativamente e socialmente.

Descrever meu trajeto negro escolar, universitário e profissional, permite revelar como a intervenção do(a) educador(a) é capaz de reverter a carga de sentidos pejorativos investidos na

4 A Chapada do Araripe ou Planalto do Araripe constitui o grande marco geomorfológico do Sul cearense, apresentando perfil discernível a grandes distâncias. É formada por um platô com topo conservado em nível aproximadamente 800m, de maior extensão leste-oeste, com quase 180km, e média de 50km no sentido norte-sul, limitada por rebordos festonados, que se apresentam mais pronunciados no setor norte-nordeste. O contato com o Planalto sertanejo é feito através de tampas, enquanto o setor sul, desenvolve-se em patamares (RIBEIRO, 2014, p. 131).

psique das crianças, jovens e adultos afrodescendentes. Oriundo de escolas públicas, saldei um preço alto ao chegar à Universidade e me deparar com um universo científico rigoroso, um terreno isento de dubiedade e enfermado, onde a cartografia, assim como muitas escolas, é como o campo de futebol, funcionando com regras de métrica e rima, uma forma de controle e, ao mesmo tempo, um mecanismo regido pelas(os) burocratas ocidentais, de uma insensibilidade racial condolente, cuja essência é a dominação e o exercício injusto do poder.

Retornar à escola, na missão de educador, foi a oportunidade de relevar a ela outro espaço de sociabilidade para o alunado negro, diferente do que foi posto a essas/es sujeitos na escola através de uma educação euroreferenciada e colonizadora. Precisava oferecer à escola o que ela me negou: Minha história de vida para a construção de outras narrativas negras e valorização da historiografia da população afrodescendente no âmbito escolar. Uma história contrária à lógica da estrutura racista presente na sociedade, notadamente nos espaços educacionais, que postula a não importância das trajetórias e histórias da população negra.

Remodelar a escola a partir das histórias de vidas das(os) sujeitas(os) que nela estanciam, compreende introduzir a história das pessoas e a importância delas(es), na requalificação da sociedade e na atuação para um mundo melhor. Principalmente por causa do racismo que impõe também a deslegitimação dos indivíduos negras(os) e do grupo afrodescendente, assim, sua história individual e coletiva perde importância para a sociedade e faz crer a estas(es) sujeitas(os) sociais que elas(es) não têm importância na história do Ceará, do Cariri cearense



e, se tratando deste texto, da cidade do Crato, até porque esta história os invisibiliza (SOUSA, 2015).

Num dia desses, me perguntaram se sou um cara realizado e qual é meu maior sonho depois de adulto. Admito que eu não soube responder. O sonho é algo livre que deveria ser impossível de controlar. Afinal, sonhos são sonhos, não realidade. Mas, a realidade é que nunca vi esse lance de sonhos na minha família. A preocupação no meu seio familiar sempre foi que arrumássemos um emprego seja ele qual fosse, pois o trabalho nos dignifica ao maior sonho que era a sobrevivência.

Mas ao costurar pedaços de mim nesta narrativa, afirmo que a escrita desta escrivência é muito das coisas que ainda sonho em fazer na vida, a saber entrar num programa de doutorado e ser o primeiro doutor da família, ser professor universitário efetivo de uma universidade pública, comprar minha casa própria e meu carro, mesmo porque a maioria de nós negros e negras usamos transporte público pelo resto da vida.

Na intenção de concluir, busco, por meio desta escrivência, apresentar uma compreensão identitária do eu negro e meus eus ancestrais fincados na minha travessia pessoal, escolar, acadêmica e, profissional. Não foi propósito deste escrito apresentar minha biografia e sim um relato quase autobiográfico, sem tornar o texto uma apologia a mim mesmo. São apenas pedaços de mim, feitos a partir de fragmentos que pude juntar de elos ancestrais.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas:

Fundação Biblioteca Nacional, 2016

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

PINHEIRO, Irineu; FILHO FIGUEIREDO, José de. **Cidade do Crato**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SOUSA, Kássia Mota de. **Por onde andou nossa família: veredas e narrativas da história de famílias afrodescendentes no pós-abolição**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.



CAPITULO 2

AUTOBIOGRAFIA

Lorena Correia de Jesus

Nasci na maternidade de um hospital particular, na Federação, no dia 10 de agosto de 1990 e foi o primeiro lugar mais elitizado que pude acessar, mesmo sendo oriunda de uma família de classe baixa do Pau Miúdo, bairro periférico de Salvador. O meu nascimento naquele espaço representava os sonhos da minha mãe Vilma e, principalmente, da minha avó Luzia que sempre almejou para sua família ocupar espaços mais abastados.

Na década de 60, em Feira de Santana, cidade do interior da Bahia, Vó Luzia, negra retinta, doméstica e mãe de 2 filhos conheceu meu avô José, um homem branco e militante ligado ao Movimento Democrático Brasileiro e entusiasta de Chico Pinto, famoso político de esquerda feirense. Ambos eram pobres, entretanto a decisão de casar com uma negra resultou no rompimento com minha bisavó materna.

Meu avô foi dono de botecos em Feira de Santana e Salvador. Um dia, indo para o bar que tinha em Salvador, foi atropelado na Ladeira da Soledade. A partir daí, em virtude das sequelas passou a trabalhar como vigilante em Feira de Santana e o alcoolismo se intensificou. Com apenas 49 anos, meu avô paterno faleceu em decorrência de complicações da cirrose e cân-



cer de fígado, deixando minha avó sozinha para criar 10 filhos menores de idade. Recebendo 2 salários mínimos oriundos da pensão e do seu trabalho, minha avó teve alguns namorados depois, mas se recusava a casar com alguém que ganhasse menos que ela. Minha avó faleceu aos 68 anos e dela tenho poucas lembranças, mas lembro com carinho da simplicidade da casa que foi aos poucos reformada pelos filhos, do seu cheiro, dos gritos chamando os netos, das conversas sobre clarear a família e das galinhas caipiras tratadas no quintal quando íamos visitá-la sempre nos feriados.

Mesmo antes da morte do meu avô, a situação financeira era complicada e meus avós decidiram que minha mãe, a mais velha dos filhos do casal, com apenas 8 anos fosse morar na casa da sua tia materna que teve 6 filhos e que residia em Cosme de Farias, bairro periférico de Salvador. Lá minha mãe ajudava nos afazeres domésticos enquanto estudava. Quando seu primo mais velho ascendeu economicamente, toda a família nuclear dele foi impulsionada e, posteriormente, ele “pegou para criar” 3 das minhas tias maternas. O que possibilitou a ascensão social e econômica de todas e da minha mãe que se tornou técnica em contabilidade e depois sócia de um escritório de contabilidade.

Na juventude, no Colégio Teixeira de Freitas na Mouraria (Nazaré), no curso técnico de contabilidade minha mãe conheceu meu pai Rozemberg, um homem negro nascido e criado no Pau Miúdo. Meus avós paternos também eram pobres, mas só tinham 2 filhos (meu pai e minha tia Meire), o que permitiu uma vida financeira mais estável. Meu avô Pedro foi porteiro, manobrista e fazia bicos para sustentar a família, enquanto mi-

nha avó Maria Adriana cuidava da casa e dos filhos. Meus avôs paternos se conheceram no carnaval no dia 23 de fevereiro de 1958. Ambos negros também migraram, como minha mãe, em busca de melhores condições de vida. Meu avô saiu com apenas 8 anos da cidade de Cabuçu para morar com a irmã na Ladeira da Preguiça e minha avó com 15 anos, de Aliança, distrito da cidade de Terra Nova para trabalhar em casas de famílias mais abastadas.

Após o casamento em 1962, meus avós foram morar de aluguel no fim de linha do Pau Miúdo. É um bairro localizado próximo à Liberdade, IAPI e Cidade Nova e às margens da Avenida Barros Reis, próximo ao centro da cidade e da região do Iguatemi. Antigamente, era uma área rural que se expandiu pela desapropriação de dois grandes terreiros de candomblé (de Seu Irineu e da “Mata do Carneiro”) que deram origens a duas escolas: Colégio Marquês de Maricá e a Escola Classe III¹ (Santos, Pinho *et al*, 2010) onde minha tia materna se tornou coordenadora pedagógica posteriormente. A escolha do bairro foi influenciada pelo fato de meu avô já viver naquela região e poder ir a pé para o trabalho.

Em 1963, eles mudaram para a comunidade do Bron-go no início da sua constituição de aluguel naquelas vilas de casas precárias e, posteriormente, compraram um terreno no qual construíram uma casa na Avenida Tranquilino Neves. A comunidade era situada entre o Jardim Eldorado, no IAPI, e a parte baixa do Pau Miúdo, próximo à Avenida Barros Reis. Segundo relatos do meu avô Pedro, antigamente passava um bonde que ligava a Calçada à Barroquinha que foi extinto após

¹ SANTOS, Elisabete; PINHO, José Antonio Gomes; MORAES, Luiz Roberto Santos; FISCHER, Tânia (Org.). O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010.



a pavimentação da Avenida Barros Reis. Ela foi impulsionada pela expansão do comércio da região, com a chegada da Cesta do Povo, fábrica de calçados, de biscoitos e de tanques para caminhão, entre outros estabelecimentos comerciais, inclusive muitos moradores da localidade trabalhavam neles.

Minha família acompanhou as transformações daquela comunidade. Eu e minha irmã Adriana crescemos ouvindo as histórias sobre as idas para escola passando por tapume acima do Rio Camurujipe, as inundações, as peladas, as compras fiado, as dívidas nos armarinhos, e as confusões. Lá eles estabeleceram suas redes de apoio na vizinhança, na Igreja Adventista e nos bares. Enquanto minha avó era evangélica, meu avô vivia nos bares com seu amigo inseparável Biriba.

A casa dos meus avós era estreita com dois quartos, sala, cozinha e banheiro cercada com uma grade com os desenhos no formato de sankofa que era moda na época e tinha um quintal grande com bananeira, mamoeiro e goiabeira. E por um período depois, comportou um puxadinho que meu pai usava para fazer biscoitos para vender.

Quando meus pais se casaram em 1988, eles bateram laje na casa dos meus avós paternos. A minha casa acompanhava a planta da casa debaixo. E foi nessa configuração familiar que eu e minha irmã mais velha nascemos com as batidas do cabo de vassoura que minha avó usava para que parássemos de fazer barulho ou acordássemos para ir à escola.

A proximidade com a casa dos meus avôs tornou nossa criação mais leve e apesar dos conflitos, foi o mais próximo do provérbio africano “É preciso uma aldeia inteira para criar uma criança”. Sempre tivemos Neide, uma menina também vinda

do interior próximo ao do meu avô paterno, que cuidava de mim e da minha irmã e que repetia a mesma história da minha mãe e da minha avó paterna. Nos momentos de imprevistos, meus pais sempre puderam contar com meus avós e minha tia materna. Foi assim que acabei frequentando tanto os cultos no domingo quanto os bares do Pau Miúdo depois da escola, sempre cercada dos doces feitos pela minha tia materna.

Na minha infância, a comunidade já tinha mudado muito e a ponte improvisada sobre o Rio Camurujipe que já tinha virado esgoto foi substituída por uma pré-moldada. Eu sempre passava nela com os olhos fechados porque tinha medo de cair no esgoto. Afinal, se eu não via, não tinha como cair. A comunidade estava no vale e para acessar a rua principal, tínhamos que subir uma escadaria pré-moldada e uma ladeira muito íngreme. Não poucas vezes meu pai tinha que revezar para nos carregar porque eu e minha irmã estávamos cansadas já na metade do percurso.

Era visível a pobreza dos meus vizinhos, mas a violência que tornou a comunidade conhecida não estava presente. Meus vizinhos eram, na sua maioria, negros e a rua era formada pelos mais abastados e os mais pobres. Dessa época, eu lembro dos meus vizinhos: Dona Jojó e suas filhas Geane e Geonei, tio Raimundo, das crianças Cutinha e Mário e dos gritos de Chica, uma senhora que era tida como maluca pelos vizinhos. Meu pai reproduziu a criação dos meus avós e com medo, eu e minha irmã só brincávamos na rua nas férias quando compartilhávamos nossos brinquedos com Cutinha e Mário. Mesmo tendo bicicleta, morar numa escadaria fazia com que meus pais tivessem que se deslocar com o brinquedo nas costas para uma área



plana mais perto da Av. Barros Reis, o que fez com que eles desistissem aos poucos e não aprendêssemos a andar de bicicleta quando éramos pequenas.

Desde pequena, Monique, minha prima materna, era obrigada a passar as férias conosco com objetivo de afastá-la do mau caminho da Rua Nova, bairro periférico de Feira de Santana no qual minha mãe nasceu. Muitos tios meus continuaram a morar lá e constituíram famílias. Nesses momentos, eram evidentes as diferenças de criação entre a nossa e das minhas primas que viviam mais soltas nas ruas.

Eram muitas brigas e mediações da minha avó materna, mas minha mãe fazia questão que convivêssemos. Mais raramente, passávamos um período das férias na Rua Nova e podíamos vivenciar as ruas do bairro transitando entre as casas de familiares e nas quitandas atrás de doces. Na época, a Rua Nova já era considerada mais violenta, mas essa violência não impedia a circulação das crianças. Era uma troca de vivências, já que em Salvador minhas primas tinham acesso a cinemas, praias e shopping, algo que não era possível para elas em Feira de Santana.

Com o passar dos anos, todos os vizinhos que tinham mais dinheiro na localidade acabaram se mudando para a rua principal do bairro, como sinal de ascensão socioeconômica. Como pude observar mais tarde no meu trabalho na Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER), as vias principais dos bairros periféricos de Salvador geralmente estão no ponto alto dos morros e os vales são os lugares em que o acesso a serviços públicos vai se precarizando. Sendo assim, mesmos os moradores de um mesmo bairro

terão vivências distintas.

No início dos anos 2000, minha família também decidiu se mudar, mas tínhamos uma condição que era a necessidade de encontrar um lugar no qual pudesse construir duas casas: uma para meus pais e eu e minha irmã e outra para meus avós e tia paterna. Foi assim que passamos a morar na rua principal do Pau Miúdo na Chácara Ramos, uma rua sem saída que os moradores fecharam e fizeram um “condomínio”. Mesmo dentro daquele espaço, havia distinções entre os moradores. Os que moravam na rua da frente eram conhecidos como barulhentos, que gostavam de brigas e confusões; enquanto, os de trás eram mais “sossegados” e ocupavam um status privilegiado. Pela extensão minha casa tinha a possibilidade de ser virada para qualquer uma das ruas, mas minha família de forma consciente optou pela entrada pela rua de trás. Apesar de alguns serem nossos vizinhos da Rua Tranquilino Neves, as nossas relações de vizinhanças nunca foram muito próximas naquele “condomínio”.

Na idade escolar, fomos matriculadas no Colégio Salesiano, localizado em Nazaré. Meus pais sempre priorizaram nossa educação e minha mãe fez questão de matricular na melhor escola que eles podiam pagar na época. Era uma escola católica direcionada para classe média, mas não era tão elitista e era fácil encontrar moradores de bairros periféricos com o mesmo perfil da minha família. Mesmo morando em uma comunidade mais pobre, eu sempre pude frequentar ambientes mais ricos seja por meio da família da minha mãe, seja pelas escolas que frequentei. Crescer nesses lugares sempre me fez ter consciência de quem eu era e também um deslocamento de nunca se



sentir pertencente aos lugares que estava.

Quando eu ia para o ensino médio, falei que queria ser diplomata e minhas tias maternas, as mesmas que vieram morar em Salvador, e minha mãe decidiram investir numa escola melhor e fui estudar no Colégio Antônio Vieira, localizado no Garcia. A dinâmica lá era totalmente diferente do que eu tinha vivido até então, apesar de ter estudado em escola particular a minha vida toda. Ali constatei que eu era pobre demais para ser classe média, classe média demais para ser pobre. Intensificou meu sentimento de não pertencer realmente a nenhuma realidade em que estava inserida.

No Vieira, os alunos eram divididos em panelinhas desde o maternal, eram filhos de políticos, cantores famosos, professores universitários, empresários importantes, pessoas com capital político, econômico, social e cultural a qual nunca tive acesso. Ao chegar nesse espaço, eu descobri que eu tinha talento para ser socióloga. Eu passava a maior parte do tempo teorizando sobre os micropoderes entre as panelinhas e as trajetórias dos alunos para angariar poder e influência nesses espaços. O colégio tinha como diferencial a área de humanas e tive contato mesmo que superficial com grandes autores da sociologia, como Weber, Durkheim, Marx, Foucault, Bourdieu e Sérgio Buarque de Hollanda.

Foi com Sérgio Buarque que aprendi a forçar intimidade para ser aceita nos espaços e perceber que meu jeito mais introvertido era um obstáculo para meu sucesso naquele espaço. Além de tudo, eu era uma mulher negra de bairro periférico num espaço que eu era colega de sala do neto do ex-governador da Bahia. Enquanto no Salesiano eu transitava tranquilamente

entre as panelinhas, no Vieira eu fiquei presa em um grupo formado por uma maioria de garotas negras, porém de classe média alta, enquanto eu era classe média baixa, moradora de periferia.

É engraçado lembrar que às vezes quando eu voltava para casa de ônibus, meu trajeto era pela Liberdade e eu adorava a confusão e a bagunça, mas eu tinha um olhar de distanciamento como se não morasse em um bairro similar, pois por não ter sido criada na rua não tinha vivência do que era viver em uma comunidade. O que não acontecia quando eu passeava nos museus e galerias de artes no Corredor da Vitória, no shopping Barra, não havia olhar de estranhamento por mais que houvessem os comentários sobre os alunos de escola pública presentes. Quinta feira íamos visitar os museus de graça. A farda do Vieira sempre me blindou de abordagens que outros adolescentes negros sofriam e que por diversas vezes eu presenciei.

Estar numa universidade pública não foi um desafio racial para mim, pois acredito que cumpria os requisitos para uma pessoa negra ser aceita naquele espaço branco, ou seja, uma negra embranquecida o suficiente. Pela primeira vez na minha vida educacional, eu não era a única negra do recinto e isso foi um alívio.

Quando comecei a cursar ciências sociais em 2009, já tinha sido implantado o sistema de cotas na graduação e pude conviver com colegas de trajetórias diversas, mas tive apenas um professor negro. Meu entendimento como mulher negra desde criança não me fez interessar pelo assunto na UFBA. Pelo contrário, estava determinada a estudar relações internacionais



e direitos humanos, participando de grupos de pesquisa e iniciação científica. O meu sonho de ser diplomata foi substituído aos poucos pelo sonho da carreira acadêmica. Na minha monografia, falei sobre a migração haitiana no Brasil e ao longo das 50 páginas mencionei a raça dos imigrantes e o racismo apenas duas vezes, ignorando que ser negro impactava na experiência de acolhimento desses imigrantes no Brasil.

A incerteza sobre o meu futuro profissional e as dificuldades de seguir a carreira acadêmica fizeram que no meu ano de conclusão do bacharelado, eu me dedicasse com mais afinco a estudar para concursos, passando tanto como temporária na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) quanto efetiva na Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER). Em 2013, fui trabalhar como técnica social temporária na Chapada Diamantina.

Pedi desligamento e fui fazer intercâmbio para o Canadá em 2014. Desde a faculdade, eu economizava dinheiro para fazer intercâmbio, pois a área de humanas não era contemplada com muitas bolsas. Com o dinheiro que economizei trabalhando na EBDA, consegui realizar meu sonho. Não houve deslumbremento, gostava muito do Canadá, mas quando voltei ao Brasil, me irritava muito o fato de que as pessoas esperassem que eu morresse de amores pelo Canadá e falasse como era bom viver em um país de primeiro mundo. O que não houve comigo. Saí de lá com a certeza que preferia morar no Brasil apesar dos pesares. A estadia em Toronto me fez confrontar com o meu objeto de estudo que era a migração internacional.

Era fantástico ouvir inglês com vários sotaques, mas me incomodava muito a polidez excessiva dos canadenses e o uso

da desculpa no lugar da licença. E isso me dizia muito sobre a cultura dos canadenses muito preocupada com o respeito ao espaço alheio. Na adolescência, eu sempre brincava que minhas colegas respeitassem meu espaço quando iam me abraçar. No entanto, as regras de convivência canadenses me irritaram profundamente e mesmo com educação, eu sentia a crítica velada dos canadenses de origem inglesa direcionada aos imigrantes.

Logo depois, fui convocada para trabalhar como socióloga na CONDER onde trabalho desde 2014. Atualmente, trabalho com reprogramações de projetos sociais. No período de 2014 a 2019, trabalhei no setor de pesquisa, exercendo a supervisão de selagem e aplicação de questionário e a elaboração de diagnóstico socioeconômico e de projetos sociais. O trabalho foi desenvolvido em comunidades de Salvador e da Região Metropolitana: Inferninho (Costa Azul), Jardim das Mangabeiras, Baixa do Soronha (Itapuã), Nova Constituinte, Pitanguinhas (Simões Filho) e encostas nos diversos bairros de Salvador.

Na CONDER, eu, de novo, estava adentrando em um espaço majoritariamente branco e o concurso possibilitou a entrada de mais pessoas negras no setor social com o ensino superior, mudando a cara do setor composto, na maioria, por mulheres brancas. Meu trabalho como técnica no cadastramento de famílias me fez refletir sobre o espaço urbano que até então não tinha sido objeto do meu interesse durante a faculdade. Então, o meu fazer profissional me trouxe inquietações significativas: Por que eu tenho que “pegar” o morador no erro? Por que eu tinha que convencer o morador a sair da casa dizendo que era melhor ter uma unidade habitacional com escritura se a maior parte da minha vida e da dele esse documento não fez diferen-



ça? Como dizer para uma família extensiva que eles deviam deixar sua casa com possibilidade de ampliação para viver em uma unidade habitacional de apenas dois quartos? O que torna possível o desmembramento familiar em duas famílias? Como eu posso dizer no mesmo dia que a casa ia ser demolida, que a pessoa tinha a possibilidade de ter uma unidade habitacional com escritura e que deveria ir na manhã seguinte fazer seu cadastro? Ademais, durante meu trabalho de campo, havia um acolhimento dos moradores que era distinto dos meus colegas brancos e eu me sentia cada vez mais adoecida em praticar micro violências com os moradores após conquistar a confiança deles.

Durante a CONDER, fiz minha licenciatura em Ciências Sociais e tive oportunidade de estagiar numa escola do meu bairro. Senti uma conexão com meus estudantes por conta da minha trajetória de ser moradora do bairro e uma mulher negra naquela posição. No entanto, ao mesmo tempo que eu usava minha presença para inspirar os sonhos deles, sabia a hipocrisia disso, pois eles partiam de origens totalmente diferentes da minha e muitos moravam nos lugares que eu ia na CONDER e enfrentavam obstáculos bem maiores.

A experiência de morar na rua principal é bastante distinta daquelas que moram nas regiões de vales do bairro. Durante meu trabalho, perco as contas de quantas vezes homens armados estavam próximos a nós e os moradores continuaram a conversar ali mesmo. São realidades distintas no mesmo bairro e que impactam também as oportunidades que esses moradores vão ter.

Paralelo a isso, durante o meu trabalho, eu estava pas-

sando por um processo de autoconhecimento, logo surgiam várias reflexões e constatações de ser uma mulher negra em Salvador. Então, finalmente eu tinha amigas negras e frequentava espaços majoritariamente negros, como Pelourinho, Santo Antônio, festas africanas, as festas de largo... Espaços estes que não tive oportunidade de conhecer antes porque estava no esquema escola-cinema-clubetelevisão, mais uma fase do meu embranquecimento.

A chegada à CONDER enquanto socióloga me fez ter uma leitura mais racializada sobre o que estava vivendo: ser confundida eternamente como estagiária, não assumir responsabilidades maiores apesar de ter preparo, os comentários sobre o que moradores podiam ou não reclamar, já que eles já estavam sendo beneficiados. O que me fez voltar para leituras sobre racismo e feminismo negro. Acredito que também com advento das redes sociais, houve um boom sobre as temáticas raciais entre os mais jovens.

Nas idas às festas africanas, engatei um namoro com Alfa Candé, imigrante guineense que tinha vindo ao Brasil para estudar na UFBA por meio do acordo de cooperação Brasil-África. Em 2018, fui conhecer a família do meu namorado na Guiné Bissau. Claro que, como brasileira, cresceu envolta a um imaginário empobrecido e simplista sobre o continente africano, mas naquela época meu imaginário já havia mudado por conta das leituras recentes e do convívio com africanos residentes em Salvador. Havia também uma expectativa enquanto afrodescendente sobre ancestralidade e resgate.

Para chegar lá, peguei uma escala em Cabo Verde na ida e na volta. Por conta dos cancelamentos, passei alguns dias no



país e conversei com alguns cabo-verdianos. Não tinha tido a oportunidade de conversar com os cabo-verdianos no Brasil. Foi lá que percebi que eu facilmente passava por cabo-verdiana e as conversas sempre seriam iniciadas em *criolo* cabo-verdiano. A miscigenação em Cabo Verde era muito próxima do Brasil e era constante a presença de europeus no vai-e-vem dos aeroportos. Durante as conversas, os cabo-verdianos se mostraram surpresos sobre minha ida à Guiné Bissau e deixaram claro que eram diferentes do que um chamou de África Colorida. O que, de fato, constatei quando cheguei na Guiné Bissau, mas o que me chamou atenção nos diálogos era a vontade de dizer que era “mais desenvolvido”, os quais interpretei como uma forma de se distinguir e se dizer mais próximo da Europa.

Chegar à Guiné Bissau foi um baque para mim. Primeiro que eu não sabia falar *criolo* guineense e esperava que os atendentes soubessem falar português. Aprendi na prática que o português é apenas usado nas escolas e ao contrário de Cabo Verde, pelo tratamento dado no aeroporto, Guiné não estava acostumada a receber muitos estrangeiros, me questionaram se era de Cabo Verde mesmo com meu passaporte na mão e depois por curiosidade me perguntaram se eu era evangélica. Ali, apesar de ser negra e ter tonalidade parecida com algumas etnias, eu facilmente era reconhecida como estrangeira. Meu comportamento me denunciou e quase morri de arrependimento de não ter aprendido *criolo* quando meu namorado tentava ensinar.

Todos os aspectos da minha viagem à Guiné Bissau foram mediados pelo fato de que eu era família e então, mesmo visitando, eu era tia, nora, cunhada de metade de Québo, cidade

do interior ligada à etnia fula, pelas relações de parentesco deles. Se no Canadá eu saí reclamando que os canadenses pediam desculpa na hora errada e tinham preocupação excessiva com invadir, em Guiné não houve choques culturais significativos.

Os familiares e amigos mais novos fizeram um esforço para conversar comigo usando todo o português que tinham aprendido na escola e com os mais velhos me comuniquei por meio de mímicas e traduções simultâneas. A melodia, o cheiro, o calor, os costumes, tudo me lembrava casa. Entretanto, para a família do meu namorado, eu era reconhecida como estrangeira e do ponto de vista cultural mais próxima da missionária portuguesa do que deles, conforme Boucha, sobrinha do meu namorado de 10 anos, que fez questão de me dizer quando assistíamos ao jogo de futebol no campo. Ser negra não foi visto como fator de aproximação porque culturalmente eu não tinha similaridade com eles.

A escravidão e a diáspora africana mais antiga não eram assuntos considerados, só surgindo na conversa quando eles resolveram me levar para passear em Cachéu, onde estava localizado o antigo porto de tráfico de escravos. O que inquietou a família do meu namorado era que eu morava na favela na época e como eles assistem muito a TV Record lá, eles demonstraram preocupação com a minha segurança.

Estar inserida na família guineense me possibilitou compreender mais as similaridades entre mim e meu namorado. Guardadas as devidas proporções, ambos viemos de uma cultura familiar que preza o coletivo e o respeito aos mais velhos. Em Québo, a casa da avó dela fica rodeada das casas dos filhos que ficaram na Guiné Bissau. Por conta das dificuldades econô-



micas, a diáspora africana ainda é bastante intensa e muitos de seus filhos se encontravam em Portugal.

Nesse sentido, é curioso o laço formado entre o país colonizador e o colonizado, ainda hoje Portugal é o lugar onde a maioria dos guineenses migram e sonham em imigrar e onde eles têm que se deslocar para fazer exames de saúde mais complexos. Voltando para o assentamento familiar, havia uma clara divisão de tarefas entre as casas do terreno tanto no cuidado com as crianças (banho, trançagem dos cabelos, entre outros) quanto no revezamento na cozinha e buscando água no poço. Foi ali também que tive a primeira prova que eles não me consideravam negra no sentido cultural da palavra, quando a tia do meu namorado falou que ia me ensinar como uma negra cozinha.

Havia um anexo com fogão de lenha no meio do terreno em que as mulheres da casa revezavam para cozinhar e por ser visita, me foi delegada a tarefa de cuidar das crianças. Ajudando ou atrapalhando, fui compartilhando o cotidiano e também percebendo as brigas, mágoas, os conflitos familiares: o excesso de tarefas domésticas da preterida, mágoas e explorações envolvendo “criar” os filhos dos outros, os rituais e festas religiosas, os presentes. Apesar dos conflitos, entendo que aquele modo de viver é uma forma de resistência/sobrevivência frente às adversidades sociais e econômicas pautada na solidariedade e coletividade.

De certa forma, eu enxerguei de maneira menor a existência disso na minha família e pude fazer paralelo com as famílias de bairros negros brasileiros. Comecei a encarar a ideia de permanecer junto e de bater laje e fazer um puxadinho e

morar perto da família como uma estratégia de aquilombamento e também resistência frente às adversidades. Para além da divisão de tarefas no cuidado dos idosos e das crianças, ter a possibilidade de fazer um puxadinho no mesmo terreno ou em cima ou ter uma forma de ampliar a casa dos pais é uma forma de dizer “daqui você não passa”, “a gente é pobre, mas você não vai morar na rua”. É geral o incômodo dos beneficiários com a não possibilidade da sua unidade seja por ser apartamento ou por prejudicar a contenção de encostas, o que ratifica esse hábito como uma forma de viver dessas famílias e estratégia de sobrevivência e resistência.

Desde minha ida à Guiné Bissau, comecei a pensar mais nas semelhanças entre o modo de vida guineense e brasileiro no que tange à cultura negra. Impulsionada por essa reflexão, comecei a ler de maneira mais sistemática livros literários de escritores africanos, como Ayòbámi Adébayò, Yaa Giasi, Buchi Emecheta, Ondjaki, Sobonfu Some, entre outros e também autores negros brasileiros, como Carolina de Jesus, Fábio Kabral, Machado de Assis, Ana Maria Gonçalves.

Nesse processo, fui me aproximando mais de autores pan-africanistas. Minhas escolhas eram voltadas para entender a complexidade de ser negro e que vissem o negro enquanto potência, mas sem uma visão estereotipada. É importante frisar que fui uma leitora voraz na minha infância e adolescência. Foram autores brancos estrangeiros que pautaram minha vivência literária até 2018. Eu peguei na internet uma lista dos maiores clássicos da literatura e li o máximo que consegui. Minha autora preferida era Jane Austen, mas foi com Harry Potter que aprendi a gostar de ler.



Quando adolescente, criar narrativas era meu passatempo preferido e minhas histórias sempre giravam em torno de protagonistas negras que se assemelham muito comigo e me acalentavam no meu sentimento de inadequação nos espaços que vivia. Sempre gostei de romances leves e minhas histórias sempre eram leves e em ambientes elitistas, lembro remotamente de colocar episódios de racismo porque entendia que minha protagonista não podia ser totalmente aceita nesse lugar.

O meu anseio de contar histórias negras pautou o meu retorno ao mestrado a fim de discutir a apropriação do espaço urbano pelas populações negras. Me fez ter coragem de cursar um programa de pós-graduação de arquitetura e urbanismo, pois mesmo fora da minha área de formação, ele ia permitir que contasse os laços afetivos, estratégias de sobrevivência e fortalecimento e ancestralidade que perpassam as populações negras no enfrentamento do racismo antinegro.

REFERÊNCIA

SANTOS, Elisabete; PINHO, José Antonio Gomes; MORAES, Luiz Roberto Santos; FISCHER, Tânia (Org.). **O Caminho das Águas em Salvador**: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010.

CAPITULO 3

PRETO TIPO A

José Cristiano Lima Pereira

1 PRA COMEÇO DE CONVERSA...

Sou José Cristiano Lima Pereira, conhecido como Nick. Sou morador da periferia e pai da Maria Bela Flor. Sou grafiteiro, artista plástico, sociólogo e especialista em gestão de projetos. Sou ativista da luta contra o racismo e dos direitos humanos. Nasci em Fortaleza, morei no interior/sertão cearense de 1984 a 1995. Retornei para Fortaleza em 1995 e moro na capital cearense, no bairro Couto Fernandes, comunidade do Triângulo até hoje (2021).

Tive atuação em partidos políticos e em movimentos sociais. Fui da gestão pública municipal como assessor de políticas para a juventude (2005-2012) e coordenador das políticas de promoção da igualdade racial (2013-2017). Fui conselheiro nacional da igualdade racial (2008-2009) e de políticas para a juventude da presidência da república (2010-2013). Atualmente eu atuo como assessor parlamentar na Câmara Municipal de Fortaleza em um mandato de esquerda e como arte-educador em uma instituição da sociedade civil organizada.

Minha trajetória de vida tem muita influência do graffiti, do rap, do movimento hip hop e outros movimentos sociais de

esquerda. A arte, os movimentos sociais e minha mãe fizeram eu ser quem sou.

2 MEUS PARENTES E A IDA PARA O SERTÃO CEARENSE

Nasci na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, no ano de 1983 em um bairro às margens do trilho do trem que ligava Fortaleza à cidade do Crato, na região do Cariri, sul do Ceará. Sou filho e neto de trabalhadores da ferrovia, também chamada de “estrada de ferro”. Meu avô paterno foi pedreiro depois de se aposentar como ferroviário. Um tio do meu pai também foi trabalhador da ferrovia. Meu irmão trabalha com manutenção de trens. Minha mãe, que trabalhou por muito tempo como doméstica, como zeladora e depois como merendeira escolar, não viveu com o pai dela e nem conheceu os avós dela. A minha avó paterna, Odete Leonardo Sá, dona de casa e artesã do crochê no tempo livre, contava que era filha de agricultores da cidade de Acopiara – CE. Não tive muito contato com a minha avó materna, Maria Ferreira Lima.

Dona Nazaré de Sá, minha bisavó materna nasceu em março de 1903 no Vale Verde, no estado da Paraíba. Meus tataravós maternas eram: Antônio Alexandre da Costa e Carolina Leonardo da Costa. Meu bisavô materno, Olímpio Mariano de Sá, nasceu em 1909, no município de São José de Piranhas, no estado da Paraíba. Era filho de Firmino Mariano de Sá e de Josefa Firmino de Sá. Eles eram trabalhadores do campo e tiveram 15 filhos, 02 faleceram ainda crianças.



Meu pai é natural de Acopiara – Ce. Minha mãe é natural de Iguatu – Ce. Acopiara e Iguatu são cidades visitadas. Minha mãe e meu pai casaram-se no município de “Parangaba, Fortaleza - CE”¹ em janeiro do ano de 1977. Tiveram seis filhos, 2 homens e 4 mulheres. O nome da minha mãe é Simone, mas é chamada de Célia. Meu pai é José, mas o chama de Zé, Nequinha ou Zé Nequinha. Meu avô paterno, Manoel Firmino Pereira, era conhecido como Seu Nequinha. Fui apelidado Lola na infância, Negão na adolescência e depois que me tornei pichador (com 15 anos) e em seguida grafiteiro com o apelido Nick. Assim sou conhecido em muitos lugares. Poucas pessoas me chamam pelo nome. Minhas irmãs e meu irmão também têm apelidos. A maioria dos meus amigos e vizinhos também têm apelidos.

Na adolescência, visitei com muita frequência a casa da minha avó paterna, principalmente nos finais de semana. Todo domingo pela manhã eu fazia o trajeto entre a minha casa e a casa da minha vó. Nessas visitas ela narrava a vida dela. Falava sobre as dores e as alegrias. Ela me contou que é bisneta de filha de pessoas escravizadas. A avó dela foi abandonada recém-nascida embaixo de uma árvore na beira de uma estrada em uma região do sertão da Paraíba. Uma família de não escravizados (possivelmente brancos) encontrou ela e a criou. Isso é tudo que ela falava sobre a vó dela. Repetia isso em vários momentos de conversas.

Minha vó Odete me contou que teve 9 filhos. Apenas 3 resistiram a fome e a falta de água (seca) que assolava o sertão cearense em meados de 1950. Ela contava que os três filhos (uma mulher e dois homens) estão vivos graças ao leite das ca-

¹ Assim está descrito na certidão de casamento.

bras que eles criavam. Meus avós também tinham uma roça de milho e feijão. Mas devido a seca, a produção era pouca. Parte da produção era trocada por farinha e outros alimentos. Basicamente eles se alimentavam de leite de cabra, milho, feijão e farinha. A situação financeira deles melhorou com a contratação do meu avô para trabalhar na Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima – RFFSA.

A RFFSA era uma sociedade de economia mista integrante da Administração Indireta do Governo Federal, vinculada funcionalmente ao Ministério dos Transportes. Era responsável pelo transporte ferroviário que cobria boa parte do território brasileiro e tinha sua sede na cidade do Rio de Janeiro. Lembro que para as famílias de Acopiara trabalhar na RFFSA significava ganhar bem e ter estabilidade financeira. Éramos vistos com uma família que tinha muito dinheiro. Na verdade, vivíamos uma vida sem luxo, as roupas eram básicas, por muito tempo não tínhamos televisão. Tínhamos apenas o suficiente para pagar o aluguel e não passar fome. Nem bicicleta eu tive até os 17 anos. A bicicleta era o veículo mais usado em Acopiara, depois do pau de arara.

Minha avó paterna não era alfabetizada. Ela trabalhou a vida toda para cuidar dos irmãos e irmãs, do marido, dos filhos, da filha e de uma neta que criou como filha. Quando criança levava a merenda e o almoço para o pai e os irmãos que trabalhavam na roça. Era ela que auxiliava a mãe dela no preparo das refeições, além de cuidar de outras atividades da roça como tirar a palha do feijão e do milho.

Meus avós migraram de Acopiara para Fortaleza em meados de 1970. Foram morar em uma área do governo federal,



no bairro Couto Fernandes. Era um terreno da RFFSA. Minha mãe relata que “próximo da casa dos meus avós tinha apenas uma casa de máquinas (local onde faziam manutenção de peças de trens) e uma lagoa”. Em meados de 1980 o terreno na frente da casa dos meus avós foi ocupado por migrantes e sem teto da capital cearense. Neste terreno, meu pai e minha mãe construíram uma casa de taipa com barro do mesmo terreno e madeira não aproveitável de uma madeireira que existia próximo da ocupação. Eles cobriram a casa com telhas apoiadas em uma estrutura de madeiras fixadas umas às outras com arames, cordas e poucos pregos. A água consumida era de um cacimbão que ficava entre a casa da minha família e a do vizinho.

Em novembro de 1983 (ano que nasci) meu pai foi contratado pelo Governo Federal para ser trabalhador da RFFSA. No início do ano de 1984 fui conduzido pela estrada de ferro para Acopiara, uma cidade que fica na região centro-sul/sertão cearense a 352 quilômetros da capital Fortaleza. Assim, meu pai e minha mãe voltam, com 4 filhos, à região do sertão do Ceará. A casa da ocupação foi vendida em Fortaleza.

Minhas duas irmãs mais novas nasceram em Fortaleza. Perto do momento de parto minha mãe viajava de trem para a capital cearense, pois se sentia mais segura em hospital de maior porte para esse momento. Poucos dias após o nascimento e registro das filhas, minha mãe voltava para Acopiara.

3 A VIDA NO SERTÃO CEARENSE

Em Acopiara moramos em várias casas. Três delas ficavam em frente ao trilho do trem. Outras 4 eram bem próximas

da ferrovia e da estação. Um dos locais que morei era chamado de Alto. Esse lugar era bem próximo da comunidade do Colchete, um local marginalizado, visto como lugar de prostituição, drogadição, ladrões e vagabundos. Era um lugar pobre e de pessoas que sofriam com as enchentes nos períodos de fortes chuvas, sofriam com o racismo antinegro, com os problemas sociais, políticos e econômicos. Até hoje é um dos lugares mais pobres de Acopiara. Eram de lá a maioria das crianças com que vivi boa parte da minha infância.

No fim dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, tomei muitos banhos no Riacho do Quincoê, que contornava boa parte da cidade até sumir na mata, tomei banho nas lagoas e barragens. Minha mãe lavava roupas na beira desses lugares e colocava para secar nas cercas de arames farpados que dividiam os terrenos e as roças. Nos finais de semana andávamos em média 1 hora para chegar em um desses lugares que muitas mulheres usavam para lavar as roupas dos familiares. Nos divertíamos tomando banho próximo das lavadeiras.

A lavagem de roupas nos rios e barragens acontecia por conta da falta de água encanada nas residências. Essa falta de água encanada era ocasionada pelas secas. O rio da região não dava conta do abastecimento. Às vezes os rios e barragens secavam totalmente. O Governo Estadual realizava o racionamento e distribuía água por meio de carros pipas. As filas eram grandes, meu irmão e eu usamos galões apoiados no ombro para transportar de uma vez, dois baldes com cerca de 18 litros cada uma. O galão era um pedaço de madeira de forma cilíndrica com dois ganchos suspensos por cordas ou correntes, uma em cada extremidade. Usávamos a água dos carros pipas principal-



mente para tomar banho, cozinhar e beber.

Andei muitos nas matas de Acopiara. A vegetação desse município é formada pela caatinga arbustiva densa, floresta caducifólia espinhosa e floresta subperenifólia tropical pluvial. Era um hábito dos meninos da época andar na mata. A mata era o lugar da diversão, da distração, do lazer e do nada fazer. Eu caçava pássaros e pescava peixes quase todos os dias quando eu tinha entre 7 e 11 anos. Também comíamos mel das colmeias, ou enxu, como chamávamos, que encontrávamos nos caminhos mata a dentro. Eu sempre adentrava na mata com amigos usando bornal de tecidos reaproveitados, costurado a mão, para a prática de caça com baladeiras, pesca, coletar frutas ou simplesmente passar o tempo. Fritamos os peixes e pássaros na mata, em fogueiras feitas com lenha na beira dos lagos e rios, pontos de parada para um banho. Mas, na maioria das vezes fritamos os peixes e pássaros em casa.

Em Acopiara, bem perto da cidade, existiam muitas roças de milho, feijão, jerimum, batata-doce, macaxeira e fava. Recordo de um terreno com plantação de uvas verdes. Não era difícil encontrar pequenas plantações de quiabo e maxixe entre outros cultivos. As queimadas para limpar as terras eram comuns. Claro que, como crianças inocentes, entrávamos nas roças e carregávamos o que podíamos. A maioria das roças eram de subsistência. Pelo meio do mato tinham muitas mangueiras, camapu, cajá e juá. Lembro de ter comido maracujá de polpa branca, conhecida como maracujá do mato. Era bom, mas difícil de encontrar.

No caminho entre uma das casas que morei e a escola tinha um juazeiro que sempre estava carregado com juá. Esse

juazeiro era ponto de parada quase que obrigatória para comer os frutos. Além de comer juá quase todos os dias, usamos o pó da madeira do juazeiro por muito tempo na escovação dos dentes. Diziam que era ótimo para evitar problemas bucais.

Acopiara era uma cidade que produzia muitos tijolos, telhas e já foi a segunda maior produtora de algodão do Ceará. Eu, meu irmão e alguns amigos trabalhamos por cerca de 1 mês em uma usina de fiação. Sentávamos no chão com rolos de linhas e carretel para enrolar a linha que seria a base para puxar os fios de algodão em um dos processos finais da produção de linhas. Trabalhamos também na produção de tijolos. Cavávamos o solo para a extração da argila, colocamos a argila nas formas, depois de seco ao sol, empilhamos os tijolos para a queima. Eu não queria nenhum desses trabalhos. Fiquei uma semana na fiação e na produção de tijolos. Minha mãe tentou fazer com que eu continuasse o trabalho. Meu irmão fez esse trabalho por mais tempo. O trabalho de crianças era visto como forma de complemento da renda familiar.

Depois dos trabalhos na fiação e na olaria, aprendemos outros ofícios em um dos programas/projetos da Fundação do Bem-Estar do Menor no Ceará – FEBEMCE. Como se não bastasse dizer que o filho do trabalho/pobre tem que começar a trabalhar cedo (ainda criança) para não virar marginal, a política nacional para as crianças e adolescentes adotadas pelo Governo do Estado e pela Prefeitura de Acopiara nos anos de 1990, nos ensinava a produzir salgados e vender no centro da cidade, além de nos levar para capinar as ruas da cidade, trabalhos que nunca quis fazer. Me sentia ainda mais discriminado na condição oferecida pelos governos. A única atividade que



me interessava na FEBEMCE eram as aulas de pintura em gesso. Produzimos objetos decorativos com gesso e pintamos. As meninas pintavam guardanapos de tecido. Acho que depois, os guardanapos e objetos de gesso eram vendidos.

Houve períodos que passávamos o fim de semana em um sítio, na casa de uma amiga da escola da minha irmã mais velha. Era um sítio com poucas casas (a maioria de taipa), sem água encanada e sem energia elétrica. Às vezes usavam um gerador de energia a diesel para ligar algumas luzes à noite, para ligar as máquinas usadas para moer milho e capim para os animais. A iluminação interna das casas era feita com uso de lampiões com querosene. Foi neste sítio que conheci de perto a vida dos vaqueiros, as roupas, as ferramentas de trabalho e como são feitos os queijos artesanais.

A família da amiga da minha irmã era de agricultores. Eles criavam galinhas, patos, ovelhas, cabras e porcos, além de cuidar das roças de melancias, milho, feijão e jerimum, do gado e outros animais do dono das terras que eles moravam. Produziam e vendiam leite, nata e queijos. A água para consumo era de um cacimbão escavado com picaretas e enxadas. Às vezes eles pescavam em uma barragem que ficava a poucos metros da casa. Essa barragem fornecia a água para o banho, para os animais e para as roças mais próximas.

Minha família criava porcos, galinhas e patos para consumo próprio. Criamos mais galinhas do que outros animais. Nunca falta ovos. Os bichos eram abatidos nos finais de semana. Amigos do meu pai faziam o abate dos porcos e minha mãe abatia as galinhas e os patos. O pagamento do serviço de abate era feito com parte da carne dos animais. Sempre tinham bebe-

deiras na minha casa, principalmente nos dias de abate. Me parece que as bebedeiras eram a principal diversão dos trabalhadores da RFFSA em Acopiara, nos finais de semana e feriados. As famílias desses trabalhadores se divertiam nas vaquejadas, piqueniques e nas festas do calendário oficial da prefeitura.

Por muito tempo a minha diversão ou passatempo, além de andar na mata, era assistir televisão nas casas dos vizinhos. A maratona começava cedo, pelos programas de desenho animado, depois filmes, novelas e a noite o telejornal. Eu gostava de assistir ao Jornal Nacional e ao Globo Repórter. Eu andava de casa em casa procurando alguém assistindo TV. Meu pai comprou uma TV quando eu tinha cerca de 10 anos. Assim, parei de andar nas casas dos vizinhos para assistir televisão.

Também tinha brincadeiras de bila, pião (nunca fui bom), bola, carimba, esconde-esconde, corrida, polícia e ladrão, pipa feita com palito de coqueiro e sacola de supermercado, além de muitas outras. Tinha os livros doados por uma amiga da minha família que trabalhava no almoxarifado da Secretaria de Educação da Prefeitura de Acopiara. Essa amiga levava muitos livros paradidáticos pra casa. Eu gostava bastante de ler e entender o que tinha escrito nos livros. Lembro de uma coleção chamada Ciência para Crianças. Essa coleção tinha os meus livros favoritos. Montei dois experimentos sobre energia elétrica com uso de pilhas e uma lâmpada de lanterna a partir das propostas de experiências feitas pelos livros.

Aprender a ler não foi fácil. Repeti a 1ª série do ensino fundamental 3 vezes. Na primeira vez que fiz a 1ª série, a professora Meirimar reagia com muita agressividade a qualquer barulho feito pelos alunos. Ela gritava nos nossos ouvidos e às



vezes puxava nossas orelhas. Não podíamos falar e nem fazer nada sem a autorização dela. Era proibido até ir beber água ou ir ao banheiro na hora da aula. Os estudantes a temiam. Nas mudanças de casas, acabei indo morar vizinho a essa professora, mas não tínhamos nenhuma relação fora da sala de aula. Lembro de algumas mães terem ido à escola reclamar do comportamento agressivo dessa professora. Lembro de mães que pediam para trocar os filhos ou filhas de sala para que eles não tivessem que passar por ela. Na segunda vez que fiz a 1ª série eu não interagia com as pessoas, não fazia as atividades de sala de aulas, fui reprovado.

Na 3ª vez que cursei a 1ª série, fiz amizades com algumas meninas (Patricia, Diana, Viviane e Débora – sobrinha da professora) que sempre me estimularam, além de ter alguns vizinhos como colegas de sala e apoio da professora que falava pra mim sobre a importância dos estudos, fatos que me deixavam mais à vontade no ambiente educacional. Finalmente aprovado, cursei a 2ª série do ensino fundamental com boa parte da turma do ano anterior. Na 3ª série, com outro grupo de estudantes, fiz novas amizades. Minha mãe e outros adultos falavam que eu era um estudante dedicado, que eu iria trabalhar em escritórios. Meu irmão não tinha os mesmos elogios. Falavam apenas que se ele não se dedicar com eu, seria trabalhador da coleta de lixo.

4 O RETORNO À CAPITAL CEARENSE

Em 1995 minha família fez mais uma mudança. Desta vez, depois de 11 anos vivendo em Acopiara, voltamos para For-

taleza. Foi um retorno não planejado. Ficamos hospedados na casa dos meus avós paternos, no bairro Couto Fernandes, por cerca de 20 dias. Os móveis e as muitas plantas que minha mãe cultivava foram transportados dias depois em um vagão de trem de Acopiara para Fortaleza. Dizem que a metade do vagão de trem foi ocupado por plantas. Até hoje minha mãe cultiva muitas plantas ornamentais no quintal e na garagem.

No Couto Fernandes encontramos uma paisagem urbana bem diferente da que existia em Acopiara. Onze anos foram suficientes para a construção de casas e vielas em todo o terreno não usado pela RFFSA. Encontramos no local alguns barracos de madeira, casas pequenas de alvenaria sem reboco, ruas de terra, esgoto a céu aberto e muito comércio de sucatas (carros velhos ou batidos).

Depois da curta temporada na casa dos meus avós, fomos morar no bairro Planalto do Pici, hoje chamado apenas de Pici. Esse bairro fica na região do Campus do Pici da Universidade Federal do Ceará - UFC. A casa onde morei ficava próxima ao limite entre o Pici e o bairro Henrique Jorge.

O bairro Pici era muito diferente dos bairros que morei em Acopiara. Tinha muito mais pessoas morando na mesma rua. Não tinha animais, além de cães e gatos. Não tinha plantações ou rios perto das casas. O esgoto corria ao meio-fio dos dois lados das ruas. Muitas casas não tinham reboco e as calçadas, quando existiam, eram estreitas e/ou irregulares. A violência era constante, as gangues se enfrentavam com muita frequência. Não era difícil ver o tráfico de drogas e a polícia fazendo batidas e prendendo pessoas. Deixamos os campos de futebol de terra e passamos a jogar bola no asfalto. Apenas as ruas da



rota do transporte coletivo tinham asfalto. No lugar do barulho dos trens que eu ouvia com muita frequência em Acopiara, o barulho dos aviões e o som alto dos rádios dos vizinhos tocando principalmente pagode, forró e funk. Foi nesse lugar que passei a gostar de ouvir músicas, em especial o funk.

O funk era a música mais ouvida pelos meus novos amigos. Muitos deles se organizavam em grandes grupos para irem aos bailes. Havia uma identificação com as letras do funk do Estado Rio de Janeiro. Elas narravam a vida dos moradores das favelas, narravam a diversão dos povos periféricos, a violência policial nas comunidades (que testemunhei no Pici e depois no Couto Fernandes).

Entre os funks mais tocados, destaco o “Rap da Felicidade” que diz: “Eu só quero é ser feliz / Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é / E poder me orgulhar / E ter a consciência que o pobre tem seu lugar”. Destaco essa a letras de funk por ela narrar o desejo dos povos periféricos e porque eu tenho uma vida trilhada na periferia.

5 UMA NOVA ESCOLA PARA ESTUDAR E AS MUDANÇAS DE BAIROS NA CAPITAL CEARENSE

Não foi fácil encontrar uma vaga na escola para continuar cursando o 3^a ano do ensino fundamental. A demanda por uma vaga nas escolas públicas de Fortaleza era bem maior do que no interior do Ceará. Era difícil encontrar uma vaga em um local acessível. Existia até um cadastro de estudantes não matriculados, chamado de demanda reprimida. Os estudantes desse cadastro seriam matriculados em qualquer outra escola

que houvesse vaga.

Tive a sorte de encontrar vaga em uma escola do bairro vizinho (Pan-americano). No primeiro dia na nova escola, na sala de aula, um grupo de estudantes me olhava, encarando e me xingavam fazendo referências a minha cor da pele e ao meu cabelo crespo. A professora só fazia “shiu”, como quem pede apenas o silêncio. Apesar de saber o que estava acontecendo, ela não falou nada sobre os xingamentos. Fui embora no final da aula indignado com o caderno dobrado ao meio embaixo do braço. Cheguei em casa e falei que não queria mais estudar. No dia seguinte não fui pra escola, não teve quem me fizesse ir. Daí, minha mãe resolveu tentar vaga em outras escolas.

Sem vagas nas escolas públicas da prefeitura ou do governo do Estado, minha mãe pediu para trocar de trabalho por uma vaga em uma escola do DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, que cobrava uma taxa por aluno. Deu certo. Eu, meu irmão e minhas irmãs fomos matriculados no Centro Educacional DNOCS. Minha mãe trabalhou nessa escola com carteira de trabalho assinada por 18 anos. Nessa escola, todos os atos de xingamentos e danações eram resolvidos com agilidade entre estudantes, trabalhadores e familiares. Existiam xingamentos racistas na escola do DNOCS, mas não me senti afetado pelo racismo nessa escola.

No ano seguinte mudamos de escola porque o Centro Educacional DNOCS só tinha até a 4^a série do ensino fundamental. Fui estudar em uma escola do Estado do bairro Planalto do Pici. Eram uma escola de ensino fundamental e médio. Nessa escola tinha muitos estudantes de muitos bairros. Essa escola era dividida em setores por gangues durante os inter-



valos. Para circular em determinados espaços era necessário pagar “pedágio”. Entrar em uma área dessas sem pagar pedágio era motivo para ser surrado, fato que me fez desistir de estudar naquele período. No ano seguinte mudamos de bairro e fui para outra escola, no bairro Pan-americano, onde concluí o ensino médio. Houve casos de racismo nessa escola, inclusive contra uma das minhas professoras, fatos abafados/minimizados pela direção.

Mudamos de bairro porque a casa que morávamos no Pici foi vendida. Assim voltamos para o bairro Couto Fernandes e fomos morar em uma casa da RFFSA. A nova moradia era uma casa de paredes grossas e rebocadas, elas têm 34 cm de largura e são feitas com tijolos maciços. Era uma casa com 1 sala, 1 quarto, 1 cozinha e 1 banheiro. Mas tinha um quintal grande com bananeiras, um pé de graviola e uma laranjeira. Hoje, essa casa é da minha família. Na verdade, agora são três casas, duas grandes e uma pequena. Aproveitamos o terreno lateral e o pavimento superior. Eu moro na casa do pavimento superior, a minha mãe mora na casa de baixo e uma das minhas irmãs mora na casa pequena na lateral.

O bairro Couto Fernandes era um lugar com menos movimento do que o Pici. Não tem linhas de ônibus circulando pelo bairro, nem pavimento tinha nas ruas. Voltamos a jogar bola em um campo de terra na rua que moro até hoje. O Couto Fernandes é um lugar próximo da via-férrea que liga o centro da cidade de Fortaleza ao bairro Vila das Flores na cidade de Pacatuba, região metropolitana da capital cearense. O local tinha menos barulho de rádios, mas o barulho do trem voltou a fazer parte do meu dia a dia, junto com os outros sons da grande

cidade, inclusive o funk. Morávamos muito perto de um clube de festa que realizava bailes funks todos os fins de semana. O clube de festa era o Gigantão, popularmente conhecido como o Gigantão da José Bastos.

Além do funk com as batidas eletrizantes, os DJs dos bailes tocavam rap. Era o rap do movimento funk carioca. As letras dos raps carioca narravam histórias das comunidades, dos bailes funks, dos romances e falavam da violência nas favelas do Rio de Janeiro. O rap do movimento funk carioca me levou ao rap do movimento hip hop. Conheci inicialmente o grupo Racionais Mcs. Desse grupo, um dos primeiros raps que ouvi foi o “Homem na Estrada” que diz: “[...] Pois sua infância não foi um mar de rosas, não / Na FEBEM, lembranças dolorosas, então”. A FEBEM faz parte da minha trajetória de vida, embora não tenha ido para essa instituição por atos infracionais, mas para participar de projetos de prevenção aos atos infracionais.

6 A UNIVERSIDADE

Os raps do movimento hip hop que me levaram ao desejo de estudar Ciências Sociais. Eu sempre ouvia integrantes do hip hop falarem mal dos sociólogos. Falavam especificamente que eles estudavam o povo da periferia e criavam com os capitalistas, as formas de alienação e submissão do povo preto e pobre. Eu queria entender por meio das ciências sociais, as formas de desconstruir a alienação e o racismo antinegro. Estudei licenciatura em ciências sociais por meio do Programa Universidade para Todos – PROUNI, beneficiado por uma vaga para negros em uma universidade privada, a Universidade Metodista de São



Paulo que tinha uma pequena unidade em Fortaleza. Fiz meu trabalho de conclusão de curso – TCC sobre o livro “Introdução Crítica à Sociologia Brasileira”, de Alberto Guerreiro Ramos.

O livro foi indicado por uma professora que sabia das minhas intenções ao ingressar em uma universidade. Inicialmente eu queria fazer meu TCC sobre a implementação da educação para as relações étnico-raciais baseadas na Lei 10.639/2003 que obriga o ensino da cultura africana e afro-brasileira na educação básica. Não tive sucesso com o levantamento de dados. Parecia que não existia estrategicamente na rede de educação de Fortaleza, no ano de 2012, um plano para a implementação da lei retromencionada. O Distrito de Educação da Regional II apontava apenas a realização de eventos pontuais que comemoravam as efemérides. O evento mais realizado nas escolas era a comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra.

Estudei MBA em Gestão de Projetos no Centro Universitário Estácio. A decisão de estudar gestão de projetos parte da necessidade de obtenção de conhecimentos técnicos sobre gestão para construir estratégias mais elaboradas de implementação das políticas de igualdade racial no município de Fortaleza, no período em que eu estive como coordenador da Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – COPPIR.

7 ATIVISMO POLÍTICO

7.1 MOVIMENTOS SOCIAIS E CONSELHOS NACIONAIS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Eu participei do Movimento Hip Hop Organizado do Ce-

ará – MH2O de julho de 1999 a janeiro de 2000. Eu entrei para o MH2O por meio da “posse” B.Boyz da Gueto – B.BDG que era um braço do movimento retromencionado no bairro Henrique Jorge, na cidade de Fortaleza - CE. O MH2O se organizava por meio de grupos em bairros. Esses grupos eram chamados de “posse”. O B.BDG saiu do MH2O em janeiro de 2000, mas continuou as ações de oficinas e treino de graffiti e break dance na Escola Estadual Mariano Martins, local base de apoio do grupo.

No ano de 1999, quando eu tinha 16 anos e a cabeça raspada para não mostrar o cabelo crespo, nos debates promovidos pelo MH2O iniciei ou fui iniciado na luta contra o racismo e a violência contra a juventude da periferia. O debate se pautava principalmente na luta de classes. Não lembro bem das falas, mas a lideranças do movimento hip hop abordavam principalmente o discurso de que vivíamos um conflito entre rico e pobre, que o sistema favorece os ricos, que precisávamos nos organizar nos bairros para fortalecer o protagonismo da juventude e resolver problemas sociais, como acabar com esgoto correndo no meio-fio das ruas, escolas de qualidade e até a geração de empregos.

Em 2002, com a ideia de protagonismo da juventude e atendendo o chamado da Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC - Ce, montamos uma chapa, concorremos e ganhamos o direito de organizar o grêmio estudantil da Escola Estadual Anísio Teixeira, no bairro Pan-americano, local onde estudei da 6^a série do ensino fundamental ao 3^a ano do ensino médio. Criamos o Grêmio Estudantil Patativa do Assaré e ficamos na gestão desse grêmio por dois mandatos. Eu fui Diretor de Finanças deste grêmio estudantil. Eu era a pessoa



responsável pela emissão da carteira de estudantes. Assim ficamos sabendo que a escola recebia um percentual por carteira estudantil emitida e que esse dinheiro era usado pela gestão sem consultar os estudantes.

O Grêmio Patativa do Assaré, na gestão que fiz parte, queria saber tudo que acontecia na escola. Queríamos gerenciar o dinheiro recebido pela escola, oriundo das carteiras de estudantes. Pedimos a gestão escolar a prestação de contas de tudo. Não tínhamos todas as informações que queríamos. Nossa atuação não agradou a gestão escolar. Lutamos pelo direito de livre acesso dos estudantes à escola, não aceitávamos a não autorização para entrada de aluno por atraso, questionamos o uso de farda, queríamos a escola aberta nos fins de semana. Realizamos projetos de esporte e festas.

Em 2003, a direção da escola resolveu dar um freio na forma de atuação do Grêmio Patativa do Assaré e convidou outros jovens para dialogarem sobre protagonismo estudantil com os líderes estudantil da escola. Dois jovens do Partido dos Trabalhadores – PT, fizeram esse diálogo. Falaram sobre movimento estudantil, juventude e política. Lembro que falaram da importância de ocupar espaços como Câmara de Vereadores e a Assembleia Legislativa. Mas, essa conversa não mudou a atuação do Grêmio. Dias depois, uma outra jovem foi convidada para o diálogo. Era uma ativista da Juventude Socialista Brasileira – JSB, segmento de jovens do Partido Socialista Brasileiro – PSB. Em um diálogo fechado com a direção do grêmio, essa pessoa deu toda razão a forma de atuação da direção do grêmio estudantil. Ela aproveitou para convidar os dirigentes para conhecer o PSB. Me filiei ao PSB em 2004. Contarei sobre essa

filiação no tópico seguinte.

Voltando ao hip hop, no final de 2001 eu e outros ex-integrantes do MH2O criamos no bairro Rodolfo Teófilo em Fortaleza – CE, a Coalizão Nordeste Hip Hop – CNH2. Esse movimento queria fazer o debate sobre os conflitos sociais e gerar oportunidades para os excluídos no nordeste do Brasil. Parte da CNH2 era de pessoas evangélicas. Eles faziam o que ficou conhecido como rap gospel.

No início de 2002 iniciamos a realização de oficinas de graffiti e break dance na Escola Estadual Estado do Amazonas, no bairro Bela Vista em Fortaleza - CE. Com conhecimentos básicos em técnicas de desenho de observação, uso de revista de curso de desenho e revistas de graffiti, realizei a minha primeira oficina de graffiti e desenho como instrutor/arte-educador. Fiz um painel de graffiti durante o intervalo entre aulas para chamar os alunos para participarem da oficina que foi realizada nas manhãs dos sábados.

A Escola Estadual Estado do Amazonas disponibilizou algumas latas de sprays e tinta látex. Para finalizar a oficina, realizamos a pintura de um painel coletivo com os alunos que concluíram a parte teórica da oficina de graffiti. Esse grupo de alunos queria mais. Queriam fazer parte de um grupo de graffiti. Criamos com eles o Movimento Arte da Lata, que pouco tempo depois passou a se chamar Movimento Arte e Coesão – ARCO Crew. Meses depois da criação da ARCO Crew, sai da CNH2 e fica apenas na ARCO Crew, movimento que estou até hoje atuando como grafiteiro.

Depois da atuação no MH2O, no grêmio estudantil e filiado a um partido político, participei da eleição em 2004, para



vereador e prefeito como ativista do PSB, partido coligado com o Partido dos Trabalhadores - PT. Nessa eleição reencontro os jovens do PT que estiveram na Escola Anísio Teixeira para o diálogo com o grêmio. Ganhamos essa eleição e conto mais sobre ele no tópico abaixo.

No ano de 2004, em uma das ações do movimento hip hop no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, conheci um jovem pesquisador afro-americano. Eu não sabia bem o que ele pesquisava, mas parecia ser um cara legal. Fez muitas perguntas sobre o movimento hip hop e depois me convidou para conhecer um projeto de hip hop no bairro Pirambu. Eu fui lá ver o projeto no Pirambu. Conversamos muito sobre movimentos sociais, capitalismo, política e projetos de vida. Perguntei ao jovem afro-americano como era viajar de avião; falei que nunca tinha saído do Ceará, que eu só conhecia as cidades cearenses de Iguatu, Acopiara e Fortaleza. Eu sabia apenas como era fazer a viagem de trem e ônibus entre as cidades citadas. Ele me convidou para ir de avião para Salvador – BA. Na mesma hora aceitei o convite e no dia seguinte fomos, com um integrante do movimento hip hop do Pirambu, para a capital baiana passar 14 dias. Ele foi fazer uma pesquisa e eu fui como ajudante.

Em Salvador fiquei encantando, querendo conhecer os lugares e a cultura que mostram na televisão. Andei em todos os lugares do Pelourinho e em algumas, de outros bairros da capital baiana. Vi o cortejo dos Filhos de Gandhy, do Olodum e outras apresentações culturais. Participei de um ato contra racismo no Shopping Barra. Era a primeira vez que eu participava de um ato contra o racismo. A minha missão neste ato era filmar tudo. Assim fiz. Em Salvador participei de um semi-

nário sobre religião de matriz africana. Era também a primeira vez que eu conhecia de perto o debate sobre religião africana e afro-brasileira. Foi um encontro com a ancestralidade africana. Era impossível não imaginar o sofrimento dos negros naquele lugar (Salvador) no período escravocrata brasileiro.

Em 2005, depois de formações políticas, participação em atos do movimento estudantil e ações do movimento hip hop, fui convidado por integrantes do PT para fazer parte do Conselho dos Movimentos Populares – MCP, que é um movimento formado por lideranças de bairro, por diferentes instituições e de partidos de esquerda. O MCP tinha como principal bandeira de luta a participação popular na decisão sobre as políticas públicas, entre elas a de moradia. Meu ativismo no MCP foi breve. Logo em seguida fui convidado, também por integrantes do PT, para fazer parte da Central de Movimentos Populares – CMP Ceará, um momento nacional que pautava principalmente o direito à moradia.

O meu ativismo na CMP durou de 2006 ao primeiro semestre de 2013. Foram 7 anos de muitas lutas. Ocupamos alguns terrenos na cidade de Fortaleza – Ce, realizamos diversas manifestações por moradia, direito das mulheres, transporte, saúde, juventude e negritude na frente da Superintendência da Caixa Econômica Federal, na sede da Prefeitura de Fortaleza e na sede do Governo do Estado do Ceará. Com os atos na sede do Governo do Ceará a CMP conquistou 500 unidades habitacionais populares no Conjunto Habitacional Cidade Jardim 01, no bairro José Walter em Fortaleza. Participei de atos políticos nas capitais de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Pará. A CMP era um movimento bem amplo e diverso.



Representando a CMP, ocupei a cadeira de movimento de moradia em dois conselhos da Presidência da República. Fui membro do Conselho Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial CNPIR por 1 mandato (2008-2009) e do Conselho Nacional de Juventude – CONUVE por 2 mandatos (2010-2011 e 2012-2013). Renunciei ao mandato do CONJUVE em fevereiro de 2013 por ter assumido a Coordenadoria de Políticas de Igualdade Racial da Prefeitura de Fortaleza.

Nos anos em que estive no CNPIR o movimento negro debatia com o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal – STF a criação do Estatuto da Igualdade Racial que foi aprovado e sancionado no ano de 2010. Nos anos que estive no CONJUVE, a juventude articulava a criação do Estatuto da Juventude que foi aprovado e sancionado em 2013. Esses dois estatutos são os maiores marcos referenciais para as políticas de igualdade racial e de juventude. Eles criaram o Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial - SINAPIR e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

Pela CMP participei de uma formação política promovida pelo Movimento Atingidos por Barragens – MAB, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, entre os anos de 2009 e 2010. Essa formação aconteceu nos períodos de férias (janeiro e julho) e contava com a participação de ativistas de movimentos de esquerda de 9 países. Acampamos por 15 dias consecutivos em um ginásio da UFRJ. Era um curso de extensão/especialização que falava sobre energia e sociedade no capitalismo contemporâneo. Esse curso me deu mais conteúdo teórico para enfrentar a dominação dos ricos sobre os pobres e sobre qual projeto de nação estava sendo desenvolvido no Brasil. Sobretu-

do, essa formação fortaleceu o meu papel como agente político na defesa dos povos vulneráveis socialmente, economicamente, cultural e politicamente.

7.2 PARTIDO POLÍTICO E GESTÃO PÚBLICA

Em 2004 entrei para o quadro de filiados do Partido Socialista Brasileiro – PSB de Fortaleza. Comecei o ativismo partidário no segmento de juventude, eu era da Juventude Socialista Brasileira – JSB, um dos segmentos sociais do PSB. Em 2004 o Partido dos Trabalhadores - PT Fortaleza lançou a então Deputada Estadual Luizianne Lins para a prefeitura de Fortaleza. A juventude do PSB, a JSB, entrou de corpo inteiro na campanha surpreendentemente vitoriosa encabeçada pela petista. A candidata era a última colocada nas pesquisas de intenções de votos no primeiro turno.

A vitória da Luizianne Lins do PT inaugura a implementação de políticas voltada especificamente para as juventudes e para os povos negros, além de fortalecer as políticas de direitos humanos e assistência social. Eu, como membro da JSB-PSB, fui contratado para trabalhar na gestão pública municipal como Assessor de Juventude na Secretaria Regional II – SR-II, no fim do ano de 2005. Eu representava a Coordenadoria de Juventude na área da SR-II e tinha a missão de levar o debate e o acesso às políticas públicas de juventude para os jovens socialmente vulneráveis dos bairros Mucuripe, Cocó, Papicu, Praia do Futuro, Cidade 2000, Varjota, Cais do Porto, Vicente Pinzón, Lourdes, Aldeota, Praia de Iracema, Meireles, Joaquim Távorá, Salinas, Patriolino Ribeiro, Luciano Cavalcante, São João do Tauape,



Dionísio Torres e Centro.

A área da SR-II tem os bairros com os melhores Índices de Desenvolvimento Humanos – IDH. A maior arrecadação de impostos em Fortaleza é feita nessa região. Na Regional II habita o que se convencionou chamar de classe média/alta fortalezense. Essa região é a que tem o maior distanciamento econômico entre pobres e ricos.

Como assessor de políticas para a juventude da Prefeitura de Fortaleza, eu fiz articulações especialmente nas comunidades mais afetadas pela violência, pobreza e difícil acesso às políticas públicas de infraestrutura, assistência social e direitos humanos. Eram foco do meu trabalho a comunidade do Servi-luz no Cais do Porto; o Castelo Encantado no Mucuripe, Morro da Vitória no Vicente Pinzon; Caça e Pesca, Luxou e Comunidades dos Cocos na Praia do Futuro; Lagamar e Pio XII no São João do Tauape.

As comunidades Luxou e do Lagamar foram as duas áreas que entraram nas articulações para a implementação de um Centro de Cultura, Arte, Ciências e Esporte - CUCA, o maior equipamento de políticas para a juventude no Brasil. O Projeto arquitetônico do CUCA era padrão. Na época, a prefeita queria que os 06 CUCAs previstos no Plano de Governo tivessem as mesmas estruturas em todas as regionais da cidade. Isso inviabilizou a construção do CUCA da Regional II em uma área que contemplasse com fácil acesso todos os jovens dos bairros da região.

Como assessor de juventude, contribuí com a construção e realização da 1ª Conferência Municipal de Juventude em 2008. Essa conferência era uma etapa da 1ª Conferência Na-

cional de Juventude. Contribuí com a realização do Projeto Juventude em Férias, além de articular a realização de serviços de limpeza, capinação e reforma de ruas e praças.

Sobre a reforma da praça, tínhamos a ideia de criar ambientes públicos com a cara da juventude. Mapeamos e fizemos levantamentos sobre a estrutura de todas as praças da Regional II. A maioria das praças com boa infraestrutura e com manutenção em dia estavam nos bairros da classe média/alta. As praças pequenas e sem manutenção estavam nos bairros mais pobres. Os locais de lazer da juventude nos bairros mais pobres eram as praias e os campos de futebol, dominados majoritariamente pelos homens.

Saí da gestão pública municipal em agosto de 2012, depois da realização da convenção para as eleições que colocavam o PSB e o PT como partidos concorrentes ao cargo de prefeito da capital cearense. Nessa época eu era Presidente da JSB e membro da Executiva do PSB Fortaleza. Achei coerente entregar o cargo de assessor de juventude e trabalhar para eleição do Roberto Cláudio. Ganhamos essa eleição em segundo turno tendo o PT como adversário.

Em dezembro de 2012, Karlo Kardozo anunciado como Secretário da Secretaria Cidadania e Direitos Humanos - SCDH, me convidou para fazer parte da gestão e coordenar a Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – COPPIR, órgão que faz parte da estrutura da SCDH. Aceitei de imediato o convite.

Iniciei os trabalhos na COPPIR em janeiro de 2013. Me senti extremamente desafiado com a missão que me foi dada. Eu estava concluindo o curso de ciências sociais com o propó-



sito de entender as formas de desconstruir a alienação do povo da periferia e o racismo antinegro. Era o melhor lugar para eu trabalhar naquele momento. Era onde eu precisava estar para contribuir com a potência na luta contra o racismo. Vale dizer que eu estava completando 30 anos de vida em janeiro daquele ano. Ano histórico para mim pelo fato de eu estar saindo vivo do segmento social da juventude.

Ser jovem negro e morador da periferia nos faz um alvo fácil da letalidade, da abordagem violenta da polícia e outros conflitos de interesse local. Fui “bacolejado” pela polícia por incontáveis vezes na minha comunidade. No momento das abordagens eu estava apenas com os amigos nas praças, nos campos de futebol ou sentado na beira do trilho do trem. Lembro de duas abordagens que levei um chute na perna. Mas não sei quantificar as vezes que fui chamado de vagabundo e outros adjetivos pejorativos. Acho que a polícia não era violenta comigo na mesma proporção que era com os meus amigos pelo fato de eu ser neto de moradores vizinhos do posto policial. A polícia tomava água e café na casa da minha vó quase todos os dias. Meus amigos foram agredidos com coronhadas, tapas no rosto, cacetadas, murros e chutes principalmente nas costas.

A maioria dos adolescentes que andava comigo na minha adolescência não concluíram o ensino fundamental, muitos deles entraram para a criminalidade, alguns foram mortos, uma minoria entrou para a igreja evangélica como estratégia para melhorar de vida.

Encontrei nos bairros da Regional II entre os anos de 2005 e 2012, muitas semelhanças com o que vivi no bairro Couto Fernandes durante minha adolescência. Depois, na CO-

PPIR, constatei por meio de muitas narrativas de jovens e lideranças comunitárias que a trajetória de vida dos jovens negros da periferia de Fortaleza é muito semelhante. São marcadas pela violência (inclusive a policial), baixa escolarização e falta de perspectivas de futuro melhor. Os planos de vida são para resolver problemas imediatos como a alimentação, vestuário e diversão. A imensa maioria não conhece a conjuntura social, política e econômica em que estão inseridos. O povo negro da periferia sequer tem um referencial social-histórico de si.

Os projetos planejados na minha gestão como Coordenador da Política de Igualdade Racial em Fortaleza – CE entre os anos de 2013 a 2017, visavam principalmente o fortalecimento da identidade afro-brasileira e o enfrentamento da violência contra a juventude negra. No ano de 2013 realizamos ações previstas no Plano Plurianual - PPA 2010-2013. Em 2013 planejamos o PPA para os anos de 2014-2017 que previa a realização das seguintes ações: 1 - Fóruns e Conferências - Projeto AJEUM COPPIR, 2 - Implantação do Centro de Referência da Igualdade Racial, 3 - Formação em Prevenção à Violência Contra Juventude Negra, 4 - Capacitação e Formação de Artistas e Produtores Sobre Arte e Cultura Negra, 5 - Formação em Direitos Humanos Sobre Raça e Etnia para Servidores Municipais, 6 - Realização de Conferência de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

Fiquei 4 anos e 10 meses como gestor da COPPIR. A Prefeitura de Fortaleza avaliou os dois primeiros anos da minha atuação como Coordenador da Política de Igualdade Racial da seguinte forma:



Por meio do programa alguns avanços foram evidenciados principalmente no atendimento à população negra, com a implantação do Centro de Referência da Igualdade Racial, bem como as formativas na prevenção à violência contra a juventude negra nos diversos bairros da cidade, e a formação em Direitos Humanos sobre a Raça e Etnia para educadores, além da realização de oficinas de músicas afro-brasileira para crianças e adolescentes e da articulação com diversos órgãos públicos e privados visando fortalecer as questões referentes a igualdade racial. O Centro de Referência da Igualdade Racial foi implementado a custo zero dentro do Centro de Cidadania da SCDH. Todas as ações foram realizadas com o apoio da Coordenadorias de Juventude, SETRA, SME, Regionais, SESEC, SMS e CPDrogas. (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2016, p.101).

Como estratégia de fortalecimento das ações de formação de servidores sobre questões raciais e principalmente para a implementação da lei 10.639/2003 criamos o Projeto Artes nas Escolas “[...] baseado na metodologia da pesquisa de intervenção, com vivências coletivas na construção de percepção da fala através de conversas dialogadas, canto e danças.” (MATOS. PEREIRA. ARAUJO, 2018, p.139). Esse projeto era coordenado pela educadora Patrícia Matos, também conhecida como Ad-joke, e por Biro Araujo.

As ações para o enfrentamento da violência contra a juventude negra eram baseadas no Plano Nacional Juventude Viva da Secretaria Nacional de Juventude da Presidência da República. Eu fiz parte dos debates de criação do plano citado quando

integrava o Conselho Nacional de Juventude da Presidência da República.

Fui exonerado da COPPIR em novembro de 2017 por questões de ordem política. Esse ano foi o início do primeiro mandato da Vereadora Larissa Gaspar, principal representante do grupo político que faço parte. Ela foi eleita pelo Partido Pátria Livre - PPL. Eu também fiz parte do PPL, mas sem influência política interna e externa nesse partido. O PPL era base de apoio ao prefeito. O grupo político que faço parte discordou de alguns rumos tomados pelo chefe do executivo na época. Hoje (2021) faço parte do que se convencionou chamar de oposição. Eu estou em um partido que não faz parte da base de apoio ao atual prefeito e sou assessor parlamentar.

8 DOS DESENHOS DA ESCOLA AS INTERVENÇÕES URBANAS POR IGUALDADE RACIAL

8.1 DA ALFABETIZAÇÃO AO MOVIMENTO ARTE E COESÃO

Os desenhos fazem parte dos processos de formação educacional dos estudantes desde as séries iniciais do ensino básico. Lembro que nos anos iniciais da minha formação escolar (da alfabetização a 3^a série do ensino fundamental) tive acesso aos desenhos para colorir e a uma pequena quantidade de materiais em kits compostos por canetas hidrográfica, lápis de cor, giz de cera, tinta guache e pincéis de tamanho único. Neste período os traços que esboçaram os desenhos eram fei-



tos de cópias em mimeógrafos, e às vezes nos restava apenas ligar os pontinhos ou fazer uma cópia com papel-carbono. Não lembro se houve atividades de estímulo à criação de desenhos livres. Com tudo, foi nas séries finais do ensino básico, quando já não haviam mais desenhos para colorir nos livros da escola, que eu despertei para a criação de desenhos. As revistas de tatuagem eram as minhas fontes de inspiração e o meio de estudo para o processo de criação artística. Eu copiava os desenhos tatuados nos corpos das pessoas tentando “recriar” os traços, cores, degradês, luz e sombra. Todas as páginas do caderno da escola tinham esboços e desenhos finalizados com lápis de cor ou com caneta esferográfica.

Depois de alguns meses copiando e fazendo releituras dos desenhos das revistas de tatuagem, passei a fazer minhas próprias criações nos papéis dos cadernos escolares, utilizando como material apenas o lápis comum de grafite e lápis de cor (12 cores). O incentivo de amigos da rua onde eu morava e dos colegas da escola foi fundamental para estimular ainda mais a busca por traços mais elaborados e desenhos com mais detalhes. Desenhos estes que, tendo como referência as tatuagens, passou a ocupar um outro suporte, a pele.

A minha própria pele e a pele dos amigos fizeram parte do processo de aprendizagem. Usei leite de castanha e agulha de costura para rabiscar desenhos nos braços e nas pernas. Eram desenhos de dragões, tribais/arabescas e corações. Linhas de costura também faziam parte do uso do corpo como suporte para os desenhos. Com forma simples eu desenhava corações, estrelas e escrevia palavras costuradas na sola do pé. Um suporte que não agradava os adultos (pais e mães) e que

logo deixei de ser utilizado.

Depois das revistas de tatuagem, dos cadernos de anotações escolar e das peles, as paredes passaram a ser o suporte para os desenhos feitos com carvão, giz de cera e folhas das árvores plantadas nas calçadas das ruas do meu bairro (Couto Fernandes) e do jardim da escola (no bairro Pici). Mas não eram os desenhos que faziam sucesso entre os adolescentes e jovens quando eu estava no ensino fundamental (fim dos anos 1990), eram as pichações que tinham os traços e formas mais atraentes. Como eu já tinha a parede como suporte passei a pichar com o material disponível (carvão, folhas e giz de cera). Sem a ferramenta do picho, o spray, e sem o sucesso esperado entre os que pichavam ou admiravam a pichação, voltei para o desenho no caderno da escola.

A minha curta trajetória como pichador no período citado, me despertou para outra forma de arte, o grafite. Eu tive acesso a uma revista de tatuagem que tinha matérias com artistas de rua da cidade de São Paulo. Desencadeei assim o desejo de fazer letras elaboradas com cores e códigos próprios (como a pichação). Mas ainda não tinha acesso ao spray, ferramenta principal do grafite. Desta forma, fiz sucesso entre os amigos desenhando a capa dos trabalhos escolares com letras estilizadas.

O desenho fazia parte de mim como ferramenta para conquistar amigos, eu era muito tímido, não falava com os colegas e o desenho possibilita aproximações. Os momentos de maior intimidade entre eu e os colegas da escola foram quando passei a fazer capas de cadernos personalizadas e adesivo com os desenhos e nomes deles. Fato que me proporcionou a



primeira participação em uma mostra de artes. Não lembro o ano, mas lembro que foi no Forte Nossa Senhora de Assunção no centro de Fortaleza em uma ação da Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC. Surgia assim o apoio de adultos para os meus trabalhos. A partir deste momento as folhas de papel-ofício e as cartolinas doadas pela escola passaram a ser o suporte para os processos de criação. Fato que também possibilitou, posteriormente, a minha participação “política” na escola ocupando cargos no grêmio estudantil. Assim, eu me tornava um estudante de destaque para a direção da escola e estudantes, além de ser convidado para fazer parte de um partido político.

Quando eu estava na 7^a série (ano 1999), um profissional do desenho realizou uma oficina de desenho artístico na escola que eu estudava. Nesta oficina conheci as técnicas e os materiais mais adequados para a realização de um desenho. A partir daí, os lápis 6B, 2B e HB passaram a fazer parte das minhas criações gráficas. As revistas de tatuagem deram lugar às revistas de moda. Eu estudava o corpo humano utilizando fotos de revistas como fonte de aprimoramento das minhas habilidades para o desenho. Neste mesmo período o grafite voltou a despertar a minha atenção. Por meio de um letrista que pintava as propagandas dos bailes funk no “Gigantão da José Bastos”. Através desse letrista descobri onde participar de uma oficina de grafite. Descobri anos depois que o letrista era um dos mais antigos grafiteiros da cidade de Fortaleza, o Preto Rap.

Em 1999 participei de uma oficina de grafite realizada na Escola Estadual Mariano Martins, no bairro Henrique Jorge. Uma oficina do Movimento Hip Hop Organizado do Ceará - MH₂O. Movimento que na época, apostava muito na orga-

nização dos jovens da periferia como forma de resistência ao sistema capitalista tendo como elemento agregador a arte. Era um movimento que investia na autoestima dos jovens negros e na possibilidade de intervenção destes jovens nas políticas públicas. Aprendi neste período a lutar contra o racismo por influência do rap (um dos elementos do hip hop). Assim, iniciou uma nova fase na produção de desenhos, desenho para as lutas pela paz nas periferias.

Em 2000, saí do MH₂O mas continuei pensando nas formas de usar o grafite como instrumento de luta por paz e políticas públicas para os jovens da periferia. Neste período, me engajo com mais entusiasmo no movimento estudantil por meio do grêmio da escola. A produção na escola ganha força. Eu pintava as paredes da escola com tinta spray doada pela coordenação, eu pintava cartazes e fazia desenhos para ilustrar as atividades escolares nas datas comemorativas. Os desenhos mais marcantes que já fiz para a escola foram sobre o dia das mães. Estes desenhos foram feitos com carvão, uma técnica aprendida na oficina de desenho em 1999. Tais desenhos ficaram no acervo da escola e alguns desapareceram. Supostamente foram “adotados” por alguém que gostou das obras. Lembro de uma professora falar que levaria eles pra fazer parte de seu acervo. Um outro desenho marcante e que está até hoje em uma moldura em um dos corredores da escola é um retrato do poeta Patativa do Assaré, feito com giz de cera.

O ano de 2002 foi marcado por produções na rua. Eu já trabalhava para me manter e conseguia comprar tinta spray, rolo e tinta látex. Passei a fazer trabalhos comerciais com propagandas em parede para comerciantes e pinturas residenciais



com desenhos decorativos. Neste mesmo ano criei com outras pessoas o Movimento Coalizão Nordeste Hip Hop – CNH e realizei a minha primeira oficina como facilitador para um grupo de 25 estudantes na escola pública Estado do Amazonas, no bairro Bela Vista, na cidade de Fortaleza – Ceará.

Da oficina de grafite realizada na escola Estado do Amazonas surgiu, por interesse dos estudantes, o movimento Arte da Lata - ARLA, que em menos de seis meses passou a ser chamado de Movimento Arte e Coesão – ARCO. Os estudantes queriam fazer parte de um grupo formado só por grafiteiros. Mas pelos altos custos e escassez de materiais, a ARCO logo foi reduzida a 3 integrantes, eu (fundador) e outros dois jovens que conheciam a ARCO durante as intervenções nas ruas do bairro Pan-americano em Fortaleza.

A ARCO cresceu novamente no ano de 2003 com a realização do Projeto Coesão Cultural, que teve como objetivo geral, unir diversos artistas e criar uma praça cultural no bairro Couto Fernandes. Foram realizadas 3 edições do projeto, duas com apoio de uma Associação dos Estudantes de Fortaleza – ACESF (2003 e 2004) e uma com o apoio da Prefeitura de Fortaleza no ano de 2007. As modalidades artísticas eram: música com flauta, rap, break dance, smurf dance, capoeira, forró, rock, teatro e grafite. Em 2008 a ARCO volta a ser apenas um grupo de poucos grafiteiros.

Com o apoio da professora Airaí Ribeiro, a ARCO idealizou o projeto “Flauta Doce”. Este projeto era realizado em uma associação do bairro Couto Fernandes nas tardes de sábado. Durou cerca de 1 ano e realizou diversas apresentações em eventos sociais. O público alvo do projeto era crianças com

idade entre 6 e 12 anos.

Mesmo com poucos integrantes a ARCO continua atuando em Fortaleza, realizando intervenções com grafite, construindo retratos pictóricos, símbolos afros e falando das juventudes das periferias de Fortaleza. Já são 16 anos de caminhada com os parceiros da ARCO, resistindo às discriminações, restrições de recursos e formando novos grafiteiros e artistas do desenho artístico.

8.2 DA EXPOSIÇÃO DE GRAFITE NO DRAGÃO DO MAR ÀS INTERVENÇÕES POR IGUALDADE RACIAL

Em 2003 fui um dos convidados para participar de uma exposição coletiva no Centro Cultural Dragão do Mar. A exposição tinha como título “Grafite e Nordestinismo”, e curadoria do artista plástico Zé Tarcísio. Para esta exposição foram apresentados por mim, dois trabalhos. Um demonstrava as rendas e os trabalhos das rendeiras e o outro destacava os pescadores e uma jangada. Esta foi a primeira participação em uma exposição de artes visuais em um espaço de promoção da cultura. Daí em diante, passei a perceber outras formas de fazer arte além do grafite e desenhos artísticos em papel com lápis. A curadoria do artista Zé Tarcísio ultrapassou as obrigações com os trabalhos da exposição. Ele nos abriu as portas do seu ateliê, mostrou obras e técnicas, falou de sua trajetória e da importância do trabalho do grafite para a construção da cultura de um povo. Ele nos mostrou telas feitas com spray, obra que mostrou algo



a mais no horizonte da técnica de grafite, a possibilidade da pintura em tela com spray.

Em 2004 fui convidado para ministrar aulas de desenho para crianças e adolescentes pelo Núcleo de Ação e Valorização da Espécie Humana – NAVE. O trabalho foi realizado no município de Paraipaba, na praia de Lagoinha – CE, com o objetivo de combater a exploração sexual e o trabalho de crianças e adolescentes. Foram duas oficinas de 6 meses de trabalho nos finais de semana. Este foi o meu primeiro trabalho profissional como arte-educador.

Em 2005 fui convidado para ministrar oficina de desenho na Frente de Assistência à Criança Carente – FACC, no bairro São João do Tauape, na Comunidade do Lagamar em Fortaleza - CE. Era o meu segundo trabalho como arte-educador. A oficina foi realizada com crianças e tinha como objetivo oferecer uma atividade de criação em arte como parte da formação cidadã das crianças do Lagamar. Foi um momento muito rico em aprendizado. As crianças do Lagamar falavam muito da violência local. Um certo dia me deparei com o depoimento de uma criança de 8 anos falando que a polícia tinha matado o irmão dela dentro de casa deles e que para a reportagem tinha ocorrido um acerto de contas entre rivais. Era dura a realidade daquelas crianças.

As aulas de desenhos foram fios condutores para uma outra percepção da realidade por mim e para aquelas crianças de um território marcado pela presença de pessoas negras e vulneráveis. Os personagens criados pelas crianças eram representações de pessoas felizes com narrativas de locais onde não existia polícia, drogas e nem violência. Saí da FACC para ser

assessor de políticas de juventude na Prefeitura de Fortaleza.

De novembro de 2008 a junho de 2009, foi instrutor de artes plásticas no Programa Mais Educação do Governo Federal, na Escola Municipal Adroaldo Teixeira Castelo, no bairro Pici. Este período foi também de muito aprendizado, era o meu terceiro trabalho como arte-educador. Como na FACC, trabalhei com crianças expostas às mais diversas vulnerabilidades sociais, políticas e econômicas, mas desta vez em um território que eu conhecia. As crianças da escola citada nunca tiveram acesso às aulas de arte com ensino de técnicas além dos desenhos para colorir. Ouvi das crianças muitos relatos de violência contra as mulheres (mãe), prisão de pai e irmãos, roubo para sobrevivência e homicídios. Tudo isso me reafirmou como um ativista do movimento social utilizando o graffiti como ferramenta de luta.

Em 2008 fiz um curso de Conservação de Acervos Museológicos na Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho do Governo do Estado do Ceará. Este curso abriu caminhos para outras possibilidades de trabalhos com a arte. Era um curso de conservação e o restauro de acervos museológicos. Consequentemente tive acesso a informações sobre os processos de criação de artistas de diferentes épocas, conheci nesse curso um pouco da história da arte.

Ainda em 2008, durante estágio do curso de conservação de acervos museológicos, no Museu de Arte Contemporânea do Centro Cultural Dragão Mar de Arte e Cultura, tive a oportunidade de cuidar, na reserva técnica do museu, do caderno de desenho do artista Antônio Bandeira. Momento único e muito importante para a compreensão do processo de criação do ar-



tista.

De 2008 a 2010 foram realizadas várias oficinas de grafite, atividade do “Projeto Escola nas Escolas” da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho. Esta foi a quarta vez que estive realizando oficinas de desenho e graffit de forma profissional. Mas, desta vez, de uma forma simbólica e significativa, era em uma escola de artes e ofícios.

Em 2009, com desenhos que falavam sobre os desafios de viver na cidade grande, fui selecionado para a XV UNIFOR PLÁSTICA, exposição realizada de 15 de setembro a 20 de dezembro no Centro Cultura Unifor. Seis anos após a exposição no Dragão do Mar.

De janeiro a março de 2010 trabalhei para o Tombamento e Inventário do Acervo Museológico da Associação de Amigos do Museu Nogueira Machado em Caririáçu, Ceará. Foi um trabalho realizado a convite da Diretora do Museu do Ceará. Foi um momento para compartilhar as técnicas de conservação aprendidas no curso de conservação de acervos museológicos com estudantes/estagiários do projeto de criação de um museu em Caririáçu, cidade na região do Cariri cearense.

Em 2012 participei como convidado de uma exposição de grafite no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - MAUC. Era a Exposição “Ocupação – O grafite no MAUC”, que integrou a programação do V Festival UFC de Cultura – “Pão, Modernismo e outras Revoluções na Arte Brasileira”. Foi a primeira vez que o MAUC recebia uma mostra dessa linguagem artística (arte urbana), que é referência da contemporaneidade e um dos estandartes da cultura urbana. A exposição ficou em cartaz de 15 a 31 de outubro. O trabalho proposto para esta ex-

posição foi o desenho de 5 mulheres negras e tinha a ideia de promover um debate sobre negritude, estética e pertencimento afro-brasileiro.

Em 2016 foi realizada a pintura de uma máscara africana na pista de bicicross no bairro Pici, apostando na ideia de massificar o debate sobre cultura africana e implementação da lei 10.639/2003. O projeto vem dando certo e já foram pintadas mais de 85 máscaras africanas em vários bairros de Fortaleza e duas na cidade de Caucaia - Ce. O debate sempre acontece com as pessoas que passam no local, na hora da pintura. Os transeuntes têm a curiosidade de saber o significado do desenho e assim surge o debate sobre as culturas africanas, pertencimento étnico-racial e cultura africana. As máscaras estão pintadas em escolas da rede municipal e outros prédios públicos, entre eles a Casa José de Alencar.

Em 2017, o trabalho com máscaras africanas foi selecionado para participar e construir a Exposição/Fórum: Arte Descolonial. O evento ocorreu entre os dias 09 a 30 de setembro de 2017, no Museu de Arte Sobrado Dr. José Lourenço. A proposta da exposição era promover um ambiente de troca de experiências e diálogo entre os colaboradores dos mundos das artes e seus públicos. Aqui as máscaras africanas pintadas com técnicas de grafite e stencil ganharam um lugar em um dos mais importantes ambientes públicos de valorização da arte, levando o debate que surgiu nas ruas para uma instituição museológica do Governo do Estado do Ceará.

Em 2018, pelo Instituto de Desenvolvimento de Potencialidades – IDEP Social, foi desenvolvido uma oficina de grafite para crianças atendidas no Centro de Referência da Assistência



Social – Cras Antônio Justa, na cidade de Maracanaú - Ce. O trabalho foi realizado com duas turmas e atendeu 40 crianças (06 a 12 anos) em situação de vulnerabilidade e que nunca tiveram acesso às técnicas de desenho e pintura/grafite.

Atualmente sou arte-educador como monitor de grafite no Projeto Social Sementes da ICA – PROSSICA, no bairro Passaré em Fortaleza. O trabalho no PROSSICA foi iniciado em novembro de 2018 com jovens de um curso de desenho da instituição. Os participantes do curso tinham interesse em levar suas criações gráficas para os muros do bairro. Foram realizadas três oficinas e muitos painéis foram feitos nas ruas próximas da sede do projeto.

As aulas de grafite também aconteceram em uma escola de tempo integral do Governo do Estado. Esta ação fez parte do “Projeto Artista Presente” da Secretaria de Cultura do Estado em parceria com a Secretaria de Educação – SEDUC; é voltado à formação artística, a vivência e produção cultural no cotidiano das escolas, que tem por objetivo aproximar artistas de diversas linguagens e campos de criação do ambiente escolar da rede estadual de ensino, impulsionando outros modos de experimentar, conhecer e produzir em artes. Para essa ação realizei debates sobre arte africana e indígena.

REFERÊNCIAS

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE. **Perfil básico do município**. Acopiara. Disponível em: <<https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/>

Acopiara_2005.pdf>. Acesso em 28 de abril de 2021.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Avaliação do plano Plurianual 2014-2017**, Biênio 2014-2015. Disponível em: <https://transparencia.fortaleza.ce.gov.br/arquivos_pdfs/sepog/PPA/4Avaliacao_PPA_2014-2017_2014-15.pdf>. Acesso em 26 de abril de 2021.

PEREIRA, Jose Cristiano Lima; MATOS, Patricia Pereira de; ARAUJO, Biro. **Projeto Erês nas Escolas**: um debate afro-diasporico no cotidiano. In: CLOUX, Raphael Fontes; MARCOS, Marlon; COSTA, Leice. Narrativas socioeducacionais contemporâneas. Salvador, BA: Kawo Kabiyesile, 2018. p.138-144.



CAPITULO 4

FOGUEIRAS URBANAS: MINHAS LEMBRANÇAS SÃO AQUILO QUE SOU

AUTOBIOGRAFIA

Eunice Gonçalves Queiroz

Caro leitor ao se deparar com estas traçadas linhas do meu ser, já adianto que este é um recorte daquilo que de tão simples, mas é estrutural, que de tão pobre é rico e que de tão pueril é especial. Faz parte da minha estrutura como criança, menina e mulher negra. Não se pode negar que aquilo que é visto, sentido e vivenciado em especial na infância carregaremos por toda nossa vida. Mas também é uma homenagem à mulher mais meiga, corajosa e humana que já tive ao meu lado. Nós negros somos lutadores em todos os momentos e sentidos e sobrevivemos apesar do sistema sistematicamente estar contra nós. Obrigada Mamã Manuela por sempre me estruturar e me deixar sonhar e acreditar que sou capaz!

1 A HOMENAGEM

Em meados de julho de 2015 na pequena e calma ruazinha sem saída na cidade de São Paulo – Capital, mais especi-



ficamente na Travessa Charles Gotat havia uma enorme faixa escrita: “Festa Junina da D. Manuela”. Esta foi uma homenagem para minha Mãe, uma senhora de olhar profundo que durante muitas décadas se dedicou a fazer paulatinamente as fogueiras juninas para Santo Antônio (homenageado dia 13 de junho), São João (dia 24) e São Pedro (dia 29) mas em plena metrópole.

As festas juninas são comemorações que acontecem no mês de junho no Brasil. Onde se comemoram três santos populares, então começam no dia 12 de junho, véspera do dia de Santo Antônio, e se encerram no dia 29 de junho, dia de São Pedro. Então essas festanças começam na véspera do dia de Santo Antônio, e terminam no último sábado do mês com uma grande comemoração.

No dia de Santo Antônio as moças colocam o Santo Antônio de cabeça para baixo e perguntam com quem vão casar ... risos, mas é fato comum pois o futuro é uma coisa que aguça a imaginação e os pensamentos; lembro da Inês minha vizinha na viela colocando o santo dentro de um copo com água e ela escrevendo letras conforme via nas sombras da água, que acabou formando um nome. Verdade ou não logo ela casou! Bem, a verdade é que vi mais festas para São João, pois afinal de contas cada um tem lá as suas preferências e Mamãe se pre-dispunha a fazer a fogueira maior nesta data.

No Brasil a chegada da festa junina remonta ao século XVI, quando introduzida no Brasil a festa era conhecida como festa joanina, em referência a São João, mas, ao longo dos anos, teve o nome alterado para festa junina, em referência ao mês no qual ocorre, ou seja, junho. Inicialmente, a festa possuía um enfoque religioso que se perdeu em parte, uma vez que pas-

sou a ser vista muito mais como uma festividade popular do que religiosa. Soma-se a isto, a disseminação da festa junina no Brasil que tem dimensões continentais, isso fez com que ela se associasse a símbolos típicos das zonas rurais diversas.

Acho interessante pensar de onde vêm as coisas, e ao se ler sobre as origens da festa junina¹ se chega que elas estão diretamente relacionadas a festividades pagãs realizadas na Europa na passagem da primavera para o verão no solstício² e que esta festa que originalmente era pagã foi incorporada ao calendário festivo do catolicismo ... risos ... pois Mamãe era muito católica ... Nas suas origens as festas juninas eram realizadas como forma de afastar os maus espíritos e qualquer praga ou animal que pudesse atingir a colheita. E é preciso levar em consideração que o solstício de verão no hemisfério norte acontece exatamente no mês de junho. Então as comemorações realizadas por diversos povos considerados pagãos no continente europeu começaram a ser cristianizadas, a partir do momento em que o cristianismo se consolidou como a principal religião do continente europeu. Essa foi uma prática comum da Igreja Católica para facilitar a conversão dos diferentes povos, fazia-se uma aculturação das festividades, adicionando-as ao calendário católico e acrescentando nelas elementos cristãos. A cristianização da festa está diretamente relacionada ao estabelecimento de comemorações de importantes figuras do catolicismo, exatamente na época da passagem para o verão, dando novo significado a muitos elementos típicos das comemorações naquele

¹ Origens das Festas Juninas – Blog da Printi Disponível em: <https://www.printi.com.br/blog/> Acesso em 10 jun. 2021

² Solstício - cada uma das duas datas do ano em que o Sol atinge o maior grau de afastamento angular do equador, no seu movimento no céu, e que são 21 ou 23 de junho (solstício de inverno no hemisfério sul e de verão, no hemisfério norte) e 21 ou 23 de dezembro (solstício de verão no hemisfério sul e de inverno, no hemisfério norte).



momento a povos ditos como pagãos.

Eu sou a Eunice, mas me chamam de Nice ou Nicinha e sou a segunda filha da D. Manuela a homenageada na fogueira, então me lembro de uma fogueira enorme, com várias pessoas ao redor vestidas com roupas coloridas e estampa em xadrez, chapéus de palha, bigodes pintados, música caipira tocando na vitrola, as pessoas sendo servidas com pratos típicos e conversando. Para beber quentão, vinho quente e refrigerante para os pequenos. Algumas pessoas vão nos cantos e soltam rojões, as crianças alegremente correm e soltam biribinhas, o correio elegante dá um momento de comunicação e ao mesmo tempo alimentam as paqueras. E em determinado momento alguém anuncia, pessoal é hora da quadrilha, os pares se organizam e a dança se inicia. Quem já dançou quadrilha sabe: balancê, passeio, cumprimentos, grande passeio, troca de damas e cavalheiros, damas ao centro, olha a cobra, a ponte caiu, olha a chuva, olha o túnel e a despedida; são pontos estruturais nesta deliciosa dança de pares.

Adoro esta dança cheia de detalhes e ao mesmo tempo com coisas tão pitorescas!

Estas festas juninas eram quase um evento lá em casa, no mês da sua comemoração na compra mensal de produtos já se via a sua importância. Muito mais açúcar, farinha, óleo, manteiga, ingredientes para tortas e como não pode faltar o quentão, e tudo mais necessário aos quitutes. Na semana que antecede a data de São João ou no sábado mais próximo desta data que tudo acontecia. Mamãe começava a cozinhar e antecipar os preparativos durante a semana, comumente na quinta-feira ela pagava o seu carrinho de feira e se dirigia a Feira

Livre e comprava tudo de melhor e mais fresquinho, produtos como coco, gengibre, tomate, cenoura, batatas, temperos diversos. E embora Mamãe fosse paulista, não podia faltar o coentro. Então ela começava o preparo de tudo que fosse possível, mas, sempre faltava algo na hora do preparo, então ela mandava um dos filhos buscar no bar do seu Júlio que era bar a noite e venda durante o dia, ficava a uma quadra da nossa casa. Durante o dia Mamãe nos mandava comprar coisas para casa lá e não levávamos dinheiro, tudo era colocado em uma caderneta e depois pago mensalmente. Conforme o bairro foi crescendo também buscamos muitas coisas em um supermercado a seis quadras de casa chamado de Gigante, e segundo as palavras dela:

- Vá num pé e volte noutro.

O que para bom entendedor significava que teríamos que voltar rapidamente. Mas em determinada festa só eu fui seis vezes comprar produtos faltantes no supermercado, então argumentei:

- Mas já fui várias vezes lá, tem que lembrar e comprar tudo de uma vez.

Ela pensou e me respondeu:

- Quem manda sou eu, vai já lá menina!

Eu fui, afinal quem pode manda e quem tem juízo obedece! Mas hoje adulta, tenho certeza que Mamãe passou a prestar mais atenção e contingenciar as nossas compras de produtos necessários de última hora.

Mamãe Manuela era uma pessoa simples e com pouca instrução, tendo feito até o quarto ano primário. Mas, tinha um olhar imenso, intenso e profundo e sempre ouvia a fala das pessoas. Gostava de aprender novas coisas e estar com a famí-



lia, e o cuidar se tornou o seu lema de vida.

Mamãe nasceu em uma cidade chamada Guarantã, mas seus pais residiam em uma fazenda ao lado, na cidade de Cafelândia a fazenda era Guaiuvira, bem ela cresceu em uma fazenda de café. Mas ficou órfã, segundo Tio Antônio:

- Minha irmã Alzira, sua avó materna Nicinha, sempre teve uma saúde muito delicada e mamãe sua bisavó Estela, sempre visitava a filha a fim de ajudá-la. Eu era o mais novo dos filhos, então me lembro bem disso. Mas então eu casei e vim morar em Marília, a minha irmã Alzira morreu e durante muito tempo eu não vi a Nela (sua Mãe Manuela) que foi trabalhar e morar em São Paulo. Por ser o caçulinha ... risos ... lembro de tudo e por isso mesmo eu sendo Tio da Nela, os meus filhos e você e seus irmãos têm idades parecidas.

Vovó Alzira teve diversos partos perdidos e a única que sobreviveu foi Mamãe Manuela. Mas, Vovó faleceu quando Mamãe tinha 11 anos, e como os problemas se somam, Mamãe com 17 anos veio a perder o pai José Florêncio que foi mordido pela cobra cruzeiro, muito comum em cafezais. Os patrões de seus pais, Nelson e Alzira, resolveram levá-la para São Paulo como empregada doméstica na casa da filha deles, então sua patroa se chamava Sarita.

Eu gostava de estar ao lado de Mamãe, pois de pequena eu tinha bronquite então não aguentava correr muito como os meus irmãos e ficar em frente de casa brincando de pega-pega, queimada, esconde-esconde, stop. Na verdade, eu gostava mesmo era de jogar amarelinha onde se desenhavam quadrados seguidos no chão com números e não se podia pisar em determinados quadrados e conforme o jogo dava continuidade ia

ficando cada vez mais difícil ter onde pisar. Então ficava muito ao lado de Mamãe como uma sombrinha... falando ... perguntando ... algumas vezes ajudando e outras atrapalhando! Então em dado momento muito especial, pois Mamãe era muito reservada ela comentou que na fazenda também era tudo difícil, aí perguntei como era a fazenda, como era a vida dela na fazenda? Ela sentou, torceu a cabeça e fez uma face com um desinteresse em falar naquilo, suspirou e me contou assim:

- Era tudo muito simples Nice, não me lembro muito da minha Mãe, ela sempre estava muito doentinha. Haviam festas simples e quando havia fogueira sempre se assava algo nela. Agora o meu pai era muito bravo. Aliás o seu irmão Paulo Henrique parece muito com o meu Pai! Sempre com altivez e determinado. Vim para São Paulo trabalhar para a filha dos patrões como empregada doméstica, em um prédio na esquina entre a avenida Paulista e Rua da Consolação. Agora de solteira eu e a Rita (sua madrinha) sempre saímos muito e estávamos sempre bem arrumadas.

Ao ser trazida para São Paulo Mamãe passou a trabalhar no Edifício Chypre que é um prédio de doze andares, situado entre a Avenida Paulista, 2494 e a Rua da Consolação com apartamentos de 160 metros quadrados, região central de São Paulo, com ótima infraestrutura, ou seja, acima da média das zonas periféricas. As suas folgas no trabalho eram aos sábados depois que se servia o jantar e se organizava a cozinha com suas louças e faxina. Se ficassem na casa da patroa automaticamente tinham que trabalhar, então depois de uma semana de trabalho após servir o jantar sempre tentavam fugir da exploração de continuar trabalhando continuamente e obviamente



sem remuneração.

Mas também relembro que Mamãe era muito brava, em especial com as filhas mulheres, principalmente sobre a organização da casa. Hoje fico achando que havia uma sobrecarga de atividades mal resolvida que de tempos em tempos transbordavam. Quando eu já era adulta, lembro de quando tivemos os planos Real e Cruzado e a conversão da moeda se fazia necessária, ela não entendia aquilo, aliás poucas pessoas entendiam, mas, quando eu pedia para que ela fosse pagar algo para mim, lhe fazia um rascunho explicando como o valor ficaria e mostrando a conta. Ela ia resolvendo e voltava muito feliz em contribuir e participar das minhas coisas. E também quando a ensinei a usar o computador e ela ficou orgulhosa, pois conseguia fazer suas atividades básicas nele. Fazia biquinho que era sua característica quando tinha dificuldades, reclamava uma hora ou outra, mas conseguia ligá-lo, o texto saía e era muito bom ver a sua face de satisfação por ter transposto aquela dificuldade. Interessante analisar que as dificuldades eram superadas com vontade de ir a diante, de viver e continuar!

Mas voltando a semana da festa junina, a decoração era feita com bandeirolas das mais variadas cores e com papel de revistas e jornais, afinal muitas coisas podem ajudar a decorar este tipo de festividade. Tínhamos vizinhos que faziam balões, lembro que o Valmir filho da D. Santina por diversos anos fez belos balões, e na hora de soltar o balão eram necessárias diversas pessoas para segurar suas pontas, caso contrário ele queimava. O Valmir era o que chamamos de bom filho, educado, carismático e sempre gentil com as pessoas; gordinho, seu rosto arredondado lhe dava uma aparência passiva, mas ele era

muito ligado em tudo, participava do grupo de crisma na Igreja São Francisco de Assis que é a igreja mais próxima da nossa casa e sempre estava disposto a ajudar as pessoas. Em determinado momento ele até pensou em ser padre, ouvi muitos comentários sobre esta opção dele e no final os pais dele foram contra e ele respeitou a vontade dos pais.

No mês de junho o céu ficava forrado de balões coloridos dos mais diversos tamanhos e formatos. Muitas vezes se perdia a conta de quantos eram e à noite se misturavam as estrelas e davam a sensação de mais pontos de luz com tons coloridos no já maravilhoso céu, ampliando aquilo que já é belo e cheio de misticismo. Mas o mais divertido de tudo isso era quando um balão ia se apagando e caindo, e a molecada achava que ia cair na redondeza, era um enxame de meninos correndo pelas ruas na direção do balão, cada um corria mais que o outro. Atravessam quarteirões olhando para cima, caindo, levantando, mas sempre atrás do troféu que vinha dos ares. Bem as vezes caía dentro da casa de alguém e eles pulavam o muro e o proprietário reclamava ou corriam de cachorros. Poucas vezes o troféu voltava inteiro, mas aquele que o conseguia pelo menos os pedaços voltavam com um sorriso de vencedor.

Saibam que eu fiz um balão! Agora sei que foi a minha iniciação a ser Desenhista Industrial! Pois a professora de artes nos ensinou na escola dobradura em papel sulfite e jornal, e na escola fizemos barquinho, pássaro e um pequeno balão com folha de jornal que ficou lindinho e eu me apaixonei por ele. E no final da aula fui até a professora e perguntei:

- Professora, ele funciona de verdade. É possível fazer um real que suba?



Ela riu e confirmou, então perguntei como? E ela me explicou a proporção e como ampliá-lo. É bem verdade que naquela época eu não sabia o que era proporção, mas a professora me disse quantas folhas comprar e como deixá-lo mais comprido. Cheguei em casa muito animada e pedi dinheiro à Mamãe para comprar papel no bazar da D. Laura que ficava no caminho para a escola. No primeiro instante ela estranhou e perguntou porquê? Então expliquei:

- A professora nos ensinou a fazer balão e eu quero fazer um bem bonito e colorido! Eu vou ter um balão bem lindo!

Percebi pelo seu olhar que ela ia questionar, mas eu estava tão feliz e animada que ela me olhou novamente e consentiu. Foi aí que lhe falei a novidade:

Olhe Mamãe a professora me ensinou a fazer um balão grande, mas eu quero mesmo é fazer um enorme, então quero comprar o dobro de papel e ele vai ser colorido e lindo. Ela sorriu aceitando minha empolgação e apoiando meus sonhos! Então peguei o dinheiro e saí correndo de casa e virei a direita e entrei no terreno abandonado que ficava ao lado, tinham alguns degraus cavados na terra e subi entrando em um caminho aberto dentro do mato crescido, quando cruzei o terreno e cheguei ao seu lado oposto virei a esquerda subindo a rua Cônego José Marinho, na próxima esquina onde está a casa da D. Adélia, uma senhora robusta e muito agradável onde o estilo da sua casa se diferenciava das demais, com uma casa plana, com paredes com acabamento de pedras, totalmente cercada de grama no seu entorno, com alguma roseiras em pontos específicos e um muro fazendo apenas a função de delimitador de espaço, pois de tão baixo que era bastava levantar a perna e o

transpassar; então cheguei a Av. Mac Arthur e virei novamente a esquerda, passei na frente da Igreja que não é católica, cruzei a rua Tereza Ruiz onde do lado contrário ficava a rua da escola que eu estudava e continuei em frente até o depósito de materiais de construção e na próxima esquina virei a esquerda pela última vez chegando na av. Presidente Altino onde se descia 100 metros e do outro lado estava o bazar. Comprei as folhas e refiz o caminho contrário muito animado.

Com o material comprado fui para a mesa da cozinha montar o meu balão; dobrei e fui colando as pontas, mas no meio fiquei confusa, mas a minha salvadora Mamãe apareceu me orientando, e quando ficava com outra dúvida falava com ela novamente; quando terminei esperei secar e mostrei para o Valmir. Ele coçou a cabeça, franziu a testa e perguntou:

- Foi você mesma que fez Nicinha?

- Sim fui eu Valmir, a professora ensinou e minha Mãe ajudou! Será que ele funciona?

Ele ria...ria...e balançava a cabeça.

- Incrível Nicinha, você sabe que eu posso fazer a tocha para que ele suba no dia da fogueira? Você quer?

-Então ele funciona Valmir? Eu quero sim, quero que ele suba e voe!

- Mas lembre-se que ele vai embora?

- Humm ... pensei um pouco e perguntei, não tem outro jeito. Ele riu novamente e explicou, olhe se eu colocar uma tocha ele vai encher e subir e vai embora!

- Humm ele vai embora... pensei mais um pouco.

- Balancei a cabeça em sinal afirmativo e respondi, sim entendo, ele vai subir...e vai embora, tudo bem! Foi pra isso que



eu o fiz!

E no dia da fogueira o balão foi colocado para acender e subir; ele era tão alto e grande que lembro que o Bira, nosso vizinho da frente e filho do Sr. Elizeu e D. Joana, subiu na laje da casa do seu Lino, nosso vizinho da direita para segurar a sua ponta. Realmente eu não imaginava que ele ia ficar daquele tamanho. O balão estava enchendo de ar quente, era colorido com duas cores rosa e laranja que são as minhas favoritas, parecia um charuto ele ficou enorme e era lindo. E foi subindo, subindo e foi embora ao soprar do vento, calmo com sua boca reluzente pela tocha. E de sua enormidade foi ficando pequeno, pequenino até sumir no infinito. Eu fiquei tão feliz! Bem, depois desta época cada vez mais foi se proibindo balões, então não fiz mais essa traquinagem, mas adorei fazê-lo e me surpreendeu ele ter ficado tão belo, enorme e ter funcionado. E durante algum tempo fiquei pensando onde ele estaria ... Até achei que o vento poderia trazê-lo de volta, e ele desceria no meio da rua comportadamente e eu o pegaria com cuidado para não rasgar. Risos.... só criança pode ter tamanha imaginação...!

Então na noite da festa junina a cozinha lá de casa ficava cheia de assadeiras com bolo de cenoura, bolo de coco, bolo de chocolate, bolo de fubá e vamos aos maravilhosos doces, bem, ela fazia pé de moleque, doce de leite, doce de abóbora, doce de amendoim, cocada. Era um delírio para nós crianças. E neste fazer, cozinhar e assar acabavam as assadeiras para dar continuidade aos preparativos, então Mamãe nos enviava na casa das vizinhas mais próximas para pedir assadeiras emprestadas. Bem que ela não gostava de empréstimos, mas, o tamanho do evento fazia com que neste momento se cedesse. E de salgado

tínhamos cuscuz, amendoim assado, pipoca e carne louca. Sempre fico comparando se era melhor o cuscuz ou a carne louca, ambos divinos. E para beber sempre quentão e vinho quente, dois caldeirões enormes que ficavam acesos a noite toda. E já estava me esquecendo da batata assava na própria fogueira, tudo bem que ela ficasse escura e cascuda, pois era muito mais saborosa e docinha.

A festa durava a noite toda, e naquela época se dançava forró a noite toda, começando lá pelas 21 horas, mas como temos parentes que moram longe, muitos no bairro de Santo Amaro e arredores deste, alguns vinham na hora do almoço e depois continuavam e ajudavam nos preparos das coisas, outros vinham a tarde pois a condução era demorada e não queriam chegar a noite para não se perder e os terceiros vinham para a festa quando estava fervilhando. E só terminava quando o último convidado queria ir embora, afinal conforme os dizeres de Mamãe:

- É falta de educação mandar alguém embora da nossa casa, a pessoa é que tem que querer ir embora. Então mesmo que seja muito de madrugada filhos, devemos ficar e fazer companhia para a pessoa!

Isto segundo os valores de Mamãe, eu sempre argumentei que a festa era na rua, mas na verdade a estrutura e organização vinham lá de casa. Também podíamos comprar biribinha que você joga no chão e estoura, e os fogos de artifício que eram acesos e estouraram fazendo sons e distribuindo luzes no céu durante a festa, desde que fossem acesos em um canto específico e afastado das pessoas.

As noites de junho tem um céu com poucas nuvens e es-



trelado, é como se a escuridão ficasse mais negra e as estrelas brilhassem mais... e o vento sopra frio como uma carícia nos nossos rostos. Na noite da fogueira com as bandeirinhas colocadas na rua inteira, ao se olhar da ponta da viela se via no horizonte em perspectiva um colorido com o movimento do vento, como que saudando aquela singela festa que se repetiu por quatro décadas. Ou quando olhávamos da janela da nossa casa que era um sobrado simples, parecia que a paisagem tinha sido agraciada de alegria. E ao adentrar da noite a névoa ia se fazendo presente e também era um presente e víamos tudo ir ficando enevoadado e as pessoas ao longe sumindo. Bem, para nós tudo era motivo de diversão desde que estivéssemos bem agasalhados. Então fazíamos tochas com as madeiras compridas. Mamãe ralhava, não vão se queimar heim!

Quando se entrava na Travessa Charles Gobat que é uma rua estreita, com uma única mão para carro, se tem do lado direito uma enorme casa de esquina que têm a sua frente para rua de baixo que é a Rua José Pereira de Carvalho esta casa pertencia a dona Elvira, que era uma senhorinha baixinha que falava com sotaque português. Ela possuía todas as cinco casas ao lado dela e adentrando a viela, então estas casas eram todas alugadas, com pequenos quintais, sem plantas e sem garagem para carros. Já do lado direito temos uma casa de porte médico que também dava para a rua de baixo, mas a seguir deste mesmo lado temos a casa da D. Nica é uma senhora alta casada com o Sr. João, ela gostava muito de plantas e tinha um belo e amplo jardim frontal e entre muitas um pé de goiaba, então quando a goiabeira dava frutos ela ficava no portão esperando um de nós passarmos e nos dava goiabas, isto aconteceu muitas vezes.

Então levávamos para casa, Mamãe lavava e escolhia qual devíamos comer. Acima do mesmo lado tínhamos a casa da família da D. Josefa também é bastante confortável com uma garagem comprida e um lindo jardim à direita na sua parte frontal. Eles sempre tiveram cachorros de grande porte e barulhentos. Seguindo temos a casa da D. Antônia e seu Diocrécio uma senhora gentil que tinha uma simples construção de fundos e um amplo terreno na frente. Depois a casa do Sr. José que também era de fundos, mas com uma construção muito bonita. Acima, a casa do seu Gildo e a D. Santina uma casa muito ampla com construção irregular onde os cômodos foram adaptados com sala de jantar e poço nos fundos, muitas plantas e uma pequena garagem para carros. E terminando a casa da D. Catarina e Sr. João, uma senhora séria que tinha muitos pombos, era uma construção simples de um cômodo em um amplo terreno. Enfim as casas da direita da viela eram locadas e as da esquerda moravam os proprietários, só pela estrutura já se tem uma diferença onde as pessoas compravam os terrenos, pagavam por anos e depois iam construindo conforme sua possibilidade. Eram trabalhadores e assalariados que primeiro precisavam se alimentar e depois comprar material para continuar sua morada. E na parte de cima da viela se abria como um campo de futebol só tinha proprietários, a nossa casa é onde sempre tinha fogueira era a da direita no canto.

Então chegamos na ponta e do lado oposto da viela onde na esquina é a casa do Sr. João e D. Margarida do lado oposto a casa da Batiã uma senhora Japonesa que só falava a língua japonesa que ficava ao lado da nossa casa, em frente é a casa do Sr. Eliseu e da D. Joana ao lado esquerdo a casa do Sr. João com



a D. Maria, que eram padrinhos do meu irmão Paulo Henrique; ao lado o Sr. Raimundo e a D. Antônia, depois o Sr. João que ficou viúvo e casou com a D. Maria; depois o Sr. Valdomiro e a D. Sinhá que tinham muitos filhos e o Sr. Flávio e a D. Sônia.

Na semana da fogueira os vizinhos ajudavam trazendo gravetos que eram colocados do lado direito da ampla frente de nossa casa, e os troncos principais iam sendo colocados de forma a se transformar na base da fogueira que já eram colocados bem na frente de casa. Naquele tempo se tinham muitos terrenos abertos e a madeira era abundante.

Anoitecia e as pessoas chegavam calmamente, a música era posta na vitrola ou aparelho de som dependendo da época, mas durante muito tempo usamos disco de vinil. As músicas eram as mais variadas, mas o forró sempre teve o seu local de apoteose, a Graça esposa do Sr. Amauri tinha muitos discos e sempre nos emprestavam os mais variados discos, mas devido a longa festa sempre se repetiam. E aos poucos a rua e a nossa casa enchiam de pessoas falantes e alegres. Algumas vinham a caráter de chapéu, com roupas remendadas e pintadas, afinal festa caipira precisa de pessoas vestidas com caricatura de caipira; outras vinham arrumadas como que para uma festa elegante; e outras vinham com roupas comuns. Mas todas tinham um ponto em comum: se divertir em família e comer coisas feitas com muita qualidade, capricho pela Dona Manuela. Que durante esta narrativa também será chamada de Mãe, Nô, Nela, Mamãe, Mamãe Manuela e Senhora.

Nós da casa já sabíamos que deveríamos ser os anfitriões, ou seja, servir todas as pessoas na festa. E o tempo todo estávamos entrando e saindo com os pratos, buscando e lavan-

do copos, conversando rapidamente com as pessoas e voltando ao trabalho de servir.

Somente no início da madrugada é que Mamãe conseguia sentar ao lado da fogueira e conversar com quem ficou na festa até mais tarde. Então ela puxava um bocado de carvão, esperava ele esfriar um pouco e colocava as batatas para assar. Ficavam maravilhosas! Então ela perguntava detalhes da festa, se fulano ou beltrano vieram, se foram bem servidos, se gostaram... Verdade que muitos entravam na cozinha e cumprimentavam Mamãe, mas a correria era tamanha que muitos fatos passavam despercebidos por ela.

Na rua que morei e cresci durante muito tempo o chão era de terra e não havia luz de rua, pois por algum erro que nunca compreendemos ou compreendemos e nos acostumamos no Brasil, na prefeitura constava que tínhamos asfalto e a luz de rua estava instalada. Asfaltaram e iluminaram todas as ruas no nosso entorno e a nossa continuou sem ambos, e quando se foi reclamar na prefeitura constava que a mesma estava completa de infraestrutura. Nossa rua comumente era escura e com terra; quando o tempo ficava demasiadamente seco se subia uma poeira que invadia as casas e exigiam mais faxina e limpeza e quando chovia o que nos restava era fincar os pés no barro e continuar a vida, às vezes caíamos e tínhamos que voltar para casa e trocar a roupa ou perder a aula. E quando chovia era comum antes de entrarmos em casa ter que tirar os sapatos, caso contrário a casa ficava enlameada dos nossos pezinhos inquietos. O que restou aos moradores foi cimentar a rua com recursos próprios, aliás foi meu pai Paulino que foi de vizinho em vizinho explicar a situação e organizou o rateio do



pagamento deste serviço.

Bem, mas o que é um problema estrutural e vergonhoso, para a fogueira na cidade foi uma solução, pois, a maioria dos anos da minha vida lembro de ter fogueira na frente de casa, a rua era sem saída e no final a mesma se abria com mais espaço, como um campo de futebol. E a nossa casa era (para quem entra na rua), no final dela do lado direito já na parte que seria o canto do campo. Então nosso vizinho lateral à direita era os fundos da casa dele pois a sua frente era na rua ao lado e o da frente tínhamos 10 metros de distância frontal. Resultado, Mamãe sempre fazia uma festança na frente da nossa casa.

Se arrumava carro para trazer as madeiras da redondeza e passava dias cozinhando lá em casa as coisas para a fogueira. Pela fala de familiares eles se organizavam para aquela fogueira todos os anos e tudo era impecável. E nós fomos crescendo neste ambiente de festas e passamos a participar da organização. Lembro que um ano decidimos fazer bandeirinha na rua toda e não só em frente de casa e poderia cortar papel, arrumar adulto para amarrar nos postes, mas valeu a pena a rua toda ficou linda e colorida. Em um outro momento resolvemos fazer correio elegante, desenhamos os corações, pintamos os cartões e cobrávamos centavos pelo nosso empreendimento, afinal foi uma iniciação a nossa vida como empresários... risos...

Então quando a festa ficava mais calma (na alta madrugada) Mamãe conseguia sentar ao lado da fogueira, a madrugada transcorria de maneira mais calma, a música ficava mais baixa e o início da festa já era lembrada. Informávamos para Mamãe quem estava no início e quem não veio. Realmente Mamãe nunca via o início da fogueira, pois sempre estava muito

atarefada organizando a cozinha e o que servia. E mais um detalhe, tudo deveria ser servido em pratos de vidro organizados e nunca deveríamos pegar nas beiradas. Os pedaços e porções eram médios e as pessoas podiam servir o quanto quisessem. E se sobrasse coisas da festa no dia seguinte se fazia uma continuação da festa do dia anterior.

Houve um ano em que papai convidou os amigos do trabalho, então todos vieram a caráter com roupa de chita coloridas, chapéus, tranças, botas, teve quadrilha, casamento caipira, correio elegante. Mas durante anos a festa se repetiu das mais diversas maneiras, de simples a sofisticada a fogueira sempre esteve anualmente presente.

Com o tempo e a carestia, minha família não conseguiu mais manter a festa dentro do padrão que Mamãe gostava, então conversamos com os vizinhos e cada um se propôs a trazer um prato de salgado e de doce para contribuir. Assim era montada uma mesa ampla próxima a fogueira e conforme as pessoas chegavam colocavam os pratos e participavam do evento.

Para a nossa família mantivemos um pouco de tudo, mas em quantidade bem menor que o de outrora. E Mamãe teve que se adequar em ser menos exigente com tudo, pois passou a ser uma festa comunitária. O lado positivo disto é que Mamãe passou a aproveitar mais das fogueiras, pois colocamos nossos pratos na mesa e ficávamos na festa. Quando as coisas acabavam sempre tinha um prato de reserva e pronto para servir.

Como cozinheira detalhista e exigente que era, sempre tinha as suas críticas por não poder fazer tudo do seu jeito, mas isto já é para contar em outra longa história!

Então você já foi em alguma fogueira e já esteve ao seu



redor por horas, colocou gravetos, empurrou carvão em brasa, dançou ao seu redor, usou roupas caipiras, enviou correios elegantes de paquera? E tudo isso regado a uma luz com tons avermelhados que aquecia o nosso rosto e corpo, que transbordava e nos enchia de calor do ardor da brasa. Às vezes tínhamos que nos afastar de tão quente que ficava e conforme o calor diminuía nos aproximávamos da fogueira, mas alguém lembrava de colocar mais gravetos e nos afastávamos novamente e era um ir e vir a noite toda. Quando se olha para uma fogueira se vê uma dança constante de energia, com cores e movimentos que alegam a alma, pois nos tiram da escuridão e nos dão movimentos e cores, uma troca de matéria que nos ensina sobre as graduações da vida, com o seu ir e vir constante.

2 FOGUEIRA NA CIDADE - DE ONDE VEIO ESTE COSTUME?

Mamãe veio órfão de Cafelândia para a cidade grande, segundo Mamãe me contou:

- Com o meu salário que era pouco eu comprava roupas e pagava a prestação e todo final de semana estava no cabeleireiro, com o qual fazia grandes penteados em formato de coque e onde utilizava ferro quente para alisar os cabelos; no tempo de solteira dava para fazer isto, e eu sempre estava muito arrumada. Não conhecia ninguém além da sua madrinha Rita que também veio de Guarantã, na verdade o tio dela era caseiro na fazenda de Guaiuvira; e a Maria que veio de Santos que tinha parentes em Guarulhos, mas nunca mais soubemos dela.

E realmente temos uma foto de Mamãe com um lindo

penteados e onde se destacavam seus lindos rostos e sorrisos. Aliás eu fico muito feliz de ser dos filhos que mais se parece com ela. Seu nome de solteira é Manuela Florêncio Gonçalves nascida em 17 de junho, mas registrada em 31 de julho de 1940.

E neste vai e volta em determinado momento em São Paulo, Mamãe conheceu um trabalhador de um depósito de materiais de construção, meu Pai (Paulino) nascido na cidade de Feira de Santana - Bahia. Segundo Papai eles se encontraram uma primeira vez sem muita perspectiva. Mas a segunda vez que se encontraram por acaso novamente, o sorriso dela o preencheu de expectativas.

Mamãe foi pedida em casamento para a patroa, uma vez que não tinha parentes próximos na capital. E quando se casou na Paróquia Santa Teresinha, passou a ser a Sra. Manuela Gonçalves Queiroz, já havia mudado de emprego e sua nova patroa se chamava Terezinha. E teve uma pequena e simples recepção na casa em construção do casal no bairro do Jaguaré, onde foram morar lá de imediato.

Em determinado momento da minha vida profissional eu passei a usar roupa de linho, Mamãe ficou muito nervosa e veementemente disse que não colocaria a mão, que eu não contasse com ela! Me espantei com a sua postura, pois ela sempre estava disposta a nos orientar e estar conosco. Então perguntei o que havia de errado? No primeiro instante ela desconversou, então insisti no assunto:

- Por favor me diga o que está acontecendo, tudo bem, pois eu já cuido da minha roupa e passo. Mas as vezes não sei como fazer e a Senhora me orienta. Mas por que não posso contar com a senhora? Qual o problema? O que te irrita?



- Nice a minha primeira patroa era insuportável de exigente e desumana, só usava roupas de linho inclusive lingerie, e se tivesse qualquer amassadinho mesmo que de leve na roupa ela não devolvia e nem pedia para repassar; simplesmente fazia questão de amassar e jogar a roupa no cesto o que fazia com que ficasse toda amassada novamente. Então eu não tenho nada de linho e detesto passar e cuidar de qualquer roupa linho!

Então aproveitei as lembranças do passado e perguntei:

- E o seu casamento como foi? Foi na época desse emprego, não foi? Ela me olhou pensativa e como se puxasse algo de longe demorou a falar, mas então respondeu:

- O casamento não teve nada de especial Nice, foi algo simples e sem registro fotográfico pois tudo era muito difícil e não tínhamos condições. Eu trabalhei durante o primeiro ano de casamento na D. Terezinha e quando engravidei da Fátima parei de trabalhar, pois não tinha com quem deixá-la.

- Para a época demorei para ter filhos, então tive a Fátima e quando ela tinha entre 3 a 4 meses fui levá-la ao médico e foi aí que descobri que estava grávida de você. Meu susto foi tão grande de saber que já estava grávida novamente que tive um mal-estar passageiro, risos... Então de uma pessoa órfã que eu era, de repente tinha duas crianças para cuidar.

- Aqui era tudo longe e difícil, a água era de poço no início, com o tempo tivemos bomba de água e aos poucos as coisas melhoraram. A casa no início era um quarto, cozinha e banheiro e aos poucos fomos aumentando e se transformando em dois quartos, cozinha e banheiro mais lavanderia fechada, que é o que você se lembra. Mas quando ainda tínhamos um quarto somente, mesmo assim acolhemos a sua Tia Joanita e seu Tio

Alexandre que casaram logo depois de nós; até que eles construíssem no terreno deles e mudassem, ficaram aqui e tivemos que nos arranjar assim.

Lembro que havia um galinheiro nos fundos da casa e quando Mamãe matava a galinha eu fechava os olhos e tinha dó, ouvia o bater das asas que iam parando, mas depois comia sem problemas. E sobre a bomba d'água havia um poço nos fundos da casa, ao lado do tanque de lavar roupas e quando a bomba dava problema a água era puxada no braço. E muitas vezes me lembro que Mamãe tentava arrumar a bomba, engraxava e montava novamente e funcionava. Suas mãos ficaram cheias de graxa. Aliás Mamãe trocava chuveiro, borrachinha de torneira, fusível da caixa de força, lâmpadas, botijão de gás ... Também me lembro que foi nestas tentativas de conserto da bomba d'água que Mamãe errou e a bomba comeu parte do seu dedo indicador. No dia que isto aconteceu eu vi sua mão puro sangue, gritamos, choramos e os vizinhos a socorreram e por isso ela conviveu com esta limitação de um dedo mais curto. Mas até cicatrizar ela fazia tudo com uma única mão, pois a outra ficou em uma tipóia até cicatrizar. Cozinhou, lavou, passou com um único braço por meses.

Sobre o galinheiro eu adorava correr atrás das galinhas, Mamãe ficava brava, mas era divertido e quando eu pegava uma a abraçava loucamente e a coitada fazia seu corococó mais acelerado e não havia que a salvasse da criança traquina e os pintinhos tão pequenininhos, eles me escapavam pela mão, lembro do seu cheiro forte e o calor que exalavam. Já minha irmã Fátima tinha muito medo e chorava toda vez que tinha que passar por elas, fato que se repetiu na sua vida adulta, mas



nunca entendemos!

Hoje o bairro Jaguaré é um bairro situado na zona oeste do município de São Paulo pertencente ao distrito de Vila Lageado. Seu tecido urbano é na maior parte formado por casas térreas ou sobrados, comerciais e alguns edifícios. Um local dormitório a quarenta e cinco minutos da avenida Paulista pela linha 874C – Parque Continental / Trianon Masp, mas com algumas outras boas opções de transporte. Pena que não haja nenhum ponto de ônibus final dentro do bairro, o que faz com que os que lhe cortem já passem cheios e que esteja entre duas linhas de trens: Vila Lobos Jaguaré e a Presidente Altino, mas não tem nenhuma dentro do seu perímetro.

Hoje continua sendo um bairro subúrbio, com alguma infraestrutura, mas em 1963 era um local muito distante de tudo. Situado do outro lado do Rio Pinheiros, com uma única linha de ônibus, de um lado do rio a cidade normalíssima e riquíssima das grandes casas e com infraestrutura mais adequada a sua população, do lado oposto, que é o nosso lado, um bairro de trabalhadores temporários e assalariados, com um traçado sem definição no tempo, com o que era desvalorização imobiliária. Com o tempo se ampliou em especial devido a expansão do município vizinho Osasco e dá proximidades com o campo da USP – Universidade de São Paulo e com o CEASA/CEAGESP³ – Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo.

Mamãe gostava muito de fazer feiras de domingo no CEAGESP que é o maior mercado atacadista da América Latina e o terceiro maior do mundo. Em um espaço de mais de 700 mil

3 O que é o Ceagesp Disponível em: <http://ceagesp.gov.br/a-ceagesp/institucional/historico/> Acesso em 07 set. 2021.

metros quadrados, ela possui mais de 3 mil empresas atacadistas e varejistas. Então é enorme galpão com diversos feirantes com os mais variados produtos, todos fresquinhos e com um bom preço, Mamãe sempre argumentava:

- Vale a pena comprar no Ceasa porque os produtos são bons e frescos, duram mais e tem um cheirinho de fresco. Mesmo que se gaste combustível e seja um pouco mais longe, vale a pena ir lá!

Mas até hoje em 2021 no bairro do Jaguaré não temos um posto de saúde que comporte sua população de entorno, quando se precisa marcar um médico a média são seis meses de espera, e quando se precisa de um médico especialista fora as enormes esperas os pacientes são enviados para a Zona Leste do estado de São Paulo, para nós isto é dispendioso em termos de custo e demora, pois é do outro lado da cidade. Resumindo uns seis meses de espera mais umas duas horas para chegar no mesmo e mais duas horas para retornar ao lar, pensando que estamos falando do estado mais rico do Brasil o que acharemos nos demais?

Mamãe me contou que em 1963 as coisas eram assim:

- Nice só tínhamos uma linha de ônibus que passava aqui, que demorava para chegar em torno de 2h e 30 minutos dependendo da demora de passar o ônibus. Nem em todas as partes do caminho havia asfalto e como o ônibus demorava para passar normalmente estava lotado e quando chegamos aqui já era o ponto final que ficava lá no Balão do Jaguaré. Então descíamos, seguíamos por um caminho de terra aberto no meio do mato. E quando chovia chegávamos aqui com barro até os joelhos, os sapatos atolavam, como te disse tudo era muito difícil.



Hoje quando partimos do Balão do Jaguaré para a casa que era da nossa família temos que, o nome Balão do Jaguaré mudou para Praça Henrique Dumont Villares com: farmácia, loja de roupas, posto de combustível, bazar de quinquilharias, casa de bolos; então continuamos quadra adentro e vemos: Banco Santander, Banco Caixa Econômica Federal, Lotérica, Banco do Brasil, e mais abaixo a padaria São Martinho, casa de cosméticos, despachante, drogarias umas quatro, duas copiadoras entre tantos menores. Então em cinco quadras hoje temos um conglomerado inimaginável na época que meus pais vieram morar aqui.

Mas deste casamento se gerou quatro filhos, Aparecida de Fátima, Eunice, Paulo Henrique e José, as meninas nasceram primeiro em nossa casa. Fico feliz em ter nascido antes que os meninos, assim se atenua um pouco o machismo da minha família. E então como em toda família temos os apelidos dos filhos, ficaram assim: a Aparecida de Fátima que foi a primeira filha nós chamávamos de Fátima e toda vez que falávamos o nome completo ela se lastimava deste nome enorme e de promessas, o de Nossa Senhora Aparecida da qual Mamãe era devota. A Eunice é chamada de Nice, Nicinha, Digu e Filha. O Paulo Henrique não tinha apelido na nossa casa, pois Mamãe sempre dizia firme:

- Escolhi um lindo nome para o meu primeiro filho e faço questão que o chamem pelo nome correto.

E toda vez que esquecemos ela nos ralhava até que nos acostumamos. Mas para os amigos ele era chamado de Paulo, Paulão e Nego. E o seu nome foi uma aproximação de Paulino que é o nome do Papai. Já o José que é o mais novo é: Zé ou

Zezinho que foi uma homenagem ao Pai de Mamãe que se chamava José Florêncio.

3 HÁBITOS PECULIARES E ACOLHIMENTO

Uma situação que sempre se repetiu na minha casa foi o acolhimento aos familiares e amigos próximos. Se cuidou do Salu (um amigo da família) quando ele foi atropelado. Acolheu a Tia Joanita - irmã do papai - durante o seu primeiro ano de casamento até ela construir no terreno dela. Acolheu a Tia Soliu um tempo depois meu primo Tóti. Outros dois primos chamados Jorge e Antônio que são irmãos e filhos da Tia Soliu. Ficou um tempo com outra prima chamada Ritinha, fora os que não me lembro. Sempre vinha alguém da Bahia lá para casa e eram tratados com tudo que se tinha de melhor, de refeição, acomodação e apoio para se estruturar. Papai bancava o financeiro e Mamãe se desdobrava fazendo que tudo rendesse, fosse agradável, limpo e acolhedor.

Também há o Toizinho que foi bastante presente na nossa família, sempre nos tratava com muito carinho e quando eu era pequena ficava bastante no seu colo, ele me tratava com carinho. Ele se casou e teve um casal de filhos, criava passarinhos em gaiola na casa dele e papai veio a criar lá em casa também!

Mas na realidade eram quatro filhos para este casal Manuela e Paulino criar, alimentar, vestir, medicar e educar; fora médico quando necessário; de um salário de um motorista e a esperteza e administração plena de uma empregada doméstica. Sempre vi a Mamãe inquieta para dar conta de tudo. Ela era muito silenciosa e acolhedora, mas passava seus apertos sozi-



nha. Já Papai, tinha uma frase constante:

- Que ele ia trabalhar e que eles podiam!

Hoje entendo que nunca houve um reconhecimento por parte de Papai a força motriz que ela desempenhou firme e capaz dentro deste contexto. Mas ela sim sempre reconheceu que ele era trabalhador e lutador. Uma vez me lamentei da ausência do papai, ela me olhou e disse:

- Olhe Nice, ele tem lá o jeito dele, mas ele lhe ama muito! Os tanques de roupa que ela lavava continuamente, colocava para quarar, trocava a água eram enormes. E quando a roupa ficava limpa começava a passar, ela odiava passar roupa e quando nós crescemos um pouco mais, imediatamente ela passou esta atividade para as duas filhas mulheres: a Nice e a Fátima. Só lembrando não era crime criança trabalhar em casa naquela época e nós estamos bem, risos....

Eu sempre tive muitas dores nas costas e Mamãe me deitava no chão e colocava “Emplasto Sabiá” nas minhas costas eu chorava e ela não tinha muito o que fazer. Depois de adulta descobri que tenho o cóccix mal formado e fiz muitos anos de RPG- Reeducação Postural Global para minimizar as dores crônicas. Então, mesmo sem saber o que eu tinha ela me poupava de trabalhos pesados, por exemplo roupa ela nunca me deixou esfregar grandes tanques de roupa como ela o fazia. Pouca roupa ela deixava que eu lavasse e uma frase recorrente dela era:

- Você sempre foi a mais fraquinha dos filhos, Nice!

Mas eu e a Fátima tínhamos que arrumar a casa, e nos quartos e na sala era de praxe passar palhinha em taco por taco no chão, passar pano úmido até limpar, passar cera de joelhos, esperar secar e depois lustrar com os pés até dar brilho. E isto

se repetia toda semana.

A verdade é que cada um dos filhos teve os seus momentos delicados, a Fátima tinha uma enxaqueca que a perturbou a vida inteira, eu tive bronquite e a coluna para carregar, o Paulo Henrique teve meningite, que naquela época era muito grave e o José fez um longo tratamento de fala. Há e lembra a minha Madrinha Rita ela tem um filho que de pequeno teve uma infecção, então como a Mãe dele trabalhava, minha Mãe que era madrinha dele cuidou dele. Risos... então o Fernando que eu chamo de primo é meu meio irmão por criação e Mamãe pegava filas de madrugada no INSS para pegar senha para que ele passasse no médico e também para ter o medicamento, foram longos anos...

E lembra da irmã do Papai que ficou com eles no primeiro ano do casamento até construir. Ela teve duas meninas e como a Tia Joanita trabalhava, mamãe cuidou das meninas dela durante um período, até que elas crescessem e pudessem ficar em casa sozinhas.

Também, quando um parente chegava em casa na hora do almoço, ela imediatamente se dirigia para a cozinha e preparava algo quentinho, fresquinho e bem feito para a pessoa. E quando não tinha algo que ela considerasse a altura, se fazia um ovo frito, arroz fresquinho, uma salada de alface e tomate. E ainda ela se desculpava por não ter algo melhor. Ou mandava um dos filhos com as moedas juntadas e contadas comprar o que fosse possível.

Mas tenho que contar do pão caseiro. Lembro dela misturando os produtos na bacia para fazer o pão caseiro, mexendo com a colher, mas quando a massa pegava consistência ela



fechava a mão e os seus punhos manipulam a massa com força e destreza, e a mesma era juntada e jogada com impacto na mesa várias vezes. E ela nos dizia que para a massa crescer precisava apanhar. Hoje sempre tenho um sorriso na face quando me lembro disto. Depois ela separava a massa em bolas, a abria com uma garrafa de cerveja e a enrolava no formato que desejava. Embora não fizesse muito sentido uma cozinheira não ter o rolo de macarrão, me lembro de durante muito tempo ele não existiu lá em casa e a garrafa de cerveja fazia a função.

Como sempre Mamãe tinha espectadores inquietos e falantes ao seu redor, e então ela nos avisava que o pão para crescer precisava dormir, então nós precisávamos ficar quietinhos, caso contrário ele não cresceria para ser assado e logicamente comido por nós.

Então víamos ela cobrir o pão com a toalha de mesa e sobre esta colocava um cobertor, e de tempos em tempos víamos os montes irem aumentando até serem descobertos e colocados no forno para assar. Lógico que sempre tinha um mais curioso que queria dar uma olhadinha neles. E o silêncio resistia uns poucos minutos.

Nós crianças entendíamos que o cobertor fazia ele ficarquentinho para dormir bem. Para nós fazia sentido já que ela nos cobria para dormirmos, que o mesmo fosse feito com os futuros pães. E para ela eram uns poucos e raros minutos de silêncio, já que éramos quatro filhos (dois meninos e duas meninas), mais duas primas e um afilhado que ficaram aos cuidados de mamãe boa parte da nossa infância. A quantidade feita era sempre muita e tudo acabava rápido.

Nossa, pense em uma fatia de pão caseiro fresquinho

com uma xícara de chá, era tudo de bom! E no dia seguinte parecia que ele estava mais gostoso ainda, eu sempre repetia, humm que delícia!

Bem, ela aglutinou a família do papai como se fosse a dela e não fazia distinção, aliás foram muito poucas vezes que a família dela nos visitou. Sempre teve poucos amigos, e se dedicou à família firmemente. Segundo depoimento da Alenxandrina (Dina), madrinha de crisma da minha irmã Fátima que veio da Bahia. Ela conheceu a Mamãe bem próximo ao casamento dela com o papai. Manuela era uma pessoa que sabia acolher com aquele jeitinho muito simples e meigo. Muito paciente com a família do marido que dava gosto. Carregou nossa família nas costas sem reclamar.

A Tia Rita que é amiga de Mamãe de solteira, desde 1957 me contou assim:

- Eu e sua Mãe sempre íamos para Guarantã, então nós íamos várias vezes por conta própria, e a tarde ficávamos lá sentadas frente do armazém do meu tio, também andávamos pela praça ou íamos ver o trem passar na Estação de Guaiuvira ...risos.... era assim filha, os moços e moças bem vestidos e arrumados, as moças com seus vestidos rodados a andar pela cidade. Naquele tempo a gente tirava fotos nas praças e ficavam no binóculo, pois tudo era caro. Depois que seus se casaram sempre tinha festa na sua casa, risos... nós éramos muito festeiras tanto fogueira como festas de aniversários. Era animado e a Nô fazia tudo, cozinava, servia... ela sempre cozinhou bem! E os bolos de nove assadeiras nos aniversários, era assim uma em cima da outra, ficavam numa altura que era difícil de cortar, nem lembro porque fazíamos assim. Em vez de fazer



baixinho...risos...

Mamãe foi o fio condutor de apoio e arrimo de muitos, principalmente para a família do Papai, mas por ela ficar em casa nunca foi reconhecida pelo esposo. Aliás, ele constantemente reclamava dela. Um dia chegava em casa brigando por tudo e com todos, e no outro vinha alegre, mas como já tínhamos sua braveza no dia anterior ficávamos paralisados sem saber como agir. Então ele perguntava o que tínhamos? E no andar da vida isto só se ampliou e piorou.

Papai sempre foi trabalhador e o provedor financeiro da nossa casa, mas de manhã para ir trabalhar Mamãe preparava a roupa dele muito bem passada nos mínimos detalhes, dava tudo na mão dele, ele nunca estava em casa e não sabia onde estava nada. Sempre estava atrasado para tudo e para apoiá-lo, embora Mamãe não soubesse dirigir ela aprendeu a ligar o carro, assim o carro esquentava e Papai poderia ir mais calmo para o trabalho. Calmo deve ser uma palavra que Papai nunca aprendeu o significado, pois, me lembro que por mais que ela tentasse adiantar a ida dele para o trabalho ele sempre estava nervoso, irritado, atrasado e o mais comum é que ele sempre saia praguejando a vida dele. Mamãe não gostava mesmo era das pragas que ele jogava, o restante me parece que ela via como uma parceria de um casal. Pena que ele nunca percebeu esta parceria!

Recentemente participei de um curso de pós-graduação intitulado: Profissões de Africanos Descendentes na História do Brasil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro onde o professor Henrique Cunha abordou sobre: Quitandeiras e Batuqueiras. É impressionante, mulheres que durante 200 anos semea-

vam, plantavam, cultivavam, selecionavam, vendiam pagavam parte para o escravizador, se mantinham e muitas compraram suas alforrias. Um conhecimento de força e astúcia para lidar com o escravismo criminoso. Fiquei pensando como no tempo do império elas conseguiram ter um espaço organizacional e estrutural dentro da desestrutura que era imposta ao negro. E continuo pensando por que hoje a mulher, lavadeira, passadeira, arrumadeira, a que cuida de casa, aquela que faz trabalhos que atenuam diversas pessoas a crescer em outras profissões é tratada com tanto desprestígio em pleno século XXI. Por que durante a votação dos direitos trabalhistas das empregadas domésticas as senhoras patroas fizeram *Lobby*⁴ político para que as empregadas não tivessem os mesmos direitos dos demais trabalhadores. Você sabia que de acordo com a legislação a empregada doméstica brasileira não tem os mesmos direitos que as demais categorias? E você que está me lendo registra a sua empregada doméstica, paga os direitos trabalhistas dela como condução, décimo terceiro, férias e parte do INSS ou simplesmente esquece de pagar e dá uma economizadinha. O mais aterrorizante é como isto está disseminado na nossa sociedade, um silêncio que precisa ser escancarado. Ficar em silêncio também é contribuir com a continuidade desta exclusão.

4 CONHECENDO SEUS ANCESTRAIS

Mesmo morando na cidade Mamãe Manuela tinha hábitos bem particulares, fazia chás para diversos problemas corporais, pingava algo morno no meu ouvido quando eu tinha dor

⁴ Lobby se caracteriza como uma atividade de exercer pressão sobre algum poder da esfera política para influenciar na tomada de decisões do poder público em prol de alguma causa ou apoio.



de ouvido, fez simpatia para minha bronquite e me lembro que tivemos um galinheiro nos fundos da casa. Quando ela matava as galinhas, separava o sangue e fazia um ensopado maravilhoso e complementava com um fubá, enfim a famosa Galinha a Cabidela, muito saborosa.

Mas a importância da família para ela era tamanha, que ela nos levou para conhecer a nossa bisavó materna Elvira. Primeiro Mamãe resolveu mandar as suas duas filhas de trem passar férias com um casal de tios dela, que moravam em Bauru, interior de São Paulo. Na realidade eles eram meus padrinhos de batismo, e recordo que eles gostavam muito de estar conosco. Meu padrinho Wando trabalhava na ferrovia e era casado com a Carmem uma mulher muito séria, mas muito cuidadosa e educada. Ele gostava de tocar sanfona e nós adorávamos ouvir ele tocar e também dar uma mexidinha no equipamento, o que era feito com muito cuidado para não estragar nada.

Quando Mamãe chegou, eu estava muito saudosa dela passava muito tempo no corredor à espera da sua chegada, então ela chegou e saímos para passear a pé pelas ruas, e fomos andando e havia um amplo terreno que subia cheio de mato, mas havia um caminho que entramos nele. Quando chegamos lá em cima, nos direcionamos para uma pequena casa e entramos e tudo era muito simples e havia um fogão de barro a lenha, o fogo estava aceso, uma senhora queria que eu comesse algo e eu não quis e comecei a chorar. Ela quis colocar algo na minha testa e estranhei. Tenho esta lembrança como um sonho, o terreno era amplo e de terra batida vermelha, as árvores altas ao longe. Conversando com Mamãe muito tempo depois descobri que aquela senhora era a minha bisavó Estela

que morava em um enorme terreno da família que pegava a frente para duas ruas, em singela casa e que tudo foi perdido devido ao não pagamento de impostos e desentendimentos entre os parentes, na análise de Cunha Júnior.

A ligação das religiões africanas com a natureza produziu um grande conhecimento sobre remédios e formas medicinais que tiveram grande utilidade para a população e hoje estão sendo estudados pela medicina ocidental. Pensar que as religiões africanas são crendices, sem importância é desconhecer a riqueza de conhecimentos processados nestas religiões. Conhecer estas religiões é conhecer melhor a forma de ser e pensar da população negra e também do povo brasileiro. (Como parte integrante do conhecimento da humanidade), Cunha Júnior (2009 p.98)

Sobre a nossa religião ser negra e não participar de religiões de matriz africana é algo que deve ser repensado na nossa estrutura como continuidade e ancestralidade. Então fiquei adulta e passei a fazer minhas próprias escolhas, tive a oportunidade de ajudar a organizar uma biblioteca e, a *posteriore*, a comunicação visual em um terreiro de candomblé no bairro do Jabaquara, o Axé Ilê Obá. A Babalorixá era Mãe Sylvia de Oxalá na época, muito acolhedora, foi a segunda Mãe para mim.

Informei à Mamãe o que estava indo no axé e fazendo uma atividade na biblioteca. Ela me olhou e perguntou se eu gostava de lá?

- Sim Mamãe gosto, é algo que vai contribuir com o grupo. As pessoas são respeitosas, elas têm suas próprias roupas e



costumes, mas é um grupo como outro qualquer.

- Então se você gosta de lá e se sente bem Nice, tudo bem! É o que importa!

Mas um dia tive que ir resolver uma série de coisas e Mãe estava comigo no carro e informei que teria que passar no Axé, se para ela tudo bem?

- Podemos passar lá sim, Nice! Assim o conheço!

Então ela foi comigo, ficou sentada no salão, conheceu Mãe Sylvia de Oxalá, eu resolvi as pendências profissionais e voltamos para casa.

Acabei ficando no axé por cerca de dois a cinco anos aproximadamente. Particpei de tudo que me foi permitido e ajudei no que pude, na realidade foi uma troca e ao mesmo tempo minha iniciação na religião. Participar, estar ali é um aprendizado constante, um olhar de dentro, uma reelaboração de valores que você passa a olhar o seu grupo com outros olhos. Tudo acontece de maneira grupal, estruturando, apoiando e ajudando os dali e o entorno. Mesmo não tendo crescido ali, eu faço parte! Eu sou parte daquilo, eu existo e sou mais forte ali. O respeito à ancestralidade é evidenciado e ampliado de maneira que você passa a ter uma raiz, tudo é continuidade e interligado, enfim tudo passa a fazer sentido de dentro para fora. É muito importante, é estrutural, é determinante conhecer toda esta cultura maravilhosa que está dentro dos axés, temos aqui um trecho importante de Cunha Junior:

Por racismo contra a população negra é que pessoas desinformadas dizem que os Candomblés são cultos de natureza diabólica. Quem conhece a bíblia cristã nas suas versões

originais sabe que as danças e os toques de tambor fizeram parte do cristianismo e estavam presentes nesta religião. Assim, o tambor e as danças no Candomblé são partes das manifestações religiosas de toda a humanidade antiga, Cunha Júnior (2009 - p.97).

Na realidade, quando éramos pequenos lembro que Mãe levou eu e a Fátima para jogar búzios na Dona Otacília que foi uma Mãe de Santo aqui no nosso bairro, então aquela história que todo católico tem um pezinho no axé tem um grande fundo de verdade. Mas o importante é o respeito pelos diversos grupos, e mãe se mostrou impecável, fico orgulhosa! Na análise Cunha Junior.

As religiões compõem um modo de vida que estão intimamente ligadas ao modo de ser africano e de seus descendentes e para compreendê-las sem deformações é necessário um conhecimento mínimo de fundo cultural sobre estas religiões, Cunha Júnior (2009 - p.97).

Nas coisas de família ensinada a mulheres tenho que ressaltar que nas festas de família, por mais simples que fossem, Mãe sempre fez questão que todos da nossa casa estivessem sempre bem arrumados. Quando falamos das mulheres era regra que as unhas estivessem feitas e os cabelos alisados e penteados, e a roupa bem cuidada e passada. Sobre alisar os cabelos tenho um a parte a fazer, alguém já prestou atenção o que são os produtos colocados nas cabeças das meninas e mulheres negras para que suas madeixas fiquem lisas e com



movimentos. Bem entre tantos produtos no mercado os mais comuns são soda cáustica, formol ou um grande aquecimento os quais estragam a estrutura dos cabelos, queimam o couro cabeludo causando feridas, quedas e ressecamento nos mesmos. Durante algum tempo obedeci a Mamãe e alisei os meus cabelos que parecem mais uma juba leonina. E com o tempo cansei das longas esperas em cabeleireiros, depois das quedas dos cabelos, ressecamentos e machucados. Será que vale a pena tudo isto, fora o preço que é um absurdo. Faz algum sentido economizar para pagar para colocar química na cabeça? Então parei de alisar os cabelos e Mamãe ralhava comigo. E eu contra argumentei duramente:

- Se a senhora queria que eu tivesse cabelos lisos tinha que ter me arrumado um outro pai. Talvez o leiteiro, o carteiro, ou padeiro...?

Ela me retalhou a altura:

- Menina, você me respeite! Nunca mais repita isso e não é um pedido!

- Mas Mãe, não faz sentido eu ficar horas num cabeleireiro, passar uma coisa que cheira mal, dói o meu couro cabeludo, eu chego a ter dor de cabeça, meu cabelo depois cai e não resolve, pois, a minha estrutura de cabelo é outra e cresce novamente como ela é?

Ela fazia seu incontestável biquinho e dizia:

- Tem que alisar!

Eu contra argumentei mais uma vez:

A minha sorte é que esta família não tem herança para nos deixar, caso contrário a senhora deixaria como cláusula que para eu receber teria que alisar os cabelos!

Ela continuou com o seu biquinho, me olhou e respondeu:

- Deixaria mesmo!

Nada como o tempo para se entender o que está por trás deste movimento que considero torto. Só explicando, de alguma maneira Mamãe queria proteger sua prole e ela entendia que esta aparência faria com que eu fosse menos hostilizada, mais aceita... No fundo e na realidade ela só queria me proteger!

5 A CHEGADA DO NETO

Então aos 60 anos Mamãe ficou muito adoentada, precisou de muitos cuidados e a vida dos filhos passou a ser ampará-la como pudemos. Várias vezes ela disse:

- Ai de mim se não fosse meus filhos!

Eu e a Fátima passamos a revezar noites em hospitais e idas aos médicos. E o Paulo Henrique e o Zezinho faziam o que podiam, vale ressaltar que o Zezinho sempre foi o mais carinhoso dos quatro filhos e quando Mamãe estava com ele, se percebia que ela ficava muito feliz e calma. Eu sempre tive um lado de acolhimento e organizacional, então a acolhia, organizava e distribuía os afazeres entre os irmãos e ficava o máximo que podia com ela; e destas muitas noitadas e cuidados os laços que já eram bons entre nós duas se reforçaram e pelo olhar passamos a nos compreender. E o Paulo Henrique era muito prático, mas quando a levava no médico ou em algum passeio sempre a fazia sorrir, lhe deu o seu único neto o Luiz Henrique; que tem como apelidos: Lu ou Luizinho, mas quando falamos



Luiz Henrique é por que a coisa é séria.

Mas Mamãe adorava este neto com enorme paixão e ele mesmo pequenino a acolhia de maneira única, sendo que em todo lugar que tinha que ir perguntava:

- Vovó vai? Lhe dava a mãozinha e dizia:
- Vem Vó, vem!

Mamãe mesmo com muitas limitações motoras devido a diversos derrames, sorria e tentava estar com o neto. Realmente era lindo ver o carinho e o amor mútuo.

6 A DESPEDIDA

Então lembra aquela faixa escrita: Festa Junina da D. Manuela, bem foi a última festa Junina que Mamãe participou, pois no ano seguinte ela nos deixou após muitas complicações. A Mamãe e minha querida irmã Fátima, que faleceu um ano antes da Mamãe!

Não posso deixar de agradecer aos meus ancestrais que de muita luta, sangue e suor abriram caminhos para mim e os meus até aqui! No entendimento de Cunha Júnior.

As religiões de base africanas como a Umbanda e o Candomblé tem como finalidade o respeito à ancestralidade e preservação do equilíbrio da natureza. Nas culturas tradicionais africanas é de suma importância o respeito às gerações passadas e ao conhecimento destas para a humanidade. Devido a esta visão da energia em interação, tudo nas culturas africanas são fenômenos dinâmicos, ou seja, tudo está em constante transformação. Estes estados

de constantes transformações precisam ser mantidos em equilíbrio para manutenção da vida e felicidade dos seres da natureza, entre eles os seres humanos. Então nas religiões africanas os trabalhos de rituais têm como uma das finalidades a preservação desse equilíbrio da natureza para a prosperidade e felicidade humana, Cunha Júnior (2009 p.100)

Agradecer ao meu genitor pelo sustento e casa decente que tive. Pena que ele não consegue acolher as diferenças, transformando o crescimento e pensamentos diversos dos filhos em batalhas árduas e desnecessárias. Mas quero que ele saiba que o amo muito. Mas ele não consegue me ouvir!

Com a ida da Mamãe nós filhos juntamos os pedaços e continuamos, muito saudosos pois, ter alguém tão especial ao seu lado lhe deixa fragmentado de tal maneira que nada mais é como antes.

Já faz mais de uma década da ida da Mamãe e da Fátima, então neste novo caminho eu o Paulo Henrique e o Zezinho fincamos forças e conseguimos seguir juntos, cada um do seu jeito a direcionar o Luizinho. Mas enquanto escrevo estas mal traçadas linhas lamento a ida recente do Paulo Henrique.

Tenho certeza que devo continuar, mas deixo aqui um olhar e agradecimento que nunca será a altura de tanta grandiosidade de um ser humano como Mamãe Manuela. Pessoa que de rígida soube ceder para estar junto; tinha medo de nos perder mas nos deixou ir, e sempre manteve a porta aberta para voltarmos se assim fosse necessário. Que muito nos ensinou, mas também soube aprender; que se inquietava nas dife-



renças e rompimentos, mas esperava calmamente a hora de se reconciliar sempre com muito amor!

Vale sempre repetir que hoje penso como era bom chegar em casa e ter a sua presença, seu olhar, seu acolhimento e o quanto ela torcia por nós filhos!

Muito obrigada Mamãe por tudo que você fez por nós. Com muito amor e gratidão Nice!

Os atuais moradores da viela acham que depois da ida da D. Manuela era como se cada um na rua tivesse se trancado dentro de casa, ninguém se conhece mais, não se reúnem mais, não se olham tanto e isto faz toda diferença.

São tantos os parentes e amigos queridos que participavam desta Festa Junina por quatro décadas, que por mais que eu me esforce não conseguirei lembrar de todos, mas se você participou de alguma fogueira da D. Manuela que se sinta imensamente abraçada e energizada pelas suas cores, pelo seu calor, pela sua oscilação e dissipação de energia.

As simples fogueiras da minha infância, coroadas pelas lindas e coloridas bandeirinhas, onde o conjunto nos acolhe energeticamente se movimentando com um colorido e iluminando, e nos lembrando com energia que tudo tem seu esplendor, sua luz mas um dia ao pó retornará.

Obrigada por ter me ouvido e me respeitar!

O suen fun gbigbo mi ati bowo fun mi.

REFERÊNCIAS

Cunha Júnior, Henrique A. Candomblés: como abordar esta cultura nas escolas. **Revista Espaço Acadêmico** – N. 102 –

nov. 2009 Ano IX – ISSN 1519-6186 Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/363> - Acesso em 20 jun. 2021.



CAPITULO 5

MEMÓRIAS, REFLEXÕES E IDENTIDADE: AUTOBIOGRAFIA

Victor Matheus Gonçalves de Figueiredo

A reflexão que faço sobre a minha identidade racial passa pela minha família, a escola e a minha religião. Apenas na minha adolescência comecei a pensar sobre a minha identificação racial, mas é na faculdade onde aprendi mais sobre a sociedade estruturalmente racista e como fui afetado por situações que por muito tempo eu procurava respostas.

A primeira lembrança que tenho sobre ser questionado sobre qual era a minha identidade racial foi durante o ensino fundamental. Quando eu estava na quinta série, em 2005, a escola realizou uma pesquisa para obter algumas informações dos estudantes, a partir de alguns indicadores sociais e econômicos. A pesquisa consistia em responder um questionário que não demoraria mais de 10 minutos. A primeira pergunta? Idade. A segunda pergunta? Local onde reside. A terceira pergunta? Qual a sua cor/raça? Eu olhava para os lados e todos os meus colegas já estavam na quinta ou sexta pergunta.

Fiquei com vergonha de não saber responder, parecia algo óbvio, porém eu não conseguia saber diferenciar raça e cor. Pensei em perguntar para algum colega, contudo, aquilo



poderia ser motivo de piada. Como eu não saberia algo tão óbvio? Tinham as opções branca, parda, preta, amarela e indígena. Branco sabia que eu não era. Preto também não. Muito menos indígena. Sobravam as opções parda e amarela. Resolvi deixar essa pergunta por último, a professora iria tirar a minha dúvida e bater o martelo. Com o questionário 95% respondido, fui até a professora e fiz a pergunta que faltava. Ela olhou para as opções, olhou pra mim e depois gargalhou respondendo: você é amarelo!!! HAHAHAH!!! Aquelas gargalhadas nunca saíram da minha cabeça, até hoje quando vou responder qualquer questionário lembro daquela situação desagradável.

Após aquele dia eu não me perguntei mais sobre qual a cor ou raça que eu pertencia. O que aquilo teria de relevante na minha vida? Eu era uma pessoa igual a qualquer outra! Alguns anos depois, mais especificamente 5 anos, no segundo ano do ensino médio eu conversava com um amigo que tinha o apelido de negão. Ele me relatava um pouco sobre a sua vida, era um cara que dividíamos muitos conhecimentos sobre cinema, literatura e quadrinhos. Em determinado momento da conversa ele me pergunta por que também eu não era chamado de negão, afinal de contas eu tinha a pele mais escura do que a dele. Colocamos os nossos braços lado a lado e eram duas tonalidades de marrom, a dele mais clara e a minha mais escura. Fiquei em silêncio sem saber o que responder, ele tinha toda razão, a minha tonalidade era mais escura do que a dele. A resposta para aquela pergunta atormentou-me por uma semana ou mais, parei de chamar meu amigo de negão e comecei a chama-lo pelo nome dele.

Foi mais ou menos nessa época que tive vários questio-

namentos sobre como eu me via. De frente ao espelho eu me via da seguinte maneira: magro, dentes tortos, meio intelectual por conta dos óculos, cabelo preto (sempre cortado no 3 e nunca muito grande para não parecer desarrumado) e sem porte físico algum. Eu me considerava feio, esse era o grande problema e justificativa para quase tudo que passei. Sabe o segurança do shopping que fica me seguindo? Se eu fosse um homem musculoso não passava por isso. Aquela mulher branca que não senta ao meu lado no ônibus ou troca de calçada ao me ver? É o mundo que é muito perigoso e todos tem que se precaver. Mais tarde percebi que essa maneira de me ver e pensar foi uma forma de me culpar pelo racismo e não ser visto como inferior pelas outras pessoas.

Durante a escola não namorei, mas, eu me justificava pela minha aparência. Bem que teve uma vez que me apaixonei por uma garota, ela era branca. Em uma manhã conversando com ela pelos corredores da escola, a mesma aproximou-se do meu ouvido e falou baixinho que gostava de mim porque eu era moreninho. Moreninho? Para a professora eu era amarelo, para o meu amigo negão eu era mais negão do que ele e para aquela garota eu era moreninho. E a crise de identidade só crescia.

Na minha família não era muito diferente, o assunto sobre reconhecimento racial não era abordado, nunca tive conversas com minha mãe ou outros familiares sobre tais questões. O mais próximo do assunto que se chegava era quando tinha alguma notícia sobre racismo na televisão, é como se o noticiário pautasse o assunto e a maneira em que aquele assunto deveria ser abordado. As notícias eram sempre sobre pessoas brancas chamando pessoas negras de macaco ou imundo, seguido



por um discurso sobre todos serem humanos de carne, osso e sangue. Porém, os mesmos meios de comunicação tinham um número extremamente reduzido de pessoas negras nos jornais, novelas, programas e filmes. Inclusive exibiam programas de “humor” que promoviam estereótipos racistas, como black face, figuras caricatas de negros relacionado a pobreza e piadas com religiões de matrizes africanas. O racismo era reduzido a xingar pessoas negras, qualquer coisa fora disso era tratada com humor ou problematização desnecessária.

Meu pai era um homem negro que desde cedo trabalhou para ajudar sua mãe, irmãos, irmãs e sobrinhos. Foi comerciante, teve um bar que vivia em constantes problemas financeiros, no centro da cidade de Fortaleza, infelizmente morreu prematuramente e tenho poucas lembranças dele. Cresci ouvindo muitas histórias sobre ele, boa parte sobre como ele sempre ajudou a todos e sua disposição para o trabalho. A narrativa sobre sua trajetória é algo que tento organizar até hoje, são muitos relatos que ouço dos meus familiares. Não tive a oportunidade de conversar com meu pai sobre como ele se via, ou se ele teve as mesmas crises que eu durante a juventude. Esse é um dos motivos que tento compreender a sua trajetória, saber o que nos aproxima, principalmente no quesito identidade.

Minha mãe é uma mulher negra, que não sei se ela se vê dessa maneira, foi professora a vida toda. É meu maior exemplo de perseverança, quando meu pai faleceu ela se desdobrou para conciliar casa, trabalho e família. Com seu salário de professora e vários bicos, as duras penas conseguiu proporcionar para mim e minha irmã o que ela considerava o essencial, casa, comida e estudos. Minha mãe vinda de Juazeiro Norte e meu

pai vindo de Aurora, formaram uma família na cidade de Fortaleza.

A religião foi algo presente desde o meu nascimento. Fui criado na crença em um Deus salvador e que sacrificou seu próprio filho para salvar o mundo. Meu pai era iniciado na umbanda e caminhava para ser um pai de santo, foi iniciado nos ritos das religiões de matrizes africanas ainda muito jovem, no interior do Maranhão e em outras cidades do Ceará. No quintal da minha casa tinha um terreiro onde ele realizava as suas obrigações. Na época era muito pequeno para entender a relação que minha família tinha com a umbanda, minha mãe não falava publicamente sobre a nossa religião, sempre que perguntavam ela respondia que éramos católicos. Porém, era algo implícito que minha família era umbandista, as vestimentas e as giras poderiam ser observadas ou ouvida pelos vizinhos.

O medo do julgamento levava meus pais a mudarem constantemente de casa, principalmente quando os vizinhos comentavam bastante na rua sobre nossa religião. Lembro bem do tratamento que recebíamos. Em uma ocasião morreu um vizinho e toda a rua ficou dizendo que “a família macumbeira tinha sido a responsável”. Era comum pela manhã ao abrir a porta estar escrito de giz na nossa calçada “macumbeiros”. Eu e minha irmã éramos perseguidos pelas outras crianças da rua com palavras violentas. Com a morte do meu pai nós mudamos de casa para um bairro mais distante e minha mãe aproximou-se da religião católica, creio que foi uma maneira dela “superar” o passado e se distanciar de lugares que remetiam a lembranças tristes.

Quem quer ser motivo de piada? Então por qual moti-



vo eu reivindicaria uma identidade negra? Do que importava a minha cor para as minhas conquistas? Hoje percebo que negar a minha cor era uma forma de tentar curar meus traumas. Seria mais fácil me culpar pelo racismo dos outros, justificando que tal situação não passa de um mal entendido do que aceitar que essas situações irão sempre ocorrer. As dificuldades da minha infância tiveram reflexo na minha aprendizagem, principalmente no meu processo de aprender a ler e escrever. Sempre sentia um tratamento diferente das professoras. Lembro de uma vez em que eu escrevi uma palavra errada e todos da turma ficaram rindo, a professora chamou a atenção da turma dizendo “não olhem para ele. Finjam que ele nem está aqui”.

A universidade foi fundamental para compreender meu passado e como eu me vejo hoje. Durante o curso de ciências sociais na Universidade Estadual do Ceará, aprendi bastante com professoras, colegas, amigos e amigas. O contato com discussões raciais, professoras que estavam preparadas para compreender a trajetória dos seus estudantes negros e negras, a leitura de autores e autoras negras sobre relações etnoraciais foram essenciais para cicatrizar boa parte dos meus traumas.

Ainda nesse processo de cicatrização busquei entender como a umbanda, religião que minha mãe se distanciou após a morte do meu pai, me despertava tanto interesse. Das poucas memórias que eu tinha sobre meu pai, uma delas era ele incorporando e recebendo um caboclo, a fumaça de seu cachimbo, as velas e as imagens que eu era proibido de brincar. Os livros e artigos sobre umbanda não respondiam meus questionamentos, muitas vezes me confundiam e geravam mais dúvidas. Por meio da minha irmã tive contato com um terreiro, em que hoje

sou filho de santo, lá aprendi bastante com meu pai e mãe de santo, caboclos, exus e pomba giras.

Lembro bem como foi entrar no terreiro depois de tanto tempo. A última vez que estive em um terreiro foi durante a minha infância com meu pai, após o falecimento dele a minha relação com as entidades da umbanda eram apenas de ouvir histórias que minha mãe contava sobre meu pai. A aproximação com a religião católica provocou preconceitos com as religiões de matrizes africanas, alimentando principalmente o temor de reviver perseguições que minha família sofreu. Eu queria saber mais, para além das vivências da minha família e do que me contavam. Essa curiosidade exemplifico com o trecho dessa música do Martinho da Vila que diz sobre essa conexão entre religiosidade e ancestralidade.

Se teu corpo se arrepiar¹
Se sentires também o sangue ferver
Se a cabeça viajar
E mesmo assim estiveres num grande astral

Se ao pisar o solo teu coração disparar
Se entrares em transe sem ser da religião
Se comeres fungi, quisaca e mufete de cara-pau
Se Luanda te encher de emoção

Se o povo te impressionar demais
É porque são de lá os teus ancestrais

Pode crer no axé dos teus ancestrais

¹ Música Semba dos Ancestrais. De Martinho da Vila.



Essa música representa bem o conflito que eu sentia na época, era uma vontade de conhecer mais sobre a umbanda, saber mais sobre a trajetória do meu pai, de entender os motivos que minha família sofreu tanto preconceito em relação a essa religião e de compreender meu lugar de atuação.

Na primeira vez que fui ao terreiro, em que sou filho de santo, com minha irmã, tive uma sensação de retorno e nostalgia que não sentia a muito tempo. Foi uma pequena gira em que estavam presentes eu, minha irmã e o meu futuro pai de santo. Foi uma gira em que baixaram pretos velhos e pretas velhas, entoaram orações e bençãos. Nesse dia foi quando vi pela primeira vez uma entidade em que tenho um apreço muito grande até hoje, Nego Chico Feiticeiro. Lembro que a gira que ele entoou foi uma das letras que mais me tocou naquele dia.

Às vezes me chamam de negro
pensando que vão me humilhar
sou negro sou feiticeiro
sou vidente um bom curador
Mas a sina que o traz
A cor que carrega é de se orgulhar.

A conversa que tive com Nego Chico naquele dia foi a certeza que eu nasci em uma religião de matriz africana, que boa parte do que sofri na infância foi racismo antinegro e racismo religioso. Aquele dia foi a minha reconexão com a minha ancestralidade, as minhas inquietações foram amenizadas com a certeza que eu estava no caminho que deveria estar.

Hoje eu me vejo como homem negro, filho de uma pro-

fessora e um pai comerciante. Me vejo como um educador que ainda tem muito o que aprender. Me vejo como uma pessoa que fala muito e por isso frequentemente me arrependo do que digo. A educação é parte importante na minha vida, muito por influência da minha mãe e pelo fato de a escola ter sido o lugar de sociabilização mais forte durante toda a minha vida. Me vejo como um pesquisador, já cheguei a pensar que sabia muito, mas hoje considero que não sei muita coisa. Considero que autorreconhecer-se como negro foi fundamental para o meu entendimento de mundo, pois a partir daí pude compreender muitas vivências de infância que me marcaram.

TENHO ASPIRAÇÕES

Para terminar esse relato autobiográfico escrevo sobre minhas aspirações. Escrever sobre isso é pensar sobre os meus objetivos em relação a vida profissional e pessoal. Considero que eu mereço nada mais que o mundo. O mundo que me foi negado desde criança e que constantemente tentam me fazer desistir e silenciar. Não penso em um mundo no sentido monetário, material, do trabalho ou do poder. Eu quero um mundo de vida em que eu e os meus semelhantes sejam considerados cidadãos.



CAPITULO 6

AUTOBIOGRAFIA

Tiago Souza de Jesus

O fato materializado e gerador da memória negra urbana é o bairro negro. “Os fatos materiais e imateriais do cotidiano são importantes e guardam uma relação íntima com a cultura” (Cunha Jr. 2011, p. 122). No bairro negro, reside as experiências e a cultura que dão forma à memória. A memória negra, demarca socialmente o espaço que o negro que a detém ocupa. O bairro negro é um elemento que compõe o conjunto patrimonial dos afrodescendentes. “A memória é em parte resultado do patrimônio cultural e histórico de uma localidade” (Cunha Jr. *Op., cit.*, p. 122).

Seguindo nessa linha e se partirmos do pressuposto de que a memória é produto da cultura, nela residem artefatos materiais e imateriais que fazem parte do cotidiano de um afrodescendente. Neste sentido, Cunha Junior vai dizer que “a memória é em parte resultado do patrimônio cultural e histórico de uma localidade.” (Cunha Jr., 2017, p. 3) Portanto, falar de memória afrodescendente, coletiva ou individual, é falar também da constituição de patrimônio cultural da etnia¹ negra.

¹ Utilizamos o conceito de etnia em oposição ao conceito de raça biológica ou social. O conceito de raça biológica historicamente falando, o termo surge de um precedente motivado pela biologia no século XIX conhecido como eugenia. Joseph-Arthur de Gobineau é considerado o principal pseudocientista a introduzir o pensamento racista antes do racismo e desbastando-se do darwinismo e apoiando-se na história utilizava-se de características físicas dos seres humanos, a biologia, apoiando-se na história (ARENDDT, 2012, p. 233) para dividi-las em pelo menos três raças: branca (ariana) negra e amarela e que o “declínio das civilizações são motivados pelo cruzamento entre raças” (GOBINEAU, 1853). Para ARENDDT, “ninguém antes de Gobineau cuidou de encontrar uma única razão, uma única



Do ponto de vista da história, os documentos foram queimados, os registros e todos os papéis que continham parte significativa da história de nosso povo foram apagados. Mas não por acaso, essas são marcas do esquecimento, que na concepção de Gilmara Santos Mariosa (2016), dificulta nosso trabalho de reconstrução da memória negra quando tratamos das religiões de matriz africana, por exemplo (Mariosa, 2016). A estratégia de apagamento dos arquivos e registros são estratégias que trabalham no campo do esquecimento, para destruição da memória e conseqüentemente enfraquecimento da identidade. Daí surge a necessidade do arquivamento que Philippe Artières (1998) vai tratar em seu texto *Arquivar a própria vida*: “Mas essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida” (Artières, 1998, p. 14) (grifo meu).

Vem se tornando cada vez mais um desafio escrever sobre minha própria história, na medida em que o encontrar-se com minhas memórias de infância significa sentir dor, devido ao peso de ter que saber lidar com minha própria trajetória, ao passo que compreendo as adversidades de ser afrodescendente em um país racista. Neste sentido, ao passo que avanço nos estudos autobiográficos, compreendo situações da minha trajetória de vida e faço o exercício de nomear cada uma dessas situações: violência, racismo, exclusão, etc. Certo dia, em um exercício de lembrar minhas memórias, um amigo branco me falou que o problema não é minha trajetória de vida e sim o

força que rege as civilizações em sua ascensão e declínio” (2012, p. 244). Tal ação era causada pela tentativa de mostrar a superioridade entre brancos e negros no contexto da partilha do continente Africano. Neste sentido, “abstraía-se da história e das formas sociais, econômicas e culturais para reduzir a desigualdades de situação entre os povos a caracteres físicos e biológicos.” (GUIMARÃES, 2011).

fato de eu “racializar” todas as situações cotidianas.

Eu sou Afrodescendente, piauiense neto e bisneto de indígenas e quilombolas maranhenses. Após saber que estava grávida aos 18 anos de idade, Raimunda Araujo de Souza precisou esconder a novidade e para isso contou com a ajuda de sua mãe, mulher branca, Eloneide Araujo de Souza, pois seu pai, homem negro, Amâncio Cardoso de Souza, policial e neto de quilombolas, não permitia que suas filhas mais jovens pudessem engravidar. Ao dar a luz aos 19 anos de idade e cursando o quinto ano do ensino fundamental, minha mãe foi expulsa de casa e sendo obrigada a ir morar com meu pai, Francisco de Assis de Jesus, homem negro, analfabeto, filho caçula de dona Maria do Carmo de Jesus e seu Francisco Gregório da Costa, que tiveram mais 4 filhos.

Minha avó, Eloneide, é filha de um casal de letrados de origem portuguesa. Seu pai, meu bisavô, homem branco, tinha muitos livros. Era veterinário. Meu avô, Amancio, homem negro, filho de quilombolas e indígenas da etnia tremembé, de uma cidade chamada Tutoia, no Maranhão. Conviveu sua infância com seu avô e seu pai. Seu avô, Antônio Manoel, era um quilombola, que nos relatos de meu avô, foi escravizado e não falava português. Era alto, “preto de verdade” como falava meu avô, não tinha medo de nada e o ensinou a tirar mel do cacho de abelhas.

Eu gostava de conversar com meu avô. Hoje não faço tanto isso, ele não tem paciência para ouvir minhas inúmeras perguntas. Porém em uma das conversas descobri que Antônio Manoel tinha uma profissão, ele era “amansador”. Inicialmente pensei que era amansador de cavalos indomáveis. Porém,



meu avô seguiu relatando que seu Antônio era responsável por deixar “dócil” os escravizados desobedientes. Talvez aí resida a origem do nome de seu Amâncio.

Meu avô Amâncio conta que “ele não tinha medo de nada”. Quando foi dispensado, já não servia mais para o trabalho braçal e então, junto com mais dois ex-escravizados, foram morar na casa de seu pai, meu bisavô. Na família, é de conhecimento de todos que meu avô Amâncio pertence a uma família de tios e irmãos que “morrem de velhice”. Minha mãe conta que todos os irmãos e tios do meu avô morreram muito velhos. Meu avô Amâncio relata que seu avô, Antonio Manoel, morreu muito velho, por volta de 1942. Seu Amâncio tinha 7 anos. Pelos relatos sobre a genética da família, meu trisavô talvez possa ter sido submetido forçadamente ao regime escravista no período pós-abolição. Nessa época, meu avô vivia em um lugar chamado Mata das Caruaras, localizado entre Brejo e Santa Quitéria, cidades do Maranhão.

A Mata das Caruaras foi tomada por ruínas. Era uma fazenda. Antes disso, meu avô foi de barco pelo rio Parnaíba até Tutóia. Meu avô, na sua juventude, era um exímio pescador e caçador. Quando eu era criança, ele me contava que em uma de suas caçadas, encontrou algo, que pela sua descrição era bípede, cerca de 1 metro de altura e valente com as unhas afiadas. Ele brigou com o animal algumas vezes, porém, até hoje não sabe o que exatamente era. Seu maior medo na mata era da Caipora, segundo ele, a Caipora sempre foi muito violenta. Fumava seu cigarro e não permitia ninguém atravessar seu território. Quando ele via muita fumaça, na mata fechada e de madrugada, corria com seu pai para bem longe. Seu Amâncio conta que

nunca teve coragem de enfrentar a Caipora.

Até que um dia, um homem branco o levou para Parnaíba-PI. Ele era criança, seus pais permitiram, pois segundo meu avô, era algo comum pessoas com maior poder aquisitivo levar crianças embora para trabalhar em outra cidade. Meu avô morou no centro de Parnaíba por muito tempo. Até que foi convidado para trabalhar na Polícia. O convite surgiu após um chefe de polícia tomar conhecimento de um homem que não tinha medo de nada. Foi nesse período que meu avô conheceu minha avó, Eloneide, de trajetória de vida, etnia e de família distinta em relação ao seu Amâncio. Quando a família da minha avó tomou conhecimento do relacionamento, expulsou minha avó de casa sob a justificativa de que não permitiria uma filha letrada casar-se com um negro. Minha avó foi deserdada e então foi morar na cidade de Piripiri com meu avô. Foi nessa cidade que minha avó deu à luz a dona Raimunda, minha mãe.

Nasci às 17 horas do dia 9 de fevereiro de 1993, em um hospital público da cidade de Parnaíba, no litoral do Piauí, cidade onde vivi até meus cinco anos de idade. Minha luta pela sobrevivência iniciou durante a gestação. A insegurança financeira e a rejeição da família mexiam com o sistema nervoso da minha mãe e conseqüentemente comigo. Conviver com incertezas foi o primeiro desafio. Nos primeiros meses de vida, contraí uma infecção. Por trabalhar muito, minha mãe me deixava com outras pessoas, que me alimentava com feijão e fubá, antes mesmo de completar seis meses de vida. Pouco tempo depois eu estava aparentemente saudável, com peso incomum para um recém-nascido que quebrou o ciclo da amamentação nos primeiros seis meses. Minha mãe me levou ao médico e



descobriram que eu estava com uma infecção.

Essa infecção me deixou por muito tempo entre a vida e a morte. Emagreci muito, a ponto de criar um sinal de alerta, pois estava prestes a morrer por inanição. Os médicos já haviam tentado confortar o coração de minha mãe com a minha quase inevitável partida que já era iminente. Passavam-se os dias e o caso tornava-se cada vez mais irreversível. Fui entubado e ainda hoje as pessoas que estiveram de perto acompanhando esse momento não acreditam como pude ter apresentado reações positivas, diante do conformismo médico com minha situação. Já tinham passados 15 meses do meu nascimento e um sopro de vida surgiu. Retomei o meu peso, ainda que a alimentação fosse quase a mesma dos primeiros meses de vida.

Aprendi a falar com 4 anos de idade, após várias sessões de fonoaudiologia no centro da cidade. Ainda me lembro das sessões, a doutora me pedindo para repetir devagar a palavra “bola”. Eu colocava muita força, ficava vermelho e de tanta força tentando falar. Mas no fim, consegui. Hoje em dia dizem que falo muito bem em público. Sempre fico feliz, pois lembro do quanto foi difícil aprender a falar. Quando tomei conhecimento dessa fase da minha vida, alguns fatos hoje eu associo como sequelas. Por exemplo, a minha preocupação perturbadora até os dias de hoje com a próxima refeição, mesmo tendo uma profissão e estar em condições financeiras superiores às condições de meus pais quando tinham minha idade atual.

1º FASE: OS PRIMEIROS DESAFIOS

Costumo dizer a pessoas próximas que não costumo de-

morar mais que 7 anos em uma mesma cidade. Assim foi as várias fases da minha vida. A primeira delas durou até os 5 anos de idade, na cidade de Parnaíba. Nessa fase dos primeiros cinco anos, minhas experiências de vida estão divididas entre os quintais das minhas avós. O primeiro deles é o quintal da minha avó paterna, dona Maria, localizado no bairro Alto Santa Maria. Um bairro recém-ocupado e que hoje tomou proporções inimagináveis dentro da cidade. Grande parte do bairro ainda não tinha nome e então, chamavam de sem-terra. Não demorava muito para os sem-terra serem incorporados ao Alto Santa Maria.

Segue na próxima pagina a imagem 01 - registro de um dia comum, no quintal da casa dos meus avós paternos. Fonte: Arquivo pessoal.



Imagem 01: Registro de um dia comum, no quintal da casa dos meus avós paternos. Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse quintal, tive contato com muitas plantas, aprendi a colher milho e também a plantar. Era imenso! O número de plantas de frutas era incontável. Boa parte da alimentação estava no quintal da dona Maria: do milho ao coentro, cebolinha a manga, a goiaba, a ata² a banana, laranja e limão. Galinha, galo e porco. Meu irmão, Igor, dois anos mais novo e eu usávamos o quintal para quase tudo, do banho à alimentação, o descanso na rede, o campo de futebol improvisado com a bola de meia.

A próxima imagem, foi nesse quintal da fotografia acima que vi várias vezes meu pai, entre 1997 e 1998, malhar seu corpo atlético. Um dia, presenciei ele cortando o pé de limão. Ao golpear um galho, o facão escorregou na madeira e voltou em seu ombro. Ele ficou muito machucado. Essa foi a primeira cena que presenciei e que envolvia sangue na minha vida. Eu pensei que meu pai iria morrer. Eu não soube o que fazer.



Imagem 02: Registro de um domingo no quintal da casa dos meus avós

paternos. Fonte: Arquivo pessoal. Data: 1998, meses antes

² Conhecida também como fruta-do-conde ou ata, pinha, araticum ou fruta-pinha.

de irmos para Fortaleza-CE.

Ele era jogador de futebol e dos bons! Muito baixo e ágil, corria muito rápido, associavam ele ao Romário, jogador da seleção brasileira, que vivia àquela época seu auge na carreira. Então, um dia ele me levou no campo da Cobrasil³ em Parnaíba. Após a segunda vez, eu ia e pedia para ele chutar a bola o mais alto possível, pois eu gostava de ver ela subindo e sumindo no céu, depois aparecendo feito um meteoro. Um dia ele fez. Fiquei satisfeito. Meu pai tinha feito aquilo para me deixar feliz.

Para eu conseguir ver meu pai jogar, tive que pedir ao meu primo mais velho para pedir a ele para me levar. Na sua bicicleta sempre cabia, além do piloto, apenas 1 pessoa e hoje, revivendo minhas memórias, concluo que sua ordem de preferências era: 1º. ir sozinho; 2º. levar meu irmão; 3º me levar. Eu não entendia exatamente essa ordem, eu apenas sentia. Meu irmão nunca gostou de futebol, enquanto eu sonhava em ser igual a ele em campo.

Ainda sobre essa mesma época. Tenho poucas lembranças da minha mãe dentro da casa da minha avó Maria e do meu avô Xavier. Tempos depois descobri que minha mãe trabalhava muito em casa de família como empregada doméstica, enquanto que meu pai não tinha emprego. Não tem até os dias de hoje! Ele era chamado de *vaporzinho*. Minha mãe e os outros adultos me contavam que o chamavam assim pois ele corria muito rápido. De fato, meu pai corria muito rápido em campo. Mas esse não era o motivo do apelido.

Dos momentos que lembro de minha mãe nessa casa são

3 Cobrasil é uma empresa de curtimento de couros, localizada na cidade de Parnaíba. Ao lado da empresa, ainda em seu terreno, havia um campo de areia batida, chamado de campo da Cobrasil.



cinco. O primeiro deles é na porta da casa. Tinha uma área na frente, antes de chegar na rua. Ali joguei bola sozinho. Lembro de minha mãe ali em pé com uma camisa branca conversando com minha prima Erivanda, sua sobrinha mais velha. O segundo momento foi minha mãe de braços cruzados na porta de casa, aparentemente com raiva. O terceiro momento foi ela indo na porta da casa da vizinha da frente perguntar pelo meu pai. O quarto momento foi ela jogando um balde d'água no colchão da cama onde dormíamos e depois molhando o chão da casa, que não tinha piso.

Em seguida, falou para o meu pai: se quiser dormir, durma na casa dela! Nesse dia lembro que dormi em uma rede com meu irmão e minha mãe. Ainda tem a quinta lembrança: minha avó Maria colhendo goiaba em seu quintal e guardando para minha mãe. Minha avó Maria partiu cedo. Eu tinha 4 anos quando a vi dando seu último suspiro, tentando abraçar meu irmão Igor, que tinha 2 anos. Todas essas cinco memórias sobre minha mãe são referentes a dias separados, porém, juntas, formam um mosaico que talvez explique parte da relação entre ela e meu pai, que durou 11 anos.

A verdade é que pouco lembro da minha mãe durante todo esse período da primeira infância até os 7 anos de idade. Ela sempre trabalhou muito. Trabalha muito até hoje! Quando nos mudamos para casa da minha avó materna, as lembranças da minha mãe no cotidiano comigo não existem. Certamente pelo fato de ela trabalhar o dia todo em casa de família. Nesse período vivendo na casa da minha avó Eloneide, convivi com meus primos, eram muitos! Diego, Wellington, Edson, Eliane, Erivanda, Katrine, meus tios Paulo, Marcos, Francisco e Reinal-

do. Tia Helena, tia Sandra e tia Islane. Todos na mesma casa. Além de Ianka e Igor. Se por um lado na casa da minha avó paterna convivi com meu pai e meu irmão cotidianamente, na casa da minha avó Eloneide eu nunca estive sozinho.

A casa da minha avó Eloneide foi um lugar em que pouco vivi, mas que considero central para o início de toda a minha trajetória. Pois ao fracassar em cada um dos projetos de busca de melhorias de vida iniciados pela minha mãe, o retorno à casa de minha avó era imediato. Foi assim quando nos mudamos para Fortaleza e voltamos após a separação dos meus pais. Por vezes minha mãe falava: *“se não der certo, eu volto para casa da mamãe”*.

Aliás, minha mãe falava muito sozinha dentro de casa, contava seus problemas para ela mesma, eu ficava observando, não entendia muito, mas sentia tudo. A casa da minha avó Eloneide é até hoje o porto seguro de quem a vida toda se reinventou nas moradias de aluguel ou nas ocupações em Fortaleza. Ter uma casa própria na família foi central nesse processo de inúmeras tentativas de avançar na vida. Meus avós compraram sua moradia no início da década de 1970. A casa existe até hoje.

A casa da minha avó Eloneide também tem uma extensão incomum em relação às novas residências de hoje em dia. É uma casa independente dentro do seu terreno. Meus avós são alguns dos mais antigos moradores da Avenida Deputado Píndaro Machado, na altura do bairro Piauí. A avenida é a porta de entrada e saída da cidade e também a mais importante avenida de toda a cidade. O quintal também tem de tudo: porco, galinha, manga até os dias de hoje. Porém, na minha infância



havia uma imensidão de coisas: Além das criações e frutas já citadas, tinha azeitona, ata, coentro, cebolinha, limão, laranja, caju, coco e cajá.

Nos fins de semana, meus primos e eu éramos destinados a correr atrás de uma das galinhas, escolhida para o almoço. Era uma aventura, pois a galinha é um animal ágil e nós, crianças, persistentes. No final, vencida a astúcia do adulto. Nunca consegui pegar uma galinha no quintal da minha avó. Quem conseguia, era visto como esperto, astuto e recebia um elogio da minha avó.

Nesse mesmo quintal vi meu avô atirando com sua velha espingarda. Era um evento! Em alguns domingos ele se exibia atirando nas laranjas da laranjeira. Nós o aplaudimos quando acertou. Nessa época, com 5 anos, eu já não gostava de armas e nem de policial, associava-os à violência, um comportamento desprezível. Meus avós compraram o terreno por volta de 1978 e o chão da atual avenida era de areia da praia. Minha avó, após ser deserdada e ir morar em Piripiri, retornou à Parnaíba com meu avô e alguns filhos, para conseguir alguns cachos de banana e vender na feira. Meu avô era policial e usava sua bicicleta para levar os cachos pesados de banana para a feira da Caramuru, hoje ponto central da cidade de Parnaíba. Essa rotina da minha avó e meu avô durou até quando sua saúde não permitiu mais e a aposentadoria era possível.

2º FASE: UMA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

O desemprego em Parnaíba, assim como hoje, é uma realidade que assola grande parte da população. Após 5 anos

trabalhando como empregada doméstica, minha mãe vê seu companheiro tomar o rumo de Fortaleza, para buscar emprego em 1998. Maria Gorete e Maria de Jesus, irmãs do meu pai, resolveram em 1997 migrar para a cidade de Fortaleza, uma capital que poderia oferecer uma condição de vida com mais qualidade em relação a Parnaíba. Meu pai mudou-se também no início do ano de 1998 para conseguir um emprego e uma casa para sua família morar.

Então, em setembro de 1998, alguns meses depois da partida de meu pai, minha mãe, meu irmão e eu tomamos o mesmo rumo. Sem dinheiro, viajamos apenas com as roupas que tínhamos. Após algumas horas de viagem, com fome, pedi comida para minha mãe. Ela então disse que não tinha e me falou para eu pedir para algum dos passageiros no ônibus. Então, saí com meu irmão pedindo de cadeira em cadeira aos passageiros do ônibus. Por sorte, consegui um biscoito e uma banana. Nós tínhamos água. Esse foi o alimento de uma viagem de 9 horas, do Piauí para o Ceará. Meu irmão e eu dividimos o biscoito e a banana. Minha mãe disse que estava sem fome!

Estando em Fortaleza, moramos em muitos lugares. O primeiro deles foi a vila do Davi, no bairro Serrinha (Região número 1 destacada na imagem abaixo). Um lugar de ocupação ao lado de um afluyente da Lagoa do Itaperi. Mesmo sendo região de ocupação, pagamos aluguel, pois eram residências construídas por um homem de nome Davi, que tinha um curral ali do lado com muitos gados e cavalos. Meses depois atravessamos o córrego e fomos morar em uma extensão da Vila do Davi, na rua Travessa Pedro Aguiar. (Região número 2 destacada na imagem abaixo)





Imagem 03: Localização geográfica das duas primeiras moradias em Fortaleza-CE. Fonte: Google street view, 2021.

Dali fomos para outro local no bairro Serrinha, de nome Vila das Dores. A vila das Dores ficava próxima ao Supermercado Cometa da antiga Avenida Dedé Brasil, atual Avenida Dr. Silas Munguba. Ali vivi pouco tempo da minha vida e a experiência de viver naquela vila é algo que gostaria de ter esquecido ou talvez seja importante lembrar, pois é um retrato fiel da realidade de muitas mulheres negras que sofrem com violência doméstica.

Aos fundos da Vila tinha um terreno desocupado com muitas árvores. Os meninos mais velhos sempre pulavam o muro para soltar arraia⁴. Os meninos mais novos, como eu e meus amigos, não tinham muitas chances ao disputar com os meninos mais velhos, que tinham dinheiro para comprar cerol de cola em barra⁵ e misturar com resina. Em um certo dia, hou-

⁴ Em alguns lugares do Brasil é chamada de pipa ou papagaio.

⁵ Na época, a televisão fazia propagandas do cerol “cola em barra”. Hoje em dia a prática de soltar arraia com cerol é proibida. Não cheguei a comprar cola em barra, mas sabia como era, por causa das propagandas na TV. Contudo, até aquele momento não sabia o que era resina.

ve um problema com o muro, e parte dele havia caído, segundo ouvi dos mais velhos, foi de uma fuga policial, de um dos moradores da vila, que pulou o muro e acabou derrubando parte dele. Com isso, a chance de conseguir pular o muro aos 6 anos de idade aumentou.

Após conseguir pular o muro, conheci todo o terreno e nele descobri uma secreção no tronco das árvores, chamada resina. A resina era um dos principais produtos do cerol usado pelos meninos mais velhos. Desde então, aprendi a manuseá-la e utilizá-la nos fins de tarde e início das manhãs nas esquinas do bairro Serrinha, quando ia soltar arraia. Todos os lugares que moramos na Serrinha, nós precisamos pagar aluguel.

Em 1999 resolvemos nos mudar para a comunidade Rosalina, local onde duas das minhas três tias já estavam vivendo. Àquela época, a comunidade Rosalina ainda se chamava Sem Terra e tinham-se passado 3 anos da grande ocupação de 7 de julho de 1996, que havia se expandido e dado forma ao que conhecemos hoje como comunidade Rosalina. Minha mãe e meu pai haviam comprado um terreno de 16m² e tivemos que fazer muitos reparos no barraco⁶ já construído, além das constantes reconstruções todo inverno. A estrutura era de taipa. Dias depois nos deparamos com o que enfrentamos dali para frente: em dias de chuva, a parede caía e meu pai tinha que reerguê-la. Parte do teto de lona nos primeiros meses, que depois foi substituído por telhado, após meu pai conseguir emprego com carteira assinada em uma serralheria no bairro Serrinha.

6 Barraco é a forma que minha mãe utilizava para se referir a moradia com estrutura de taipa.





Imagem 04: Imagem da minha antiga casa, na Rua Amorim Paiva. Data: c. 2005. Fonte: Arquivo pessoal.

Ao lado esquerdo na fotografia é possível observar a moradia da minha família em estrutura de alvenaria feita com tijolos. O registro tem data de 2005, pouco tempo depois de eu ter saído da comunidade. Os presentes na fotografia são vizinhos do bairro. Alguns deles já não estão mais presentes em vida.

Na Rosalina aprendi uma série de coisas e constituí amizades que permanecem até hoje. Aprendi cedo a lidar com as perdas de pessoas que eu convivia. Era comum presenciar as violências entre nós. Me acostumei cedo a perder amigos para o crime ou amigos que foram levados pela polícia e nunca mais voltaram. O último que me lembro, se chamava Matheus. Ele quase sempre brincava comigo e com meus amigos na esquina

de casa. Um dia ele apareceu com uma bicicleta nova. A polícia apareceu e nós paramos de brincar. Então eles começaram a interrogar o Matheus sobre a bicicleta, perguntando se era roubada. Nós começamos a chorar, pois o policial parecia estar com raiva. Então, meu amigo não respondeu e, chorando, começou a ser agredido violentamente pelos policiais, que pegaram ele e a bicicleta e levaram até a viatura, que estava fora da comunidade. Eles vieram caminhando, pois as ruas estreitas não permitiam a entrada de carros.

A Rosalina não é somente violência. Aprendi a solidariedade. A grande maioria das casas da Rosalina naquela época eram de taipa, pouquíssimas eram de tijolo. As ruas eram estreitas, de forma que só era possível entrar a pé. Descobri que por esse motivo a polícia militar dificilmente estava lá. Aliás, eu tinha medo da polícia, pois todas as vezes que eles apareciam na comunidade tinha tiroteio, brigas ou morte. As estruturas da minha casa não suportavam tiroteios. As balas atravessaram as paredes nos tiroteios. A gente tinha que ficar deitado no chão sempre que isso acontecia.

Aguçar a criatividade era preciso naquele contexto. Era preciso para uma série de situações, desde arrumar formas de conseguir comida, até brincar. Meus brinquedos nunca foram comprados, sempre recriados por mim mesmo, que observava bem os detalhes e procurava os materiais em casa ou na rua e em seguida recriava os brinquedos.

Essa realidade era comum. Eu ainda vivia bem na Rosalina, porque minha mãe tinha um emprego no bairro dos ricos, o Parque Dois Irmãos. A prática de *ir no vizinho* pedir uma xícara de sal, açúcar, óleo, arroz era comum. Observar e vivenciar



tudo isso me trouxe um sentimento de pertencimento àquele lugar. Marcas profundas do que sou hoje foram constituídas naquele lugar.

Foi na Rosalina que ouvi pela primeira vez aos sete anos de idade o som do berimbau. Alguém apareceu com um berimbau no campo do palito e convidou as crianças para jogar. Meu primo, quatro anos mais velho que eu, iniciou na capoeira, mas, minha mãe me proibiu devido às rodas de capoeira acontecer no bairro da Serrinha, um tanto longe para uma criança de 8 anos se deslocar sozinha.

Levei comigo a sensação de ouvir esse toque do berimbau em todos os lugares que passei, bem como o desejo de jogar capoeira. Ainda tento traduzir o que senti. Foi a primeira vez que ouvi aquele som metalizado, mas o ouvi com a sensação de quem tivesse nascido com ele, como se convivesse com esse som diariamente. Senti como se o som metalizado da corda única do berimbau fizesse parte de mim e, de alguma forma, explicasse quem sou eu.



Imagem 05: Vista da rua Hidelbrando Pereira. Fonte: Acervo particular da

Associação Comunitária Rosalina. Data: c. 2001.

Acima é possível observar uma foto do início da rua Hildebrando Pereira, local onde eu estava quando ouvi o som do berimbau pela primeira vez. Ao fundo, é possível observar o campo do palito. O registro abaixo foi cedido pela Associação Comunitária Rosalinda e está sem data. Porém, em uma consulta com os mais velhos, alguns chegaram a apontar que a foto venha a ser de 2001, pois na esquina não é possível ver o salão cabeleireiro do Evandro, inaugurado em 2002.

3º FASE: O FIM DE UM SONHO NA CAPITAL CEARENSE

Em dezembro de 2003 retornei ao Piauí, após a separação dos meus pais. Parnaíba foi o lugar onde voltei a viver até janeiro de 2010. Nessa fase da minha adolescência tive contato com Rap, apostei na vontade de ser jogador de futebol. Esse período também foi marcado pelos eventos em família. As festas nos quintais da casa da minha tia ou da minha avó foram momentos que me marcaram profundamente. Até esse momento, eu ainda não me reconhecia como negro. Me nomeavam moreninho, quando criança o apelido na escolinha de futebol na Rosalina era Pelé, eu imaginava que era pela habilidade com o futebol, jamais cheguei a associar à cor da pele, com sete anos de idade eu não entendia as associações fenotípicas como causa principal do apelido.

O papel do *rap* na minha formação étnica foi fundamental. As poesias narradas nas músicas expressam meus senti-



mentos, é como se a música tivesse sido feita para mim e sobre mim. Eu copiava frases de músicas de rap na minha farda escolar durante o ensino fundamental. Frases que me impactavam como “lave o rosto nas águas sagradas da pia / Nada como um dia após o outro dia!”⁷ do grupo de rap Racionais MCs. Todas as manhãs quando eu acordava para me arrumar e ir para a escola, ao escovar os dentes e lavar o rosto vinha à tona todas as dificuldades diárias familiares e individuais. Eu lembrava da frase da música e entendia que quando o dia amanhece iniciava-se não somente um novo dia, mas também novas oportunidades de mudar e fazer diferente.

Entre os anos 2007, 2008 e 2009 minha família e eu enfrentamos muitas dificuldades financeiras. Então, em 2009, um tio que reside em São Paulo fez a proposta de me levar para sua casa para estudar e trabalhar. 3 anos depois descobri que minha mãe aceitou a proposta por já ter sido comunicada que seria demitida do emprego dela em 2010 e não tinha certeza de como iria sustentar os dois filhos. A minha ida a São Paulo, de certa forma, diminuiria as despesas familiares.

4º FASE: CICLO VICIOSO OU UMA NOVA BUSCA POR OPORTUNIDADES NA CAPITAL PAULISTA

Então, sem saber, fui para São Paulo por dificuldades financeiras familiares e com a missão de retornar com condições de ajudar minha mãe. Em São Paulo senti um choque cultural, que positivamente me fez avançar em uma série de questões, sobretudo no que se refere às minhas origens e mi-

⁷ Trecho da música Jesus Chorou, lançada em 2002, que compõe o álbum intitulado Nada como um dia após o outro dia.

nha etnia. O racismo na cidade de São Paulo não faz cerimônia. Nordestino e negro fui acusado em público e também na vida privada de tomar as vagas dos paulistas: “é por causa de gente como vocês que a cidade não se desenvolve!” Essa frase eu ouvi na Escola Estadual Maria José, no bairro do Bexiga, onde concluí meu ensino médio e consegui acesso ao ensino superior público federal. Ouvi também essa frase no ambiente de trabalho, festas privadas nas casas de colegas paulistas e também em público por judeus no bairro Higienópolis, que riram de mim.

Na faculdade fui acolhido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), que me proporcionou diálogos enriquecedores com docentes afrodescendentes do campus Guarulhos que estão no NEAB. Destaco aqui as conversas com os professores negros Julio Moracen Naranjo, Cléber Santos Vieira, José Carlos Gomes e José Carlos Lírio. Não obstante, intensifiquei minha aproximação cursando Unidades Curriculares como História e Educação Patrimonial dos Povos Indígenas e Afrodescendentes, com o professor Julio Moracen. Cursar Cultura Afro-brasileira, com o professor José Carlos Gomes do departamento de Ciências Sociais, contribuiu aprofundando o conhecimento sobre a minha ancestralidade. Essas disciplinas me levaram a realizar cursos junto ao Movimento Negro de Diadema presente e atuante no Fórum Benedita da Silva e o curso de Cultura Afro-brasileira e Africana, que até os dias de hoje acontece no primeiro semestre de cada ano. O Fórum não somente me alimentou intelectualmente, mas também com nutrientes do café da manhã. Por vezes fui ao curso sem ter feito a primeira refeição do dia. O curso oferecia café da manhã e por meses essa refeição nas manhãs de sábado foi um alento.



Foram muitas as experiências e contatos com pessoas distintas, de diferentes origens. Contudo, toda essa trajetória, ainda que contada de forma sintética aqui, me faz refletir a trajetória afrodescendente em bairros. As festas em família, os costumes e as experiências nos territórios, sejam eles de maioria afrodescendente, sejam eles de maioria eurodescendente, contribuíram de alguma forma para o fortalecimento da minha ancestralidade, ao passo que revivo minhas memórias em comunidade.

CAPITULO 7

AUTOBIOGRAFIA

Luzia Fernanda dos Santos Moraes

Meu nome é Luzia Fernanda dos Santos Moraes, sou negra, 56 anos de idade, sou bacharela em direito, nasci no dia 07 de julho de 1964, na cidade de São Carlos, interior de São Paulo no bairro da Vila Nery. Sou filha caçula de uma família formada por uma mãe e mais duas irmãs.

1 A CIDADE DE SÃO CARLOS, ONDE NASCI

A cidade de São Carlos onde eu nasci é uma cidade localizada a 214 km da capital São Paulo. A região central do Estado de São Paulo, onde está localizada a cidade de São Carlos, era conhecida no passado como Campos ou Sertões de Araraquara. Começou a ser povoada a partir da abertura dos caminhos que levavam às minas de ouro de Cuiabá e Goiás, no final do século XVIII.

As primeiras populações não-indígenas que ali se estabeleceram no final do século XVIII e começo do século XIX, eram formadas por posseiros, remanescentes indígenas e negros aquilombados nas matas da região. Inicialmente formada por um vilarejo em 1831, com a demarcação da fazenda Sesmaria do Pinhal. Fundada em 04 de novembro de 1857, com a expan-

são das lavouras de café. Inicialmente a economia da cidade tinha como fonte geradora as fazendas de café. A partir da queda cafeeira que ocorreu entre 1930 e 1940, os grandes latifundiários começaram a investir nas indústrias, que surgem a partir da década de 50 e 60.

Em 13 de maio de 1932 foi inaugurada a primeira escola da cidade, Escola Industrial Paulino Botelho, com o intuito de formar profissionais para as indústrias que estavam se instalando na cidade. A partir de 1953 a cidade começa a trilhar seu caminho e fama de Cidade da Tecnologia com a fundação da Escola de Engenharia de São Carlos, a EESC da USP. Na década de 70 é fundada a Universidade Federal de São Carlos, a UFSCar e tem como curiosidade ser o primeiro polo de uma Universidade Federal fora de uma capital. Hoje a cidade possui, segundo o último censo, 251.983 habitantes e tem 163 anos.

2 OS BAIRROS

O bairro de Vila Nery onde eu nasci, segundo a história, é o primeiro bairro da cidade, criado em 1899, juntamente com a Vila Pureza e Vila Izabel, onde se concentravam a maioria da população negra e posteriormente os imigrantes europeus. O bairro cresceu muito desde então, ainda hoje possui a praça Arcesp, conhecida como “Balão do Bonde”, com uma réplica do bonde que circulava pela cidade, onde também abriga a Escola Industrial “Paulino Botelho”, já citada acima.

É um bairro arborizado com ruas largas, casas amplas, apesar de muita coisa ter mudado, algumas casas ainda possuem



a mesma arquitetura de quando foram construídas. Neste bairro eu vivi a maior parte dos meus 24 anos que lá morei. Gosto muito da cidade e sempre que possível volto lá para visitar os amigos e primas que vivem lá. Outros bairros como Vila Pureza, Vila Izabel, Vila Bandeirante e Paiva, concentravam a maioria da população negra e pobre. Os bairros considerados classe média, são Redenção, Bela Vista, Vila Prado, Boa Vista, Vila Marcelino dentre outros. Atualmente o município de São Carlos possui aproximadamente 270 bairros.

3 MINHA FAMÍLIA, MINHA ORIGEM

Eu sou neta de escravizados libertos, terceira geração de família negra escravizada no Brasil, cujo nome dos meus avós maternos que trago no registro de nascimento é Adelina Alves e Albino Moraes. Meu avô nasceu na Bahia e minha avó nas Minas Gerais, de acordo com o que minha mãe nos contou, o avô dela, meu bisavô paterno, veio trazido da África para o Brasil e segundo palavras dela, “tinha sangue nobre, era um rei lá na África, acrescentava, “vocês são bisnetas de rei”.

Meus avós trabalhavam nas fazendas colhendo café e algodão, tiveram seis filhos, sendo quatro meninas e dois meninos, chamavam: Antonina, Olga, Serafim, Benjamim, Maria Santos Moraes (minha mãe, nascida em 24 de julho de 1923) e Alice.

Após a abolição eles foram viver em Santa Eudóxia, distrito de São Carlos, onde minha mãe nasceu, região onde havia os quilombos antes da formação da cidade. Minha mãe foi criada entre as fazendas Santa Eudóxia e Figueira Branca, confor-

me relato dela participava da colheita de algodão e café. Quando jovem participava dos bailes na tulha da fazenda. Aos seis anos de idade foi adotada por uma família branca que a criou, a qual conheço como minha família.

4 FAMÍLIA DO CORAÇÃO

Meus avós adotivos eram brancos, descendentes de portugueses e italianos. Viviam na Vila Nery, na “Coloninha do Boava” (diversas casas de alvenaria coladas uma na outra), havia um tanque comunitário, o quintal era bem extenso com diversas árvores frutíferas. Minha tia Maria Aparecida foi mãe de quatorze filhos, criou-os sozinha porque separou do marido que bebia demais. Meus primos e primas moram em São Carlos.

Meu tio Rubens sempre morou com meus avós, solteiro, até o falecimento deles, vindo a se casar depois. Ele sempre trabalhou na empresa de geladeira Pereira Lopes e portanto, eles tinham melhor condição financeira, mas não ajudava minha mãe com nada. Minha tia Lourdes foi a mãe adotiva da minha irmã do coração, antes dela vir morar conosco. Minha avó faleceu em 11 de maio de 1974. Meu avô faleceu em 1977.

5 MEU NASCIMENTO

O meu nascimento deu-se às 3:31 da madrugada do dia 7 de julho de 1964. Não nasci no hospital, mas sim em casa, com auxílio de uma parteira (mulheres que auxiliam as parturientes no trabalho de parto). Minha mãe, junto com minha irmã,



foi chamar a mulher para ajudar no meu nascimento quando sentiu que havia chegado a hora do parto. Mãe deu-me à luz aos 41 anos de idade, e minha irmã Maria Antonia tinha 8 anos de idade.

Nasci na Rua Major José Inácio, número 3158, onde minha mãe e minha irmã moravam em um cômodo nos fundos. A casa existe ainda hoje. Não mais com o murinho baixo como era. Hoje tem a frente reformada toda gradeada. Meu umbigo, segundo costume africano, foi enterrado na porta da Igreja de São Benedito, minha mãe dizia:

“Quando a criança nasce em casa o umbigo deve ser enterrado em uma igreja para a criança ter sorte e proteção na vida, se jogar em qualquer lugar e o rato comer vira ladrão”.

6 AS MADRINHAS

Fui batizada no dia 27 de julho de 1964, na Catedral de São Carlos com vinte dias de vida, minha mãe dizia: “Não presta a criança ficar pagã”. O casal que me batizou foram Dona Margarida e Sr João, que eram vizinhos e moravam em frente à casa onde nasci, um casal italiano que tinham um casal de filhos, por nome João e Neuza. Minha madrinha queria me criar, dizia que ia me colocar na escola e cuidar de mim, porém minha mãe dizia: “Eu também cuido dela e vou colocar ela para estudar”. Quando saímos da casa dela minha mãe ficava muito brava, ia dizendo, “eu também sei cuidar de vocês”

A minha madrinha de crisma (confirmação do batismo) se chamava Ruth, ela era negra, filha da madrinha Maria que era madrinha de crisma da minha irmã, mas eu também a cha-

mava de madrinha. A madrinha Maria era uma negra retinta, lavadeira, muito educada e tinha os olhos azuis. A madrinha Ruth trabalhava como doméstica. Minha mãe ia sempre na casa dela e por diversas vezes fazia algum empréstimo de dinheiro com ela, ela nunca negava e minha mãe também sempre pagava. Tinha a casa muito bem arrumada.

Aos oito anos entrei para o catecismo, que é uma preparação para fazer a primeira comunhão ou primeira eucaristia. Tive minhas professoras que também eram madrinhas de eucaristia. Teve uma festinha no salão da igreja após a missa. Tiramos uma fotografia para eternizar o momento. Elas nos ensinaram uma oração em forma de jaculatória para que ao pronunciarmos estaríamos sempre em contato com o Espírito Santo. Era assim: “Divino Espírito Santo, iluminaí minha inteligência e fortalecei a minha vontade. Divino Espírito Santo enchei o meu espírito de luz e o meu coração de amor”

7 MINHAS IRMÃS

Minha irmã Maria Antonia, é quem sempre cuidou de mim para minha mãe poder trabalhar. Ela está presente do meu nascimento e no decorrer de toda a minha trajetória de vida. Foi ela quem esteve comigo no primeiro dia de aula, foi na escola durante um mês, porque eu chorava e não queria ficar. As vezes minha mãe podia levar nós para o emprego quando a patroa deixava, mas na maioria das vezes não. Então minha irmã me cuidava.

Ela diz que eu era muito chorona e quando ganhava um pedaço de pão com manteiga eu cutucava só o lugar da mantei-



ga e chorava que queria mais e não tinha. Minha irmã conseguiu fazer faculdade de Biblioteconomia e veio para São Paulo trabalhar e se casou após a morte da minha mãe. Ela tem mãos de fadas. Faz artesanato africano como hobby, dentre eles, colares de sementes, bonecas pretas e tear.

Minha irmã Maria Rita veio morar conosco quando tinha quinze anos, antes ela era filha adotiva da minha tia Lourdes, mas quando ela conheceu o seu primeiro namorado ele não foi aceito pelos pais adotivos e então ela veio morar conosco e tornou-se minha irmã do coração. Ela continuou namorando o rapaz, casaram-se e até hoje continuam casados. Tiveram dois filhos, a Fayola Tulane e o Kayôde Manoel. Hoje a Fayola é casada e tem um casal de filhos Kauan e Dandara.

Quando nos juntamos para conversar e relembremos a época que eles começaram a namorar, ela sempre diz: “Olha vocês lembram que eu era uma menina inocente do interior”? Meu cunhado sorri e diz: “Sei, eu quem fui seduzido, eu era apenas um rapaz que fui estudar no interior”. Damos risada, pois sabemos que o amor deles foi grande e venceu todas as barreiras impostas, porque as pessoas diziam que ele a deixaria quando se formasse.

Ele formou-se na Universidade Federal de São Carlos, tiveram a primeira filha e mudaram-se para São José dos Campos. Eu, minha mãe e minha tia fomos visitá-los quando a Fayola tinha dois anos. Eles moravam em um apartamento e viviam bem. Passados alguns anos fixaram residência em São Paulo. Ele trabalhava no IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo). Nossa mãe nos criou com muito amor e não permitia que tivéssemos qualquer desentendimento. Somos unidas.

Eu as amo muito.

8 INFÂNCIA

Continuando a minha trajetória de vida, quando eu tinha mais ou menos dois anos de idade, minha mãe mudou-se para a Vila Pureza, segundo bairro de São Carlos, juntamente com a Vila Izabel, bairros estes que possuíam maior concentração da população negra da cidade. Foi neste local que tive o meu primeiro contato com a espiritualidade não católica.

Eu brincava no quintal e tínhamos uma vizinha que saía no quintal com uma bandeja cheia de chuchus todo espetado com palitos. Erguia a bandeja para o céu, murmurava palavras que eu não entendia, e de repente os chuchus, um a um, iam saltando na bandeja, como que dançavam, ficava ali alguns minutos e depois entrava para dentro. Para mim aquilo era fantástico, tanto que ficou gravado na minha memória. Apesar da minha mãe ser muito católica, ela nos ensinava que havia outras religiões, algumas trazidas pelos negros africanos e que tínhamos que respeitar.

9 VIDA ESCOLAR

Aos seis anos de idade início minha vida escolar, fui matriculada na escola Luiz Augusto de Oliveira, na Vila Nery, única aluna negra da escola, não tenho lembrança de outros alunos negros, pois era uma escola “boa” frequentada por brancos. Terminada esta etapa recebi o diploma primário e ingressei no



ginasial na escola Antônio Militão de Lima, onde tive o primeiro contato com a língua estrangeira, pois nesta época era parte do currículo escolar a língua francesa e inglesa, era uma escola mista, mas eu ainda não me importava com a questão de ser negra ou não.

Terminado o ginásio, minha mãe me matriculou na Escola “Normal” Dr Álvaro Guião, que dava formação colegial e magistério. Eu não gostei de lá, os alunos eram adolescentes ricos e arrogantes. Na época eu não queria ser professora. Saí e fui para a Escola Industrial fazer o curso técnico. Tinha consciência que minha realidade era outra, eu precisava trabalhar, porém, sempre alimentei o sonho de fazer faculdade.

10 MOVIMENTO NEGRO

Através das minhas irmãs, no ano entre 1976 ou 1977 em diante, tive meu primeiro contato e conscientização voltada às questões sociais e etnológicas do povo preto. Foi quando através dos estudantes negros que chegaram na cidade para estudar nas universidades, formaram o movimento negro. Em abril de 1976 foi fundado o Grupo de Teatro Rebu, originando posteriormente o “Centro de Cultura Afro Brasileira - Congada”.

As reuniões aconteciam na Rua Marechal Deodoro, quase esquina com a Avenida São Carlos, na região central da cidade, no prédio da Escola de Biblioteconomia, que logo depois mudou e o local passou a ser o Diretório Acadêmico da Universidade Federal de São Carlos. Fazíamos panfletagem nas ruas, tínhamos aula de dança africana, grupo teatral amador onde tive a oportunidade de atuar no elenco da peça denominada

“CARAPUÇA”, desfiles de trança e roupas africanas, jogos de basquete que ocorriam na quadra da Universidade Federal.

Por todo interior de São Paulo haviam os grupos de movimento negro e, no mês de novembro, desde 1978 até os dias de hoje há um encontro com todas as entidades, denominado FECONEZU – Festival Comunitário Negro Zumbi. Eu participava, ajudava na panfletagem, participava dos desfiles, da dança, do teatro.

No dia do festival FECONEZU de 1980 na cidade de São Carlos, eu e outras meninas éramos incumbidas de ficar na rodoviária recepcionando e orientando os negros que chegavam de diversas cidades para participar do evento. Havia na cidade também o tradicional Clube denominado Grêmio Recreativo Flor de Maio, fundado no dia 04 de maio de 1928, frequentado por negros, onde aconteciam os bailes e festa de carnaval e também outros encontros culturais

11 MEU PRÍNCIPE

Foi neste período que conheci meu príncipe negro, eu era apenas uma menina e ele já um jovem adulto, mas desde a primeira vez que o vi, eu soube que ele faria parte da minha vida. Fiquei encantada com ele, mas ele não me enxergava e eu nunca tive coragem para dizer a ele o que sentia, nem para ele e nem a ninguém. Éramos de mundos diferentes.

Mas nos meus devaneios era ele que povoava meu pensamento dando vida ao meu desejo de deixar aquela realidade dura que vivíamos. Volta e meia a vida o colocava no meu caminho, conversávamos, mas eu seguia sem revelar meus



sentimentos. Ele era o príncipe que me levaria para viver nos palácios africanos. O tempo passou, e eu fui acompanhando a trajetória dele de longe.

Conheci anos depois o Luis Claudio e nos casamos, ele era um homem branco, porém se dedicava muito mais à causa negra do que eu. Nós estivemos casados por vinte anos, não tivemos filhos, trabalhávamos juntos em uma serralheria própria, fazíamos peças de decoração em ferro.

Meu marido foi uma pessoa maravilhosa na minha vida, um grande amigo e companheiro. No ano de 2017, ele foi acometido de uma doença grave e veio a falecer.

12 CARREIRA

Quando fiz 24 anos, eu e uma amiga fomos para Araraquara, cidade a 40 km de São Carlos, cidade que também foi sede do primeiro FECONZU, fazer inscrição para um concurso público que haveria na prefeitura de lá. Não passei no concurso, mas fui contratada em uma empresa como assistente de produção, o meu chefe era o Argentino, engenheiro mecânico e na época havia chegado no Brasil, pouco menos de um ano.

Foi quando precisei aprender Espanhol para me comunicar melhor com ele, pois trabalhávamos diretamente. Adquiri experiência na área da engenharia mecânica e de produção. A empresa era voltada à fabricação de equipamentos industriais para usinas de açúcar e álcool e empresa cítrica, que até hoje é fonte de economia da região.

Me especializei em desenho técnico e projeto, mas no decorrer dos 10 anos que lá trabalhei pude optar por coordenar a

fabricação, pois era a área que eu mais gostava. Nesta empresa cresci profissionalmente, comprei o primeiro carro, aluguei um apartamento e seguia a vida, trabalhando.

13 A FACULDADE

Eu ainda guardava o sonho de fazer a faculdade de direito, prestei o vestibular em Araraquara em uma faculdade particular, passei, porém, ainda não consegui fazer, devido ao alto custo. Em 2012, consegui realizar o meu sonho da faculdade de direito, ingressei na Faculdade Zumbi dos Palmares, também conhecida como Unipalmares ou FASP, que é a primeira faculdade fundada na cidade de São Paulo, voltada à inclusão social, com o objetivo de diminuir a desigualdade social.

Desde a época que eu participei do movimento negro em São Carlos, como espectadora, eu notava que as pessoas negras que passavam por lá e galgavam um outro patamar econômico, iam esquecendo suas origens e se afastando, gerando certa desunião entre os grupos. Alguns chegavam até a menosprezar os que não possuíam formação acadêmica, falo disso com propriedade porque vivi isso na pele.

Questão que me fez refletir muito, porque eu não queria ser assim e sempre busquei ter empatia com o outro. Quando entrei para a faculdade, pude novamente notar a falta de união do povo preto. Era como se todos os que ali estavam, buscando o mesmo intuito de se formar, se enfrentavam como concorrentes.

Eu sinceramente não me enxergava assim, e tudo que



eu podia passar para os colegas, não via problemas nisso. Foi assim que eu conheci a grande diferença que existe nos bairros mais pobres da cidade. A maioria dos alunos da minha sala moravam em bairros afastados, um dia ouvi a conversa de algumas alunas da sala sobre a dificuldade de fazer um simples exame ginecológico no posto de saúde do bairro onde elas moravam.

Eu tinha o privilégio de morar em um local onde o atendimento dos postos de saúde era muito bom e frequentado também por poucas pessoas, devido ser um bairro que a classe social era mais elevada e poucas pessoas utilizavam o serviço dos postinhos. Foi então que consegui para que elas com o meu endereço fizessem a consulta médica e em uma semana todas estavam com o exame em dia.

Fato este que me motivou, como estudante de direito, dar mais atenção às leis e políticas públicas voltadas à saúde da população negra, tema que me levou a escrever quando fui contemplada com uma bolsa para iniciação científica e posteriormente meu trabalho de conclusão de curso. Destarte, me atino com maior atenção às leis e programas voltados à população negra e fui percebendo que apesar da lei existir, sempre há uma forma de burlar e cavar uma brecha na lei, fazendo que inexista uma aplicabilidade concreta e com as devidas punições por parte dos órgãos competentes.

Cria – se um efeito negativo a ineficácia das leis, e aprendi com a sociologia jurídica que uma norma depende do reconhecimento, aceitação ou adesão da sociedade a essa norma, visa a eficácia ou efetividade, no plano do fato social. O misoneísmo (que é a aversão sistemática às inovações ou transformação do status quo) em nosso país constitui uma forte causa da inefi-

cácia da lei, uma vez que o eurocentrismo está intrínseco na população e qualquer mudança é vista como ameaça.

Na área do direito fiz cursos de aperfeiçoamento na área de bioética e biodireito, contratos, direitos humanos, mediação, conciliação e arbitragem. Ainda no âmbito jurídico, me aprofundi mais, fazendo um curso sobre a lei 10.639 de 2003 que alterou a lei das Diretrizes e Base da Educação Nacional. Nesta lei nos deparamos com a questão que aponta para a falta de professores com formação para o ensino da história da África, mais uma vez uma lei voltada ao povo negro que tentam deixar sem aplicabilidade.

Recebi a oportunidade de estagiar no Tribunal de Justiça de São Paulo, no gabinete de um desembargador, onde fiquei por três anos, aprendi muito e aprendi também que a lei, o direito e a justiça, na maioria dos casos caminham paralelamente. Foi então que entendi o que havia acontecido com o caso da casa da minha mãe no passado, agora eu finalmente conhecia a legislação.

Participo de palestras, cursos com assuntos diversos e pertinentes à população negra. Aqui em São Paulo participo de grupos da militância negra Bancada Preta, grupo que reúne diversos estados com o intuito de fazer política e apoiar os candidatos negros. Sou membro da ANAN – Associação Nacional dos Advogados Negros,

Sou associada da Educafro (entidade voltada à luta contra a desigualdade racial no país), a qual me proporcionou a oportunidade de conhecer a área de tecnologia da informação, onde fiz diversos cursos. Acompanho também o grupo da Comissão de Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil.



Sou membro do grupo mulheres em evidência, formado com o intuito da colaboração e orientação para as mulheres negras em caso de necessidades diversas.

Meu cunhado Ismael Antonio Freire, que ingressou na política como candidato à Deputado Federal e posteriormente vereador, me proporcionou a oportunidade de acompanhá-lo nas questões políticas do povo negro. Participei do curso “Política para mulheres e Mulheres na política”, que teve a participação de grandes mulheres de todos os estados do Brasil que atuam na política do nosso país.

14 RUMO AO MESTRADO

Terminei a graduação em 2016, época que meu marido havia sido acometido pela grave doença. Após terminar a graduação, continuei trabalhando para o meu sustento. Em 2019, tive a oportunidade de ter uma conversa com o Professor Henrique Cunha Jr e ele me apresentou a possibilidade de fazer mestrado, pois eu disse a ele sobre a minha intenção de fazer uma pós graduação.

Vislumbrei, enfim, a oportunidade de continuar meus estudos e poder continuar com minhas pesquisas. Nesta data o professor me apresentou também o jogo de mancala e juntos projetamos um modelo de tabuleiro ergonômico awele para competição. Em 2020 me inscrevi no processo seletivo do mestrado do Diversitas, na USP, Universidade de São Paulo, veio a pandemia e o processo seletivo foi feito de forma remota.

Sabendo que esta foi a última universidade a admitir a lei das cotas, e ainda não há uma comissão de heteroidentificação

e o número de fraudes é crescente, segundo documentos da própria universidade, busquei centralizar o meu trabalho na própria universidade. Tive o privilégio de passar nas provas, porém na terceira etapa fui informada que não haveria orientador para o meu projeto apesar do pré projeto ter sido aceito.

Em 2021, voltei a recorrer ao Professor Henrique Cunha Junior que mais uma vez solícito me apresentou a universidade Regional do Cariri, onde fui recebida por ele e a Professora Cícera Nunes como aluna ouvinte. A partir de então resolvi me aprofundar mais sobre a lei das cotas e sob a orientação do professor Henrique que aceitou ser meu orientador, estou escrevendo alguns artigos que servirão de base para minha dissertação de mestrado.

Pleiteio, uma oportunidade de ingressar nesta universidade para efetuar o curso de mestrado e contribuir para que o ensino tome novos rumos, tornando efetiva a aplicabilidade da lei, no que tange ao conhecimento da história do povo negro no Brasil. Desejo aprender e também contribuir com meu conhecimento e através do mestrado quero dar continuidade aos meus estudos para meu crescimento acadêmico e pessoal, quero me especializar e buscar novas oportunidades de trabalho.

As questões da desigualdade social, regional e econômica tem raízes profundas e continuam latentes em nosso país. Vislumbro a possibilidade de mudanças através da educação de base se as novas gerações tiverem conhecimento de que o povo que foi escravizado neste país possui uma história verídica, diferente e real do que ainda hoje é ensinada e ministrada nas escolas.

A educação é uma das áreas que a neutralidade estatal



fracassou completamente no que diz respeito à desigualdade étnica. Os negros e os índios não receberam nenhum tratamento específico do Estado e por isso as consequências históricas dos escravizados não foram apagadas.

Ainda havia quem sustentasse ser inconstitucional a lei das cotas, ou qualquer política social em favor dos negros e índios, por haver uma suposta violação ao princípio da isonomia, na Constituição Federal de 1988. Fato este comprovado juridicamente a sua constitucionalidade. Após todos estes anos de luta e não desistência dos estudos, meu desejo é fazer parte da estatística da mobilidade social vertical deste país através da educação.

15 SONHOS

Um sonho que foi realizado. Conseguimos dar para nossa mãe a tão sonhada casa própria, onde ela viveu e faleceu aos 80 anos, deixando para nós como herança, sua garra, sabedoria, muito amor e a história de um povo negro que ainda não ensinam na escola.

Quando li pela primeira vez o livro “Quarto de Despejo da autora Carolina de Jesus”, imediatamente, identifiquei com minha história, minha infância. Não morei em favela, nem minha mãe trabalhava como catadora, mas a pobreza era a mesma. Porém a força de mulher guerreira que Carolina mostra, essa também minha mãe tinha. Forte nos momentos de fraqueza. Mesmo sem estudos, sua sabedoria ultrapassava qualquer entendimento humano (acho que realmente era neta de nobres).

Sou imensamente grata por ter tido ela como minha

mãe. A herança que ela me deixou não tem valor. Apesar de diversos sonhos terem sido interrompidos quando fiquei viúva, tive que entender que outros propósitos viriam e que eu deveria continuar sonhando, mesmo tendo que mudar a rota. Sonhava em ser juíza, porém este sonho não pôde ser realizado e hoje ele não faz mais parte dos meus projetos.

Continuo com o sonho de escrever livros, ser escritora, dar aulas. De poder ensinar. Sempre desejei ser grande. O que é ser grande? Para mim é poder realizar tudo que desejo. É não ter limites para viver e possuir tudo que desejo, material e espiritualmente. É viver plenamente, intensamente todos os momentos e todas as emoções que a vida me oferecer.



CAPITULO 8

AUTOBIOGRAFIA

Rudyerd Gonçalves Aparecido Lourenço Hungaro Reis

Meu nome é Rudyerd Gonçalves Aparecido Lourenço Hungaro Reis, tenho 29 anos e sou natural de Porciúncula-RJ. Nasci em uma família simples e humilde. Meus pais, como de costume em sua comunidade, casaram-se cedo. O casamento dos dois, no início, não foi bem aceito por parte da família do meu pai, o fato de minha mãe ser preta e ele branco trazia desconforto para muitos irmãos e tios.

Devido à dificuldade de se conseguir trabalho na cidade de Porciúncula, logo após o casamento, meu pai, que até então era carroceiro, aceitou uma oferta de emprego em uma empreiteira na cidade do Rio de Janeiro, exercendo ali a função de pedreiro. Por conta do trabalho ele passava semanas longe de casa, vindo à cidade poucas vezes no mês. Minha mãe, jovem, recém-casada e ainda sem filhos, administrava a casa e cumpria fielmente as orientações dadas por ele sobre o que fazer com o dinheiro enviado através dos correios.

Logo que se casaram, meus pais passaram a morar em uma pequena casa, nos fundos da residência de minha avó paterna. O bairro era o mesmo onde eles passaram a infância, um local conhecido como Morro Cristo Rei. Ali, pouco a pouco foram realizando reformas e ampliando o espaço. Passado um



ano após o casamento, meus pais tiveram seu primeiro filho, meu irmão Bruno.

Devido a constante ausência de meu pai, a relação entre eles logo se tornou conturbada. Meu pai teve uma educação aos moldes tradicionais, nasceu “na roça”, onde segundo ele, aprendeu que “o homem não tem a obrigação de dar afeto, mas comida”. Neste sentido, mesmo com todas as dificuldades, ele sempre se esforçou ao máximo para que nada faltasse em casa. Isso não significa, entretanto, que ele era um pai ruim. Pelo contrário, sempre foi um bom pai, porém, como marido, principalmente no princípio do casamento, demonstrava dificuldades em lidar com sua esposa.

Em 1987 a empresa para a qual meu pai prestava serviço, no Rio, faliu. Devido a isso ele decide retornar definitivamente para a cidade, onde exercia o ofício de Pedreiro com toda a experiência adquirida após anos de trabalho na Capital. Minha mãe logo imaginou que a presença dele em casa poderia ser um divisor de águas na relação dos dois. Entretanto, sua presença trouxe ainda mais atritos entre eles, culminando em pouco tempo com o rompimento do matrimônio.

Assim como muitos casais em cidades do interior, mesmo após o rompimento do relacionamento, os dois continuaram morando juntos. Minha mãe, mesmo com o divórcio, que ocorreu oficialmente em cartório, continuava fiel ao amor que sempre sentiu pelo meu pai. Cuidava da casa, fazia as refeições, lavava e passava as roupas e mantinha uma relação cordial com ele, que a seu modo, também buscava a manutenção de certa cordialidade.

Embora divorciado, meu pai não abria mão de um antigo

sonho. Ter um segundo filho. Segundo ele, enquanto trabalhava no rio, após o nascimento do meu irmão, teve um sonho onde via seu segundo filho de uma maneira tão especial que ele queria sentir aquilo no mundo real. Seguindo este desejo, meu pai propôs algo a minha mãe. Ela era apaixonada por ele, desejava, claramente, reatar o casamento. Por isso meu pai propôs reatar o matrimônio, desde que ela aceitasse gerar um segundo filho seu. Minha mãe topou a ideia, o casamento foi reatado e minha mãe engravidou de mim.

Uma gravidez tranquila, um filho sonhado, mas um casamento ainda fragilizado pelo difícil temperamento de meu pai. Nasci em junho de 1991, oito anos após meus pais terem seu primeiro filho. A essa altura, meus pais ainda moravam no Morro Cristo Rei, mas meu pai já havia iniciado a construção de uma casa para realizar um outro sonho seu de “descer sua família do morro”. Sete meses após meu nascimento, saímos dos fundos da minha casa no morro e nos mudamos para outro bairro, ainda simples na cidade.

Quando completei um ano de idade, minha mãe conseguiu um trabalho como faxineira em uma creche recém-inaugurada na cidade, que ficava justamente no bairro onde nasci, o Morro Cristo Rei. Estudei nesta creche, ia todos os dias com minha mãe. Quando o horário de aula acabava, meu irmão me buscava e me levava para casa de minha avó, pois minha mãe trabalhava o dia todo. Passei minha infância ali, na casa de minha avó. Passava mais tempo lá do que em casa. Tenho ótimas lembranças deste período. Passava horas brincando nas ruas, nos becos e nos “escadões”, onde fiz amizades que tenho até hoje.



Minha avó merece uma menção especial nesta autobiografia. Sempre teve um carinho muito grande por mim. Me educou e cuidou de mim! Lembro-me das inúmeras conversas que tínhamos. Dela me respondendo a perguntas que toda criança tanto produz. Não eram explicações científicas e poderiam, facilmente, ser refutadas por qualquer aluno do primário. Mas pra mim eram fantásticas! Lembro do almoço preparado por ela e, principalmente, do prato! Enchia até não mais caber e nos fazia comer até o último grão. Sua especialidade era o angu mole com molho de salsicha.

Quando chegava à noite, minha mãe, a caminho de casa, passava em minha avó, me buscava e íamos embora, no outro dia começávamos o ritual todo novamente. De minha avó materna, lembro muito pouco. Quando nasci, ela já estava em estágio avançado de Alzheimer, ficava reclusa na casa da minha tia mais velha e, quando eu ainda era bem pequeno, veio a falecer.

Posso afirmar que o tempo que passei na casa da minha avó paterna, Marieta, formaram as bases do meu caráter. Muitos dizem que meu temperamento parece muito com o da minha avó. Me orgulho disso! Minha avó foi alguém especial! Uma mulher guerreira! Criou os filhos sozinha, pois o marido pouco parava em casa.

Quando meu pai, o mais velho de seus filhos, tinha apenas 13 anos, meu avô morreu, tornando ainda mais complicada a criação dos 8 filhos. Meu pai assumiu necessária e naturalmente o papel patriarcal que a família sempre aprendera como sendo o correto. Talvez por isso ele tenha adquirido este caráter de resistência e dificuldade em demonstrar aquilo que conside-

ra vulnerabilidade.

Outra pessoa especial em minha vida foi meu irmão. Os 8 anos de diferença fizeram com que ele se tornasse um pai pra mim. Meu irmão herdou a paciência de minha mãe. As brigas, tão comuns entre irmãos, não eram comuns entre nós. Parece difícil acreditar, mas não tenho uma lembrança se quer de brigas entre nós e todo mérito disto é de sua longanimidade.

Estudei a vida toda em escola pública. Tive excelentes professoras e professores. Uma em especial merece destaque, tia Alaide, minha professora na Educação Infantil. Lembro de seu amor, seu carinho, sua paciência e sua capacidade em lidar, de uma forma bem especial, com a dificuldade de cada aluno. No Ensino Fundamental, fui um aluno que passava despercebido aos olhos da maioria dos professores.

Não era um aluno brilhante. Não via nos estudos uma ferramenta que fosse agregar algo produtivo em minha vida. Os estudos não eram algo importante na cultura de minha família. Meus pais largaram a escola logo cedo, meu irmão terminou o ensino médio, ingressou no mercado de trabalho e logo se casou, pois havia engravidado a namorada. Esse era o objetivo e a honra maior, trabalhar e se sustentar com o suor do rosto. Tudo mudou no meu último ano do Ensino Fundamental.

Me lembro bem, uma quinta-feira de março. Naquele dia teríamos aula de Educação Física, estava ansioso. Fui acordado às pressas por minha mãe. Assustado, levantei e perguntei a ela o que estava acontecendo. Ela me disse que havia algumas pessoas no portão de casa, me pediu para atender pois estava de camisola. Fui até o portão e, ainda sem entender, percebi que eram vários policiais.



Olhei para o lado e vi um carro da imprensa, um repórter e uma câmera apontada para dentro de minha casa. Atendi o policial que estava chamando, ele disse que possuía um mandado de busca e apreensão. Ainda confuso, pedi um instante e retornei para casa para avisar minha mãe. Quando olhei para trás, os policiais já estavam entrando em minha casa, quando cheguei nos fundos, haviam outros agentes sobre os muros do meu quintal, todos munidos com metralhadoras apontadas em direção a minha porta. O policial que havia chamado tentou nos explicar o que estava acontecendo. Se tratava de uma grande operação da polícia civil do Estado na cidade contra o tráfico de drogas e, meu pai, era um dos procurados.

Meu pai não estava em casa. Sempre teve o hábito de sair muito cedo e retornar apenas tarde da noite. Mas naquele dia, avisado por alguém que em sua casa haviam vários policiais e até mesmo repórteres, retornou às pressas. O policial o recebeu em nossa cozinha, os demais policiais vasculharam toda a casa. Cada canto, gaveta, e espaço foi, minuciosamente, verificado. Ao término da operação, o policial comunicou a notícia mais dramática, meu pai estava preso, acusado de tráfico de drogas.

A partir daquele momento, nossas vidas nunca mais seriam as mesmas. Meu pai, juntamente com outras pessoas presas nesta mesma ação da polícia foram transferidas para o presídio de Itaperuna, uma cidade vizinha a nossa. Por aqui ficou o trauma do ocorrido. Meu pai se chama Reis, depois do ocorrido, passou a ser chamado na comunidade como Reis do Pó. Na escola, o apelido logo foi transferido pra mim, passei a ser chamado de Reizinho do Pó. O bullying me fez querer largar a escola. Fingia não ligar, entrava na brincadeira, mas por

dentro estava completamente perdido.

Nos 4 anos em que meu pai esteve preso, me lembro de visitá-lo quatro vezes. Eu detestava ir até lá. Era horrível passar por todo o processo antes de permitirem a nossa entrada no presídio. As revistas, o constrangimento, mas quando chegava lá, eu adorava poder ver meu pai novamente, ainda que por pouco tempo. Minha mãe, diferente de mim, ia todas as semanas visitá-lo, minha avó lhe fazia companhia. Me lembro de uma grande enchente que aconteceu na cidade onde as duas tiveram que atravessar as águas para pegar o ônibus na cidade vizinha, para conseguirem chegar até o presídio.

Em casa, a situação piorava a cada dia. Não em termos financeiros, pois meu pai havia deixado as contas em ordem, meus tios nos ajudaram muito neste período e minha mãe tinha seu trabalho. Mas era difícil voltar pra casa todos os dias e encontrar minha mãe definhando em meio à depressão cada vez mais. Como já dito, ela é apaixonada por meu pai e toda essa situação a perturbava profundamente.

Para piorar a situação, meu irmão, já casado e com dois filhos, mergulhou no mundo das drogas. Minha cunhada nos ligava desesperada dizendo que ele já havia dois ou três dias que ele não retornava pra casa. Aquilo era mais um peso sobre minha mãe. Lembro-me bem de uma triste madrugada em que acordei com ela desesperada, em um surto psicológico, quebrando objetos da sala, como vasos, porta-retratos e outros.

Eu não sabia o que fazer. Deveria eu, assim como meu pai, seguir a tradição patriarcal e assumir este papel de liderança em meio à família? Foi neste período que eu encontrei alento, conforto e ajuda em um grupo de adolescentes de uma



Igreja local. Ali conheci uma pessoa muito especial, seu nome é Nelson Lellis, era o líder daquele grupo. Ele me ajudou em minhas dúvidas. Não oferecia respostas prontas, mas me dava apoio e era exatamente o que precisava naquele momento.

Além dos ensinamentos religiosos, ele me mostrou o valor dos estudos. Mostrou-me como eu poderia contribuir com minha família através deles. A partir daí eu percebi que tinha uma escolha a fazer. Eu poderia seguir o rumo que minha família sempre seguiu, ou poderia por amor a esta mesma família, tomar uma direção diferente, quebrando este paradigma.

Neste grupo de adolescentes, conheci outra pessoa muito especial, uma jovem de 13 anos, por quem me apaixonei. Percebendo que estávamos interessados um no outro, os pais dela começaram, antes de permitir qualquer relacionamento, a me convidar para frequentar sua casa. Ali tive contato com o pai dela, um professor de Letras que trabalhava na rede Estadual de ensino.

Passei a observar sua conduta, o carinho com que preparava suas atividades, seu dia-a-dia e foi paixão à primeira vista. Decidi que era aquilo que eu queria pra minha vida, me tornar professor. Tinha medo de que eles não permitissem que sua filha se relacionasse comigo. Eu sou filho de um presidiário, pensava eu, mas eles nunca levaram isso em consideração. Pelo contrário, sempre me ajudaram e apoiaram em tudo que fiz.

Terminei o Ensino Médio com 19 anos, no mesmo ano em que meu pai saiu da prisão. De volta pra casa ele era alguém diferente. Mais sensível, mais amável, mas logo caiu no caminho do alcoolismo. Parecia ser uma forma de amenizar suas tristezas e mágoas. Por muitas vezes precisei buscá-lo em bares

devido a sua incapacidade de voltar pra casa por conta própria devido aos efeitos do álcool.

Foram dias também difíceis, mas conseguimos superar. Hoje, embora ainda beba, ele o faz em casa. É um homem totalmente diferente. Aposentou-se e comprou uma pequena chácara, onde passa a semana toda junto de minha mãe. Nos finais de semana, retornam para casa, na área urbana da cidade, ou vão pra casa de outros vizinhos na roça.

Quanto a mim, escolhi a disciplina de história para cursar na faculdade. Com muita dificuldade e coragem iniciei os estudos. O proprietário da loja de roupas, onde eu trabalhava me demitiu. Disse que não poderia ficar comigo se eu estivesse na faculdade, pois eu teria que sair 1 hora mais cedo do trabalho para pegar a condução. Peguei o dinheiro do acordo trabalhista e fui disposto pronto para pagar quantos meses pudesse com aquele valor.

Lá chegando, como que um milagre, a secretária me informou que naquele ano, a faculdade estava com um programa de incentivo, onde era dado um desconto de 60% aos alunos formados em escola pública. Sendo assim, pude pagar 4 meses com o valor que tinha em mãos. Comecei minha Licenciatura em História no ano de 2012, na UNIFSJ (Fundação São José), em Itaperuna, RJ.

Enquanto estudava, consegui emprego em um escritório contábil, de onde tirava o dinheiro para me manter estudando. Passei todos os anos de faculdade com o pensamento de que aquela era a oportunidade da minha vida. Sempre fiz de tudo para ser o melhor aluno da turma. Eu precisava provar para mim mesmo que aquele era o caminho certo. Não tinha tempo



a perder!

No último ano, o peso e a preocupação começaram a tomar conta de mim. E agora? Com o diploma nas mãos, o que seria de mim? Prestei dois concursos municipais. Em ambos, passei em terceiro lugar. Com grande alegria recebi meu pai, minha mãe e minha avó em minha formatura. Os pais de minha namorada, que como disse, sempre me apoiaram, também estavam lá, todos, com certeza, orgulhosos. Eu também estava. Foi uma conquista difícil pra mim. Mas o orgulho não tirava o medo e o peso da responsabilidade do pós-formatura.

No ano seguinte, a rotina me parecia estranha. Não tinha mais a faculdade. Agora era apenas o escritório. Eu era feliz, mas não era o que eu queria pra mim. Numa tarde de terça-feira, recebi o telefonema que começou a mudar minha vida. Se tratava de uma das duas prefeituras, para as quais prestei concurso público. Eu estava sendo convocado para aquilo que sempre sonhei, ser professor. Miracema é o nome da cidade, fica a 80 km de distância de Porciúncula. A essa altura eu possuía uma Honda Fan, 150 cilindradas. Duas vezes na semana eu ia até lá, era uma hora e meia de viagem para ir e para voltar. Me acidentei no caminho duas vezes. Mas nada me tirava a alegria de poder ministrar minhas aulas.

Pouco tempo depois, passei em meu terceiro concurso e tive minha segunda convocação, agora na Rede Estadual do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). Mais uma vez a distância foi o principal empecilho. Fui convocado para Conceição de Macabu, que fica a cerca de 230 km de Porciúncula. Tive medo, mas assumi. Ficava a semana toda na estrada, me dividindo entre Miracema e Macabu, nos fins de semana voltava pra casa. Foram anos

complicados, difíceis e cansativos.

Tudo mudou a partir de 2018. Para começar, consegui a transferência de minha lotação de Macabu para Natividade, onde passei a lecionar em uma escola da Zona Rural, em Ourânia. Eram 230 km a menos de deslocamento. No meio do ano me casei com aquela jovem que havia conhecido naquele grupo de adolescentes, a mesma por quem me apaixonei quando tinha 13 anos.

Minha primeira e única namorada, a mulher da minha vida! Quatro meses após o casamento, duas novidades. Primeiro consegui uma nova transferência, agora para Porciúncula, onde tive, e ainda tenho, a oportunidade de lecionar na escola em que me formei, de trabalhar com aqueles que um dia foram meus professores. Fantástico! A segunda novidade foi minha convocação em um quarto concurso, na Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, larguei minha matrícula de Miracema e passei a trabalhar em Eugenópolis, que fica apenas a 27 km de distância de casa.

Assim a minha vida foi se estruturando e traçando os rumos que vou levando hoje. No ano de 2020, após um conturbado período eleitoral, fui convidado pelo prefeito reeleito para assumir o posto de Secretário Municipal de Educação. Pretendo assumir na metade do ano de 2021. Assim como tudo em minha vida, será um desafio muito grande. Mas tenho certeza que com esforço, dedicação e profissionalismo, poderei alcançar o sucesso em mais esta empreitada e oportunizar a outros a chance de terem suas vidas também transformadas pela educação.

Quanto ao futuro, espero poder realizar ainda o sonho de



dar sequência a minha formação acadêmica, me aperfeiçoando através de um mestrado e, futuramente, um doutorado. Sei que o caminho é árduo, de desconstrução e sacrifício, mas é uma jornada que estou disposto a iniciar.

Sempre sonhei em contribuir com minha comunidade através de minha formação. Já realizei o sonho de lecionar em uma escola pública da cidade. Agora, pretendo contribuir através de análises e pesquisas que discutam questões que se relacionem, sobretudo com a população negra e carente do município de Porciúncula. A partir de uma série de observações que fiz ao longo de minha vivência, consigo perceber muitos elementos socioeconômicos e culturais que me preocupam. Creio que o resultado de tais trabalhos podem se tornar uma ferramenta norteadora para a aplicação de políticas públicas realmente eficazes em meio a minha comunidade.

CAPITULO 9

ITINERÁRIOS DAS MINHAS MEMÓRIAS: ENTRE O QUILOMBO E A FAVELA

Samia Paula dos Santos Silva

1 PRIMEIROS PASSOS DA CAMINHADA...

Revisitar as memórias despertam sentimentos diversos, as vezes adormecidos, pelas intensidades das dores que causam, outras, mas parecem injeções de dopaminas ao revelarem lembranças tão felizes que parecem se perpetuarem nos pensamentos. Porém de um modo ou de outro, as memórias são de fato o reencontro com nosso “EU”, como a dança das águas, precisamos ter consciência do início do caminho para que consigamos seguir na direção que desejamos sem nos perder.

Nessa perspectiva retornar as memórias constitui o que somos, e nos impulsiona a ir mais adiante. No texto em questão retornaremos ao meu passado e dos meus familiares em uma busca de narrar os conhecimentos e saberes produzidos, através das minhas vivências como mulher negra cearense, que se constrói dentro da ancestralidade quilombola e tem relações identitárias entre o quilombo e a periferia.

Iniciaremos a caminhada com os passos anteriores aos do meu nascimento, pois a vida inicia-se com meus familiares

na serra dos Bastiões, local onde nossos ancestrais estão plantados gerando constantemente novos frutos. Nesse território desenvolveram-se as primeiras decisões sobre minha vida, que seguiria apenas com minha mãe.

Apesar de meus pais serem da serra e terem gerado lá, nasci em Fortaleza na década de 1980, sou a filha mais velha dos três filhos de minha mãe, que foi a primeira dos 7 filhos dos meus avôs maternos, a precisar sair da comunidade para conseguir trabalhar e ajudar no sustento da família, pois nos períodos de 1970 aos anteriores, os trabalhos nas roças e nas casas de farinhas da comunidade era duro e rendia pouco, por causa das secas, que atingiam o estado.

Entre os trabalhos nos roçados e nas casas de farinhas ganhava-se apenas um litro de farinha como pagamento, esse então seria o alimento da família junto, com o feijão e as rapaduras. Com todas essas dificuldades, minha mãe saiu da comunidade e foi trabalhar, no município de Jaguaribe(CE) como doméstica e boleira, para conseguir ajudar minha avó a sustentar meus tios e tias.

Entre as muitas idas e vindas de Jaguaribe para a serra dos Bastiões e com o desenvolvimento de um namoro, fui gerada e entre as muitas divergências e irresponsabilidades do gerador, determinou-se que minha mãe seguiria com minha criação sozinha, desde então pouquíssimos contatos tive com ele, porém mantenho contato e afeto por seus pais desde a infância.

O desejo de retornar para casa faz com que minha mãe largue o trabalho em Jaguaribe, porém, por indicação de amigos, após dois meses, minha mãe segue para Fortaleza(CE) para



trabalhar como doméstica, trabalhar de doméstica em casa de família, mesmo grávida seguiu trabalhando até o dia de parir, parto que ocorreu no hospital menino Jesus em Fortaleza, no ano de 1986.

Após meu nascimento, moramos na casa em que minha mãe trabalhava, onde minha mãe trabalhava, até os meus 3 anos de idade. Nesse período minha mãe engravidou de minha irmã, e saiu do trabalho, na mesma época todos os irmãos de minha mãe foram para Fortaleza, buscar empregos. Todos ficaram hospedados por um tempo em um dos quartos da casa em que minha mãe trabalhava. Porém, era pouco espaço para muita gente.

Nessa ocasião, no ano de 1989, chegou a informação que estava acontecendo uma invasão de terrenos no bairro Passaré, em Fortaleza. Então toda a família seguiu para o local com esperança de encontrar espaço para morar.

2 AS JORNADAS NO RIACHO DOCE.

Quando chegamos ao Riacho Doce, encontramos um terreno repleto de matos e lamas, nesse período eu tinha apenas cinco anos de idade. Havia no local outras famílias, todas buscando os mesmos objetivos. As famílias escolhiam os locais que desejavam e marcavam seus terrenos com cercados feitos de paus e cordões. A partir dessa delimitação era necessário ainda proteger seus espaços para que as diversas pessoas que chegavam em seguida não voltassem a invadir.

Algumas das novas pessoas que chegavam na sequência, tinham o objetivo de guardar os terrenos para vender em outro

momento. Esse fato é importante, pois aumentava a disputa por terrenos, e seria cada vez mais necessário, proteger os seus. As constantes disputas por terrenos geraram muitos conflitos durante a habitação do riacho doce, além das guerras entre as lideranças e os antigos donos do terreno que buscavam a todo custo reaver as terras, e faziam isso de forma violenta.

Após as marcações com cordões e pedaços de pau, as famílias que tinham a intenção de morar na comunidade construíram suas casas com as materiais que tinham no momento, que eram tábuas de madeira bem finas e bastante papelões. Cada membro de minha família construiu sua própria casa com esses materiais e com eles vivemos por alguns anos.

Por algum período, uma das lideranças do movimento social que ajudou e organizou a ocupação do riacho doce, hospedou-se em nossa casa para ajudar na pacificação dos conflitos, em uma dessas ocasiões enquanto dormíamos escutamos algumas batidas na porta, em momento anteriores, tentaram furar as nossas paredes com facões, quando bateram na porta, minha mãe levantou-se com um grande facão na mão, enquanto eu sentava na rede da sala onde dormia, ela devolveu três batidas na porta com o facão e perguntou quem eram. Em seguida abriu a porta e já não havia mais ninguém.

Por conta das chuvas e dos terrenos lamacentos, nossa casa tornou-se inabitável, por essa razão construímos uma casa de taipa, com a utilização de várias e barros. Após a montagem da estrutura com as madeiras, preenchemos os espaços com o barro produzido por nós. Enquanto os adultos faziam um trabalho sério para podermos entrar e dormir na casa, eu e meus primos nos divertimos bastante tapando os buracos com



os barros, terminamos brincando de sujar uns aos outros.

Em um dos períodos muito chuvoso, nossa casa de taipa, ficou na iminência de cair, esse fato ocorreu em uma noite de muita chuva, enquanto dormíamos, a estrutura da casa foi aos poucos virando para um dos lados, quando minha mãe acordou e percebeu, precisamos sair às pressas. Retiramos o que podíamos de dentro. Com a ajuda dos meus tios, que moravam nas casas ao lado. O resto da noite, dormimos na casa de minha avó, no dia seguinte, derrubaram o que sobrou da casa antiga e construímos uma nova, também de taipa.

Seguimos morando nas casas com essas estruturas por muitos anos, pois apesar de minha mãe seguir trabalhando como domésticas. Apenas após dez anos, conseguimos construir a casa de alvenaria, essa foi feita por partes, cômodo por cômodo, enquanto fazia uma parte estávamos dentro da outra. Mesmo após o término da construção não conseguimos concluir as instalações do banheiro, que permaneceu incompleto até ser vendido.

As memórias de minha vida no riacho doce, me remete a momentos difíceis. Como as imagens de minha mãe trabalhando o dia todo, às vezes até os finais de semana, e ainda assim passamos por dificuldades financeiras e de vida intensas. Antes que eu e meus três irmãos fossemos para a escola. Ela deixava tudo pronto, café da manhã, e o que deveria ser feito pro almoço. Saímos em seguida junto com nossos primos e amigos.

Quando não tínhamos o café ela pedia para comprarmos em um dos pequenos comércios da rua, um pacote de bolacha na conta dela, pois ela pagaria quando recebesse seu salário. Porém, muitas vezes, o dono não vendia, resolvemos como dava,

com o que tinha, farinha e café. Outros dias saímos cedo com um grupo de vizinhos e íamos nas padarias que localizavam-se no bairro, esperar o momento em que colocariam os pães mofados para fora, quando acontecia, escolhíamos e levávamos para casa, onde retirávamos as partes que continham mofos e comíamos restantes por alguns dias. Nesses períodos, meu padrasto Sebastião saía com o seu irmão João para procurar emprego, eles trabalhavam como serventes de pedreiro, como não encontravam voltavam com sacos cheios de mangas, que seria o almoço da família.

Minha mãe nunca teve a oportunidade de estudar porque precisava ajudar a família, ainda assim conseguiu aprender a ler, praticamente sozinha, pois queria saber se o que estava sendo dito pelo padre na missa tinha mesmo na bíblia. Esse fato, a transformou em uma mulher exigente quanto aos estudos dos filhos, não permitia notas baixas em hipótese alguma, assim como reprovações ou recuperações. Ela sempre dizia que tínhamos 365 dias para estudar e não era para depois do ano letivo ficar estudando ainda mais. Quando chegava em casa perguntava a todos, como havia sido o dia de aula, quais as atividades, quem tinha feito e ainda conferia. Por esse motivo, eu não gostava de chegar atrasada nas aulas, precisava entender tudo o que seria explicado, sempre tinha a sensação que estava entendendo tudo errado.

As relações na escola não eram fáceis, o clima em minha volta era hostil, o que gerava uma insegurança e desconforto inenarráveis. A todo momento tinha uma piada nova sobre algumas de minhas características físicas, ou sobre minhas roupas e calçados. Os alunos que não cometiam racismo, não que-



riam ficar perto para também não serem atacados.

Os ataques viam em forma de piadas e risos de ridicularização, tanto na hora da aula como no intervalo, quando notados pelos adultos eram tratados como brincadeiras de crianças. O racismo aplicado nas instituições escolar desenvolveu algumas dificuldades de aceitação sobre meu corpo, por exemplo, por muitos anos de minha infância e pré-adolescência, escondida de minha mãe colocava pegadores de roupa no nariz na esperança que ele afinasse, pois na escola um dos apelidos que me colocavam era nariz de batata, os cabelos que ficaram presos até a qualificação do trabalho de mestrado, também eram alvos constantes, cabelos de palha de aço, Bombril, eram os menos ofensivos.

Todos os atos racistas vividos no ambiente escolar, causaram um imenso medo do erro, de me expressar, de participar das atividades. O que me trazia um grande desafio familiar, como passar de ano sem conseguir tirar as dúvidas apresentadas nas aulas, e a grande insegurança nos meus conhecimentos?

A desvalorização de si perante os outros bloqueia as ações, dificultando a transmissão de sentimentos e opiniões. Esse bloqueio acontece por medo, pois o receio da reprovação impede que a pessoa se expresse. O medo excessivo do erro é uma característica acentuada da baixa autoestima, uma vez que há insegurança e um não reconhecimento do seu potencial, bem como o medo do julgamento social. Tais julgamentos são expressões por meio de rótulos que impedem ou dificultam a construção da personalidade (Silva; Medei-

ros; Delfino; Matias; Ribeiro, 2015, p.15)

Criei a estratégia de chegar bem cedo, preparar o cabeçalho das matérias do dia para ganhar tempo e anotar o máximo possível do que estava escrito na lousa e nas explicações dos professores. Em casa, além de revisar os escritos, lia os capítulos estudados, ainda assim, existia muita dificuldade de aprendizagem, por isso muitas notas ficavam apenas na média ou um pouco acima dela.

No caminho para a escola, íamos juntos e brincando, a escola ficava em bairros vizinhos e eram relativamente distantes. Ao retornar esperava minha irmã Samara e meus primos mais novos, que estudavam em uma escola depois da nossa, e retornávamos as pressas para casa, primeiro porque queríamos assistir os desenhos infantis que passava na década de 1990 na televisão, até as 11:30, depois eu precisava fazer o almoço. Porém durante esse percurso muitas vezes havia contratempos inesperados, como o dia em que o meu primo Jhonata, um dos mais intempestivos dos meus primos, vinha como habitualmente dando muito trabalho, brigando com outras crianças, correndo, pisando na lama e quando chegamos no riacho doce, ele correu na frente, pegou uma grande pedra no chão e jogou na porta da casa de um dos moradores que era envolvido com as gangues, foi uma grande correria para que ninguém nos visse. Ainda assim ficamos com medo de represálias.

No período da tarde, arrumava a casa e fazia a atividade de casa, dava banho nos meus irmãos menores, e ia para a rua brincar com os nossos amigos e vizinhos. As brincadeiras dividiam-se entre futebol, tacobol, pega-pega, carimba entre ou-



tros. As diversões agitavam a rua 8, do riacho doce, não tinha espaço para nada, era correria, gritaria, crianças e adolescentes correndo e brincando de todas as formas.

As agitações das brincadeiras incomodavam alguns vizinhos, que vez ou outra prendiam nossas bolas e brinquedos. Por pouco tempo, até que um de nós armasse um plano e fosse recuperar, e seguir brincando. A diversão durava até o retorno de minha mãe para casa, ao chegar em casa ela seguia uma sequência de atividades. Bem cansada, resolvia as pendências do dia, que nunca eram poucas, tomava um banho, acendia umas velas para os santos do altar e recolhia todos os filhos da rua, para tomarmos banhos e jantarmos.

Fomos crescendo, a comunidade se estruturou, e surgiu no riacho doce como em diversas comunidades negras de Fortaleza, as gangues. Essas cresciam de forma assustadora naquele território e muitos dos nossos amigos acabaram se envolvendo com elas. Esses envolvimento para nós apareciam de forma gradual. Repentinamente esses jovens apareciam com roupas e acessórios utilizados por pessoas envolvidas com esses grupos, as falas passavam a utilizar as linguagens deles, até que as armas aparecessem nas suas cinturas.

Mesmo com os seus envolvimento, eles sempre desejavam participar de nossas diversões e eram sempre bem-vindos por nós. Apesar de alguns pais chamarem os filhos quando eles chegavam. Ainda assim, os envolvimento das pessoas ao redor foram crescendo e o medo de minha mãe aumentando.

Nessa época o funk e o rap, eram os ritmos mais tocados entre os adolescentes, porém para muitos adultos era sinônimo de vagabundagem, eu e meu irmão de criação, Eduardo, que

vinha a ser filho do meu padrasto, adorávamos escutar, porém precisávamos fazer isso, de modo que não ficasse explícito para nossos pais, pois seria um problema.

No fim de tarde dos finais de semana, quando minha mãe chegava mais cedo do trabalho, ela gostava de ficar tomando café com minhas tias, conversando e assistindo as brincadeiras da rua. Em um desses momentos os nossos vizinhos da frente, colocou o som do Mc Marcinho, enquanto brincávamos, já se tinha notícias que ele estava envolvido com os grupos de gangue, em uma das pausas da brincadeira, ele parou cansado próximo a ela, que gostava bastante dele, quando ela perguntou: “meu filho, por que você não sai dessa vida tão infeliz?”, ele ficou um tempo em silêncio e respondeu: “tia Lúcia, depois que a gente entra nessa vida só sai depois de morto.” E voltamos a brincar como se nada tivesse ocorrido.

Os jovens do riacho doce também utilizavam bastante o campo de futebol que ficava localizado na comunidade, quase todos os dias no início da noite, muitos meninos subiam com as bolas e em grupos, para organizar os jogos. O evento esportivo durava aproximadamente até as 22 horas. O desmonte repentino do campo marcam na minha memória o início da ocupação do que hoje é a comunidade Rosalina, junto com o campo, a região após ele, foi totalmente ocupada por moradores que chegavam com o mesmo intuito dos nossos quando chegamos no Riacho o doce.

Após a morte de minha bisavó, Damiana, minha mãe não se conformou em deixar meus avós sozinhos, a partir daí ela passa a falar nisso constantemente. Até que no fim do ano de 2002 depois de uma das visitas da minha avó, ela manda mi-



nha irmã Samara com ela para os Bastiões, e avisa que chegaria em poucos meses. O que ocorreu no início de 2003.

3 ANDANÇAS DA VIDA QUE LIGAM AOS BASTIÕES

Desde que tenho consciência, a serra dos Bastiões, comunidade quilombola, que localiza-se no município de Iracema no Ceará, ocupa um espaço grandioso em minha formação como ser social e individual, pois minha criação baseou-se nos ensinamentos de nossos ancestrais, que estão plantados no território, e por considerar marcantes as vivências de minha vida nos Bastiões. Como relata (CUNHA jr., 2006) “ancestralidade representa, também, a preservação de costumes, está referida aos conceitos de tradição, de fundamento da sociedade e de origem”.

As lembranças de infância remetem as viagens que minha família, mãe, irmãos (as), tios, tias e primos (as) fazíamos juntos, a casa de meus avôs maternos, Chico Amaro e Maria do Carmo, na comunidade. Esses momentos ocorriam especialmente em duas partes do ano, durante o mês de julho, quando acontecem a festa da padroeira e o aniversário de minha avó. E nos meses de dezembro e janeiro, nesse último ficávamos apenas os primos e irmãos. As mães, tios e tias estavam trabalhando em Fortaleza.

Para chegarmos até a Serra dos Bastiões, inicialmente desembarcávamos do ônibus na cidade de Iracema, quando criança, lembro que minha mãe, antes de pegarmos o pau de

arara, para subirmos a serra, passávamos na casa de seu avô materno, Oswaldo Felipe, conhecido por todos como Pai Preto, ele recebeu esse apelido porque era como disse minha mãe, “bem escurinho e tinha os cabelos tão enroladinhos que nem entrava água direito.”

As lembranças que tenho do Pai preto não são muitas. Porém sua imagem sentado na sua cadeira de balanço, balançando-se em sua sala, ouvindo seus netos e bisnetos de forma tranquila, e mesmo já tão velhinho sempre falava algo que deixava minha mãe emocionada, essas lembranças me trazem um conforto no coração, tem algo nessa imagem que me transmite paz.

Não conheci sua esposa. A bisa Telvina segundo as memórias de minha mãe, ela era uma mulher expressiva, quando tinha alguma coisa que estava incomodando, dizia sempre de forma firme, não se importando com o que os outros iriam pensar. Damiana Alves, a madrinha Damiana, foi uma mulher admirável e apaixonante, ela é o elo que liga as duas ramificações de minha família paterna e materna.

A madrinha Damiana é minha bisavó por parte de mãe e de “pai”, pois ela é mãe de meus avós Chico e Raimundo Amaro, o primeiro é pai de minha mãe Lúcia, o segundo é meu avô paterno. Meus pais são os filhos mais velhos dos irmãos Amaros. A festa da padroeira inicia no dia 7 de julho, data do aniversário de minha vó Maria, por essa razão, tínhamos que viajar no dia 5, para que minha mãe e minhas tias pudessem ajudá-la a preparar as comidas.

No dia 6 de julho de tardezinha os homens da família e amigos, juntam-se para matar o porco, que tinha sido engor-



dado para a festa. Eles matavam o animal no matadouro e tratavam na casa de minha avó, sob os comandos dos meus tios e do meu avô Chico Amaro. Todo esse processo de matança do animal é regado a muita música que normalmente é forró e cachaça. A casa ficava lotada de homens nesse período, os que não estavam ajudando, estavam apenas bebendo e assistindo.

No início da noite minha mãe e minhas tias começavam a preparação de um caldo forte, que era servido de madrugada para as pessoas que forem para a festa de aniversário, são pelo menos 4 panelões de comida, sem contar as carnes e as miudezas do porco que serão assadas na brasa. Na madrugada, as crianças que estavam dormindo, acordavam porque as pessoas começavam a chegar e a aglomerar-se pela casa, algumas já alcoolizadas; o silêncio acaba ali.

Os músicos tocavam mais tarde na alvorada, entre eles, meu avô Chico Amaro, começava a tirar os primeiros sons dos instrumentos, a comida começava a ser servida por algumas das mulheres da família enquanto outras dançavam no terreiro. A essa altura, a casa estava tão lotada que as pessoas ficavam do lado de fora, comendo, bebendo e dançando. Se observássemos com cuidado, parecia que a comunidade Bastiões inteira estava na casa de minha avó.

O dia amanhecia, os músicos dirigiam-se para a porta da igreja católica fazer a alvorada. Ou seja, tocar para nossa senhora do Carmo, isso não significa que a festa acabou, na realidade era apenas o começo e chegaria ao fim, depois da noite do dia 15 de julho, que é o último dia de festa, pois o dia 16 de julho, dia de nossa senhora do Carmo, não terá mais festa, só a missa da padroeira que acontece as 10 horas da manhã.

Recordo que na infância e na adolescência para termos acesso à água tínhamos que buscá-la nos rios ou no açude, dependendo da utilidade que daríamos a ela. A comunidade, em virtude da necessidade de beber, buscava água para o consumo nos cacimbões e no açude santo Antônio situado em um dos sítios pertencentes aos Bastiões, ou nas cacimbas e cacimbões existentes na localidade.

Nessa época lembro que meu avô tinha um jumento, que batizamos de Juvinha. Ele foi essencial para a família, pois possibilitava que nós tivéssemos acesso à água com mais rapidez. Era através dele que conseguíamos carregar o maior volume de água para armazenar. Também era ele quem carregava a maior parte do peso dos trabalhos no roçado.

Lembro que para conseguir água, a fim de atender às necessidades da família, tínhamos que cumprir um processo longo e cansativo, que começava quando íamos buscar o jumento próximo ao roçado onde ele ficava, para que pudesse se alimentar. O caminho até lá era distante e de difícil acesso como já relatamos, mas, como íamos em grupo, brincávamos o caminho inteiro e essas dificuldades eram mais facilmente superadas pelo clima de diversão.

A lavagem das roupas é um exemplo disso: existia nessa época todo um processo para que de fato fossem lavadas. Essa, por sinal, era uma atividade esperada pela molecada, que aguardava o momento para acompanhar suas mães até o rio e brincar a manhã inteira ao redor dele, principalmente os meninos, pois, só teriam que colocar água junto às mães, diferente das meninas que ajudavam na lavagem por mais tempo.

Recordo que nos dias que antecederiam à lavagem das rou-



pas, a expectativa que se formava junto às crianças era enorme: os meninos iniciavam o processo de convencimento para que as mães os levassem, mas certo mesmo é que as meninas iriam, então, nós (as meninas) especulávamos e os deixávamos mais ansiosos.

Quando o grande dia chegava, acordávamos bem cedo, por volta das quatro e meia da manhã, as mães preparavam o café. Enquanto tomávamos o café, as mulheres pegavam uma colcha de cama grande, estiravam no chão da sala e iam juntando ao centro todas as roupas que seriam lavadas. Por fim, elas colocavam alguns materiais de limpeza, como os sabões, e fechavam a trouxa amarrando as pontas.

Minha mãe colocava a trouxa de roupas na cabeça e saíamos todos em direção ao rio da comunidade. No caminho encontrávamos outras famílias que iriam fazer o mesmo, as mulheres então iam conversando, cada uma com sua trouxa na cabeça, as crianças caminhavam, corriam e cantavam na frente carregando baldes que continham alguns materiais de limpeza e de consumo junto às bacias.

Ao chegar ao rio, cada mulher escolhia uma das muitas pedras grandes que lá existiam, escolhiam a que considerassem melhor para nela bater as roupas mais grossas. Ao redor dessas pedras elas colocavam os materiais de limpeza necessários para lavar as roupas um pouco mais afastados de alguns alimentos que foram levados para a merenda, fumo e papel para fazer o cigarro.

Com o ambiente todo organizado pelas mães, as crianças começavam a pegar água no rio para encher as bacias. Depois de fazerem parte de sua obrigação, iniciavam as brincadeiras

nas árvores e em uma parte mais reservada do rio. Entre uma brincadeira e outra, as meninas tinham que parar para ajudar a colocar as roupas para quasar ao sol, além de fazerem o primeiro enxágue.

Na volta para casa, o cansaço já estava visível em todos, porém, as crianças ainda tinham energia para se colocarem à frente, caminhando a passos largos e conversando sobre os acontecimentos da manhã. Enquanto isso, as mulheres voltam com as trouxas nas cabeças, conversando sobre o cotidiano.

As bonecas que brincávamos na serra no período de infância, é outro elemento que recordo com carinho. Como não tínhamos dinheiro para comprar brinquedos, minha avó materna, Maria Amaro, construía nossas bonecas e para isso ela utilizava como matéria prima o milho e o barro. O trabalho com barro é uma prática comum na comunidade, com esses materiais muitos moradores fabricavam tijolos e utensílios domésticos, como potes e panelas.

Para fazer uma boneca de milho, minha avó pegava os milhos verdes que não serviriam para comer, enfiava dois palitos, um de cada lado na parte inferior do legume, para representar as pernas e outros pouco acima do meio do milho, representando os braços, arrumava os pelos do próprio legume (cabelos de milho) para serem os cabelos das bonecas, em seguida pegava os restos de retalhos que sobravam de alguma roupa concertada e faziam vestidinhos para a boneca e estava pronto, era só brincar. A bonequinha de milho só poderia ser produzida em épocas de colheita, pois sua matéria prima só aparecia nesse período.

Em outros períodos do ano, minha avó produzia bonecas



utilizando outras matérias primas como o barro, por exemplo. Para isso, ela juntava o barro um pouco avermelhado, molhava-o e moldava-o em cima de um pedaço de tábua até ele ficar no formato que ela desejava, depois, era só deixar secar no sol e estava pronta a boneca para brincar. No mês de dezembro do ano de 2002, minha mãe de forma inesperada toma a decisão de retornar para a comunidade para morar, inicialmente, ela manda minha irmã junto com minha avó Maria, e no início do ano seguinte fomos toda a família para a serra, com o objetivo de morar.

A decisão foi tomada sem que houvesse um planejamento anterior, por isso, deixamos nossa casa no Riacho doce, Passaré, com a intenção que ela fosse vendida por familiares que ficaram tomando de conta dela. Chegamos aos Bastiões com a família e a roupa do corpo, um terreno do lado da casa do meu avô, que ele havia dado a minha mãe. Como não tínhamos condições financeiras de construir nossa nova casa, moramos por alguns meses com meus avôs. Posteriormente conseguimos uma casa emprestada, como minha mãe não trabalhava de carteira assinada, não recebeu direitos trabalhistas. Então precisou comprar fiado em um dos comércios locais, os fios de telas, um artesanato local que era uma das poucas formas de gerar renda às famílias, enquanto ela aprendia a fazer artesanato, nossa única fonte de renda era o bolsa família.

Moramos nessa casa cedida até conseguirmos construir a nossa, o que só aconteceu quando eu e meu padrasto começamos a trabalhar em Fortaleza. Na ocasião juntamos dinheiro e construímos dois cômodos. Durante uma noite chuvosa, no mês de dezembro, nos mudamos para nossa casa. No dia se-

guinte, precisamos construir o banheiro, como não teríamos como pagar o pedreiro, meu padrasto construía enquanto eu e minha mãe, entregávamos massa e os tijolos. Esse processo se repetiu por diversas vezes até que a casa ficasse como está hoje.

Nesse mesmo ano, por motivos das dificuldades de acesso à escola que no período localizava-se apenas em Iracema, minha mãe decidiu que eu retornaria para Fortaleza e terminaria o ensino médio. Inicialmente fiquei na nossa antiga casa, e poucos meses depois fui morar na casa dos meus padrinhos. Ainda assim, em todas as oportunidades que eu tinha retornava para a comunidade Bastiões. as pesquisas com menos

4 AS TRILHAS ATÉ AS UNIVERSIDADES

O fim do ensino médio trouxe várias angústias e novas buscas para a minha vida, uma delas era que eu precisava terminar logo, para conseguir trabalhar e ajudar a minha mãe, pois as minhas buscas nos programas de estágios e jovens aprendiz não davam muito certo e eu não conseguia ser aprovada em nenhum deles.

Quando finalmente finalizei os estudos da educação básica e iniciei o que realmente queria, a busca por emprego, encontrei outra imensa dificuldade, não encontrava, passei por diversas seleções e entrevistas de diferentes áreas e não conseguia aprovação em nada. Junto com a busca incessante pelo trabalho, me inscrevi pela primeira vez para os vestibulares da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fiz a inscrição e a prova sem saber ao certo o que realmente queria fazer, nada me agradava, nenhum



daqueles cursos me chamavam atenção. Os resultados desses vestibulares foram iguais aos das buscas por trabalhos, todos negativos. O que me fez acreditar que o mundo acadêmico não me caberia.

Com as insistências das pessoas ao meu redor, continuei tentando, a cada fracasso a frustração aumentava, quanto mais estudava menos acreditava que sabia daqueles conteúdos, e menos acreditava que passaria. Cursei os dois cursinhos populares das duas universidades supracitadas, ainda assim aquela realidade parecia distante da minha vida e às vezes do meu desejo.

As lutas e tentativas seguiram por cinco anos ininterruptos, e mais de 10 seleções de vestibulares, depois de escutar de uma visita da casa onde morava que eu não queria “ovo”, dando a entender que eu não queria nada com a vida, simplesmente parei de estudar, disse para mim que faria o vestibular da UECE, pois já estava escrita, e logo em seguida iria embora para serra morar com minha família.

Então o destino me disse não outra vez, nesse mesmo vestibular da UECE, que ocorreu no meio do ano de 2008, pela primeira vez fiquei nos classificáveis, porém tinha ocorrido a pouco tempo uma chamada para a seleção da UFC onde muitos candidatos que passaram nas duas, já havia realizado a matrícula na federal, então consegui acessar a vaga, através da chamada dos classificáveis.

Ao iniciar o curso as dificuldades continuaram. Apesar de ter me identificado com as áreas de estudos, não conseguia me ver como professora, acreditava não ter conhecimento necessário para ensinar alguém e tinha muito medo de atrapa-

lhar os meus futuros alunos. Os dias, meses e semestres foram passando. As minhas limitações de estudos me deixavam cada dia pior, pois não desejava transparece-las. Algumas disciplinas sociais me deixavam mais motivadas enquanto as técnicas, retiravam minha motivação.

Minha timidez e o medo de falar chegaram a um nível elevadíssimo, comentar nas disciplinas só ocorria através do pensamento, estratégia que criei pra não deixar de problematizar as discussões e não me expor. Em muitos momentos da formação acadêmica me esquivei e fugi, de bons cursos ou oportunidades por dificuldades de interação nas aulas. O caso mais emblemático, foi quando tranquei a primeira disciplina de ética, sociabilidade e educação, que eu tinha um desejo enorme de cursar, porém quando nos primeiros dias da disciplina já senti desconforto, pois estavam escritos nelas alunos considerados intelectuais da UECE, com a metodologia diferenciada e interativa, despertou o meu medo do erro, abandonei a disciplina sem dizer nada a ninguém, simplesmente sumi.

Nessa ocasião, os estágios na área da pedagogia eram muitos, diversos anúncios. Com uma diversidade imensa de escolas. Muitos amigos de faculdade iniciavam como profissional da educação, seguimos tentando e não conseguindo. Iniciou-se então o semestre, no qual cursamos a disciplina de pesquisa educacional. Nela nos foi solicitado a construção de um projeto de monografia. Como não fazia ideia do que gostaria de pesquisar e nunca havia feito um projeto anteriormente, encontrei muitas dificuldades. Porém, a professora Rosa Barros, que ministrava a disciplina, mostrou-me diversas opções de temas. Dentre essas opções, escolhi trabalhar a educação para alunos



cegos.

Na ocasião tínhamos dois colegas com deficiência visual que acharam a proposta bastante interessante, e prometeram ajudar no que fosse possível. Dessa maneira descobri que os assuntos sociais despertaram um maior desejo de pesquisar. Ainda assim, eu sentia que ainda faltava algo para encontrar o tema de pesquisa que me fizesse encontrar na pedagogia.

Os estudos seguiram, em outra disciplina, onde discutimos as diferentes dificuldades de aprendizagem. Me deparei com o tema: A dificuldade de interação da criança como problema de aprendizagem. Com essa temática, me senti a vontade para aprofundar as pesquisas. Até que durante a disciplina de ética, sociabilidade e educação, também ministrada pela professora Rosa, desenrolou-se uma discussão sobre a situação da população negra e o racismo no Brasil. Como dito anteriormente, eu que não conseguia me expressar em sala, dessa vez não consegui ficar em silêncio, dentre as mais diversas opiniões sobre o assunto, ainda trêmula, pedia a fala diante da turma que adorava falar.

A professora solicitou que eu falasse, a fala então saiu da minha boca com tanta força que parecia que estava me libertando de uma prisão. Ao final do discurso, com todos em silêncio, sorrindo, Rosa disse: “Ta vendo que quando a fala é feita pelo próprio negro é diferente?”. No fim da aula, tivemos uma conversa muito construtiva, fui convidada para palestrar na sua disciplina no semestre seguinte e para ingressar em seu grupo de pesquisa. Assim como, chegamos à conclusão que ela seria minha orientadora na monografia.

Aceitei os dois desafios. O grupo de pesquisa, ética, edu-

cação e formação humana, foi um grande desafio no início, pois os dois alunos os quais fugi na primeira disciplina de ética, eram membros desse grupo, mas dessa vez decidi conhecê-los, e foi a melhor escolha que eu fiz. O grupo me ajudou a desenvolver autoconfiança, aprendemos juntos a fazer pesquisas, a construir textos, mas principalmente com o seu acolhimento me ajudou a encontrar-me dentro do espaço acadêmico, com menos sofrimento.

Inicialmente, apresentei a proposta do trabalho monográfico com a dificuldade de interação da criança. A professora então, sugeriu que falássemos sobre a criança negra, neste momento não me senti muito confortável, pois tinha enorme dificuldade de falar sobre as questões das populações negras, mesmo tendo uma consciência crítica sobre o assunto, o silenciamento imposto por pessoas próximas, que diziam tratar de assuntos sociais, porém chamavam conquistas como cotas de seletividade reversa entre outras muitas, me levavam a pensar mil vezes antes de expressar sobre o assunto.

Ainda assim, aceitei o tema e as dificuldades na escrita ficaram evidentes, parecia que tinha algo me impedindo de escrever, dizia as informações pela metade. Todas as vezes que entregava para correção, a professora orientava, dizendo: escreva para o leitor, a informação está pela metade, você sabe disso, o leitor não faz ideia. E assim seguimos até o fim do processo de escrita, escrevendo, reescrevendo, soltando um pouco mais a cada ponto, a cada orientação.

5 CAMINHANDO NA DOCÊNCIA



No ano de 2012, terminei o curso, estávamos todo o grupo de pesquisa organizando um evento, no auditório central da UECE, quando durante uma conversa com um amigo, ele veio até a mim e disse de forma inesperada que tinha uma escola lá no Castelo Encantado que estava precisando de professora para o terceiro ano do ensino fundamental.

Depois da reunião com as coordenadoras, onde recebi orientações e falei da minha falta de experiência, retornei para casa e na manhã seguinte, iniciei o trabalho, conheci a turma no primeiro dia com aplicação de uma prova. Durante o semestre que fiquei com a turma, construímos muitos aprendizados essenciais para a minha formação profissional e pessoal.

Nos anos seguintes outras turmas e aprendizados vieram, em algumas ocasiões os problemas sociais como o racismo me encontravam agora como professora. Em uma das ocasiões, uma criança que estava agitada, agredia verbalmente os colegas durante as atividades e não fazia outra coisa além de ofender os outros alunos. Eu intervi e a irritação dele virou-se contra mim, em um impulso de raiva por estar sendo contrariado, ele grita no meio da turma: “Parece uma macaca”. Alguns alunos começaram a dizer, olha ai tia o que ele disse, enquanto isso muitos dos estudantes negros baixaram a cabeça, como se o corpo deles sinalizassem que aquela agressão também era com eles. No momento, depois de alguns segundos pausei a atividade, acalmei a turma e iniciei uma outra discussão, sobre o tema.

Em outras ocasiões aprendemos a superar o que está posto pelo ambiente escolar aos alunos, que estigmatizados acabam por aceitarem essa personalidade que seria irreversí-

vel. Nas nossas experiências em sala de aula, conseguimos eu e os alunos algumas vezes superar o determinismo do sistema e transformando as formas de lidar com a aprendizagem.

O ensino superior também desenvolveu relações diferentes, desde grandes aprendizagens, às profundas marcas do racismo científico. Por diversas vezes, os meus estudos, minhas didáticas e os meus conhecimentos eram reduzidos a nada. Segundo Charlot (2000), o saber se constrói através das relações desenvolvidas pelos sujeitos com o mundo, a partir de trocas de experiências, das vivências e das culturas em que fazem parte.

Os caminhos percorridos na docência apesar de considerados curtos, já construíram muitos conhecimentos que agregam a minha formação pessoal e profissional, afinal muito do que aprendi nas relações sociais e na comunicação, foi desenvolvido através da minha prática docente, com meus erros e acertos, com os momentos bons ou ruins.

REFERÊNCIAS

BERNARD Charlot. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artes medicas sul, 2000.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Metodologia Afrodescendente de Pesquisa.** Revista Brasil: UNESP, 2006.

SILVA, S. P. S.; MEDEIROS, J. L.; DELFINO, J.; MATIAS, E. F.; RIBEIRO, R. M. B. A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem. In: VII Fórum Internacional de Pedagogia - FIPED, 2015, Perintins. Anais FIPED 2015, v. 1, p. 01-17.



CAPITULO 10

OLHAR O PASSADO E SEGUIR EM FRENTE: ESCREVIVÊNCIAS E TRAJETÓRIA NO CONJUNTO PALMEIRAS

Emanuela Ferreira Matias

Falar de si não é uma tarefa fácil, a gente sempre se depara com emoções adormecidas que só você sabe e que muitas vezes não quer revisitar. Mas se reconectar com o passado também é uma forma de conectar-se consigo mesmo, se o caminho está parado é um motivo para recomeçar. Assim como o pássaro Sankofa¹ sugere, olhar para o passado e seguir em frente. É o que pretendo com essa autobiografia, é poder seguir em frente e ver um novo jeito de fazer o caminho.

Panelas no chão, esteira de palha, bacia de alumínio, tapioca com peixe, carne do sul, a tripa de porco, o feijão verde, o milho, a batata doce na brasa no fogo de lenha com um café bemquentinho com o cheiro da fumaça ou um bom mingau de carimã, a casa de farinha, são cheiros e gostos e lugares que recordo com muita saudade. É impossível não sentir essas sensações quando paro para escrever sobre as minhas escrevivências.

O cenário que percorrerei nessa autobiografia se seguirá

¹ <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>
acesso:30 de maio das 2021 às 16:00



pelo sertão e pelo mato. Também pelas ruas asfaltadas e caóticas de Fortaleza, bem como também o contraste de uma cidade do ponto de vista da Aldeota da casa das patroas da minha avó Geralda e de onde moramos o Conjunto Palmeiras, cenário principal de onde nasci e me criei e me construí como mulher negra, agente comunitária de saúde, professora, ativista e militante das lutas comunitárias.

O Conjunto Palmeiras para mim é minha morada de alma e de criação. Foi nesse bairro que desde cedo me ensinou o significado da luta que me fez o que eu sou hoje. Juntamente claro com as minhas construções familiares que têm sua ancestralidade na cultura indígena e negra. Somos uma família em que veio de dois territórios do interior do Ceará, Itapipoca e Trairi, em que nesses territórios encontramos povos indígenas como: Os Tremembé² em Trairi e Itarema e Povos quilombolas como: Beija Bode em Trairi, Água Preta, Conceição dos Caetanos em Tururu e Quilombo Nazaré em Itapipoca. Nossos traços étnicos e sobrenome, nos diz de onde viemos e de quem herdamos nossas origens, traços em que me orgulho profundamente.

O cenário dos espaços na comunidade do Conjunto Palmeiras, da igreja, da Associação de Moradores, Banco Palmas e Associação das Mulheres em Movimento. O Cursinho Comunitário Escola Popular Cooperativa - EPC Palmas, a Feira Comunitária, grupo de produção. Os movimentos que participei, as lutas e caminhadas que travamos para as nossas conquistas e por último o Batuque de Mulher, são espaços que trouxeram e traz para mim a conexão com a vida, sem esses espaços minha vida era vazia monótona, sem um completo sentido para con-

2

http://www2.ipece.ce.gov.br/SWAP/swapii/salvuardas/marco_logico_indigenas.pdf

tinuar todos os processos que iniciei até aqui.

Às vezes me pergunto se viveria bem, ou se eu seria quem sou se eu não tivesse passado por todos esses lugares e a resposta que me vem à cabeça é, não, eu não seria a Emanuela Ferreira Matias, a Nela, a Manu, a Nega. Quem eu seria? não sei, mas narrarei exatamente como eu sou por ter passado por esses lugares e movimentos. Está nesses espaços foi e é sobrevivência, é o que me mantém viva para continuar.

A universidade é um espaço de muita felicidade, mas um cenário também de muitas dores, competição por partes de alguns, faltava identificação, um total deslocamento, resisti até o final ao curso de pedagogia e hoje posso me definir como sendo, uma mulher negra, acadêmica, mestra em educação brasileira pela Universidade Federal do Ceará e periférica. Ter passado para esse espaço foi fruto do meu aprendizado engajado nas lutas comunitárias.

Portanto a autobiografia que se pretende aqui nessas linhas será uma leitura de mim da comunidade do Conjunto Palmeiras e das minhas andanças pelo bairro. Peço licença para construir essa escrita as mulheres negras, minhas ancestrais, as mulheres da minha família e mulheres de todo mundo. Essa autobiografia está dividida de onde vieram meus pais, minha infância no Conjunto Palmeiras, a adolescência na Igreja Católica, pastorais sociais e as Comunidades Eclesiais de Bases-CEBs, e o meu envolvimento nos movimentos sociais. Também passa pela minha entrada na universidade até a contemporaneidade.

1 OLHANDO O PASSADO, MINHAS ORIGENS.



Sou filha de pai e mãe descendentes de negros e índios, mesmo sem que tivéssemos consciência deste emaranhado, mais que ao longo da vida fomos sentindo na pele todas as políticas de Estado negadas as populações mais pobres que moram nas periferias da cidade que na sua maioria é negra. Poderíamos considerar como extensões de quilombos, por se concentrar mais de 60% de populações negras de acordo com o IBGE.

Minha família vem da região do litoral oeste, mais precisamente de um povoado chamado Salvador, pertencente ao território de Itapipoca, Ceará. Sempre eu ia lá nas férias quando criança. Não tem como precisar a idade certa desses fatos, mas pelas minhas contas eu tinha em torno de quatro a cinco anos de idade. A lembrança mais forte que tenho era de como o chão era seco e rachado pelo período da estiagem da seca, apesar de ser uma comunidade dentro do litoral oeste do Ceará, os períodos de seca eram muito fortes.

Meus familiares passavam muitas necessidades por lá, tudo era longe e difícil, produtos básicos de higiene, bolacha e pão era só para quem tinha um melhor poder aquisitivo, os donos da terra. Eu e meus irmãos tínhamos que se nos adaptar a comer o que tinha: carne seca com tapioca, cuscuz, feijão com farinha, grolado, feito com massa de tapioca, enfim, era o que aparecesse. Tudo era longe e para comprar mantimentos tínhamos que ir até a cidade de Itapipoca, a 32 quilômetros da comunidade de Salvador. As casas eram todas de taipas, os moradores eram proibidos pelos donos das terras de fazer casas de alvenaria. A maioria dos moradores desse lugar era da mesma família.

Quando chegávamos lá, na casa da minha bisavó, eu e

meus irmãos tínhamos que dar a benção a quase todo mundo, como mandava a tradição. A matriarca, a minha bisavó Maria Ferreira Caetano, a Mãe Caetana, como todos a chamavam, era uma senhora de pele negra e sofrida pelo tempo de sol ardente, ela teve 12 filhos, mas apenas oito sobreviveram. Casou-se duas vezes: a primeira com seu Francisco Teotônio, um homem negro, com quem teve quatro filhos. Os mais velhos da família diziam que era um homem Africano, ele era bem negro. Dois anos depois minha bisavó se casou de novo com o Pai Vicente, era assim que ele era conhecido, meu bisavô era um homem alto de olhos azuis, os outros cinco filhos que minha vó teve com ele eram todos misturados, uns eram brancos de cabelos carapinha, e os outros de pele escura de cabelos lisos e carapinha também.

Minha bisavó tinha um gênio forte, era muito zangada, mas ao mesmo tempo afetuosa com os netos. Lembro bem ela contando história e lendas à noite na beira do fogo enquanto esperávamos a batata doce assar nos restos de brasa do fogão de barro e lenha. Era ela o nosso entretenimento nas noites de céus cheios de estrelas e sem televisão, longe da capital. Sempre acordávamos com ela varrendo o quintal com a vassoura que ela mesma produzia com uma planta do quintal que ela juntava os garranchos. Já era bem idosa, mas não deixava de fazer essa atividade matinal e ficava zangada se bagunçássemos o quintal dela.

Minha bisavó morava nas terras de uma fazendeira, de família de portugueses. Uma das proprietárias se chamava Maria de Lourdes. As terras eram cedidas para as famílias morarem. Minha bisavó tinha um pedacinho de terra onde ela plan-



tava mandioca, milho, feijão e hortaliças. Toda a produção da terra era dividida com a família da Dona Lourdes. Não ganhavam dinheiro pelo trabalho, apenas o excedente da produção da terra. O que sobrava da produção de farinha, milho e verduras era para comer, pegavam em dinheiro quando conseguia vender uma saca de farinha, ou para algum dono de mercearia da região. Minha bisavó trabalhou muito tempo para essa família, meu bisavô também, o Pai Vicente morreu cedo e mais uma vez ela ficou sozinha novamente para cuidar dos filhos e netos. Esse modo de sobreviver é caracterizado ainda como escravidão. As famílias todas produziam em suas terras, mas tinham que dar tudo o que fosse produzido para o patrão.

Em outra localidade próxima de Salvador, Itapipoca, Ceará, moravam meus bisavôs paternos. Em área de assentamento do INCRA, de Várzeas do Mundaú Viera dos Carlos, pertencente ao município de Trairi, Ceará. A divisão entre essas duas localidades, Salvador e Várzeas do Mundaú era o rio. Lembro bem quando criança quando passávamos as férias na localidade de Salvador, tínhamos que passar quinze dias também na casa da avó paterna, a Vó Terezinha, e para chegar até lá tínhamos que andar a pé e depois passar pelo rio, ou a nado, quando tinha inverno, ou de carroça no período de estiagem. Mas nem sempre as terras da minha avó foram de assentamento.

Meus avôs paternos também por muito tempo não eram donos da terra. Todas as famílias que moravam em Várzeas do Mundaú trabalhavam para a família do Seu João Farias, ele também era português e arrendava as terras. Meus avôs sempre moraram nestas terras. Também, assim como a minha bisavó, Mãe Caetana, tudo que eles produziam na terra era dos

patrões, eles só ficavam com uma parte da produção, seja de milho, feijão, mandioca, farinha ou goma. As criações, fosse de carneiro, vaca, ou aves, eram divididas com os donos das terras, eles não ganhavam dinheiro, só tinham as terras.

O pouco dinheiro que aparecia era se eles conseguissem vender também na feira de Itapipoca ou de Trairi. Várzea do Mundaú está mais perto do distrito de Itapipoca, a 37 km, enquanto Trairi fica a 47 km. Portanto, mesmo a localidade sendo de Trairi, tudo se resolvia no centro de Itapipoca. Minha matriarca paterna, Terezinha, era uma mulher forte, valente e de luta, ela era a responsável pela criação dos 12 filhos que teve com meu avô. O Vô Antônio sempre saía, estava sempre a procurar outros trabalhos fora da comunidade.

Meu avô era homem sereno, de um coração enorme, um homem bem negro, mas muito parecido com um indígena. Certa vez ele contou que fugira da tribo, ele brincava com nossa imaginação. Ele contava muitas histórias, que não sei ao certo se eram coisas da imaginação dele ou se de fato ocorreu.

Das muitas histórias de criança tenho lembrança muito viva sobre ele contando de ter servido ao exército e de quase ter ido para a guerra, já estava em alto mar, embarcado com outros soldados quando tiveram a notícia que a guerra tinha acabado e voltou de novo para o Ceará. Tal fato, pelos dados históricos ocorreu em 1945, após o Brasil entrar na guerra quando Getúlio Vargas se aliou aos Estados Unidos em 1939.

O Vô Antônio também contava lendas do interior. No quintal das terras dele passava um rio, ele não queria que nem eu, nem meus irmãos, primos e primas descêssemos sozinhos para o rio, por isso contava histórias sobre a Mãe d'água, da



cobra que engolia criança e assim ficávamos muito assustados, mas na verdade, isso nunca impediu da gente tomar banho no rio. Meu avô Antônio tinha o costume de dar a cada neto um de seus animais, uma cabra, galinha, peru ou capote. Ele cuidava desses animais como se estivesse cuidando de um neto. “Olha ali menino, traz a cabra do fulano pra cá”, e recomendava a minha vó Teresinha que não era para matar os bichos. Ele dizia: “Ei está vendo essa galinha? É do meu neto Fulano, não é para matar, estou cuidando para ele”. Meu avô foi vítima do Glaucoma muito cedo, aos 77 anos cegou completamente.

As famílias Farias e Maria de Lourdes e mais outras eram donas das terras da região de Várzea do Mundaú e Salvador. Essas famílias concediam as terras para as famílias morarem, mas com a condição que metade do que fosse produzido na terra fosse delas, que eram donas das terras. Algumas vezes mais da metade. Essa prática de arrendamento era prática comum aqui no Ceará com os negros e negras, que permaneceu mesmo após Abolição no Ceará, ocorrida em 1884. Mesmo com o fim da escravidão, a consciência escravocrata continuou, mas agora no regime de servidão, conforme explica Sobrinho (2015).

Com a morte dos proprietários da terra, as famílias permaneceram com suas vidas normais. Passaram alguns anos até aparecerem pessoas dizendo ter direitos sobre as terras que eles moravam, o que gerou um grande problema para aquela comunidade. Como eles iam sair dali se toda a vida deles sempre foi lá? Os homens que se diziam da família do Seu Farias, o fazendeiro dono das terras que minha avó e avô moravam queriam a desapropriação imediata das casas.

Foi quando se organizou um grande movimento de luta

na comunidade de Várzea do Mundaú pelo direito às terras. Em 1981 iniciou-se as lutas, minha avó Terezinha foi uma das lideranças que ajudou a resistir na frente contra os homens que diziam representar a família Farias. Nesse movimento pelas terras houve mortes, o que deixou a pequena comunidade com medo, pois o perigo de morte era iminente, pois se eles tiveram coragem de matar uma família inteira seriam capazes de muito mais. Essas eram falas das pessoas da época, de acordo com os relatos do meu pai, Manoel Leocádio. Eles resistiram e com a mediação do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), as famílias puderam ficar com a terra onde moram até hoje, desde 1984.

O mesmo não aconteceu com a minha família materna que morava em Salvador, Itapipoca. Os herdeiros estavam bem-organizados com documentos, e com as mortes que aconteceram muitas famílias vieram embora, com medo de morrer, medo de pistolagem. Mas eles conseguiram resistir por mais tempo, era uma comunidade menor e não tinha a mesma organização que houve em Várzea do Mundaú.

A minha família materna saiu das terras, uma das filhas mais velha da minha bisavó mãe Caetana, a Tia Maria Caetana, desceu rumo ao Trairi, Tia Luzia, filha da tia Maria havia casado e ido morar no Trairi e falou de como o lugar era bem melhor para sobreviver. As minhas famílias vieram para o Trairi, compraram terrenos com apoio do INCRA. Minha bisavó também regressou para o Trairi, tinha 80 anos na época. A vó Geralda junto com minha tia Luiza, compraram um pedaço de terra no Trairi. Tanto a Vó Geralda como a Tia Luiza e Tia Francisca, foram umas das primeiras filhas a virem a Fortaleza para tra-



balhar em casa de família, sendo que Tia Francisca regressaria para Pirassununga-São Paulo. Todas elas mandavam dinheiro para a Mãe Caetana.

Elas saíram muito cedo de perto da mãe para trabalhar entre nove e dez anos, eram levadas pelos donos de fazenda para trabalhar na casa deles, pela comida e por pouquíssimo dinheiro. Elas iam, inclusive, sem registro de nascimento, os patrões eram quem registravam elas. Por isso, pode ser que a idade delas seja até maior ou menor do que a que tem no registro de nascimento, da minha vó, da tia Luiza e das outras que vieram para Fortaleza sem o registro de nascimento.

Minha avó Geralda veio trabalhar na capital cedo, em casa de família, às vezes era só pela comida, pois não recebia dinheiro. Mas logo arrumou um trabalho que a remunerasse com salário. Essa nova patroa que a contratou, Dona Teresa, pagava um salário a minha avó, mas ela só ia para o interior de quinze em quinze dias. O marido dela era engenheiro e trabalhava para prefeitura de Fortaleza, ficou sabendo das famílias que estavam sendo removidas para o Conjunto Palmeiras e da venda de terrenos mais baratos para pessoas que não tinham casas. Eles, então, levaram minha avó até o Conjunto Palmeiras, compraram o terreno para ela pagar a eles parceladamente. Em 1978, minha avó Geralda chega ao Conjunto Palmeiras, a casa ficava na quadra 3, lote 2, rua Oscarito, número 230. A primeira construção da nossa casa foi feita de lona que a Fundação Habitacional dava, depois foi de taipa e em seguida de alvenaria.

Minha mãe, seguindo os caminhos da minha avó, saiu do interior aos quatorze anos para trabalhar em casa de família.

No início também trabalhava somente pela comida, mas podia estudar. Mas logo uma das suas primas que tinham vindo na frente arrumou outro emprego para ela, agora numa clínica, entregando café. Na época que minha avó ainda não tinha a casa minha mãe morava junto com a prima Teresa, elas dividiam o aluguel com o que recebiam. Só depois veio morar na casa da Vó Geralda, no Conjunto Palmeiras, em 1980.

Minha mãe conhecia meu pai do interior, ele era vaqueiro, trabalhava para o Seu Farias, donos da terra da Vó Tereziinha. Mas só começaram a namorar aqui em Fortaleza. Meu pai quando chegou a Fortaleza começou a trabalhar como trocador na empresa de ônibus Cruzeiro e morava junto com outras pessoas em uma casa alugada pela empresa para os trabalhadores que eram do interior e não tinham casa em Fortaleza.

Meus pais namoraram por dois anos. Logo se casaram e minha avó Geralda cedeu a casa do Conjunto Palmeiras para eles morarem, já que ela só tinha folga de quinze em quinze dias. Em 1982, já no Conjunto Palmeiras, receberam as bênçãos matrimoniais na Igreja de São Francisco, foram casados pela benção dos Padres Eduardo Gowing e Jacó Duggon, primeiros padres do Conjunto Palmeiras. Estes eram redentoristas, que contribuíram muito para as primeiras lutas e conquistas do bairro.

Esses foram os passos dos meus familiares até o Conjunto Palmeiras, caminhos que me trouxeram para onde estou. Vivenciamos de perto todas as lutas e conquistas protagonizadas pelo povo da comunidade do Conjunto Palmeiras. Comunidade que se formou por moradores que saíram do Praia de Iracema, Poço da Draga, Favela Verdes Mares, Morro das Placas, Favela



Moura Brasil. Essas famílias tiveram que sair de suas casas para dar espaços a obras de infraestrutura e ampliação da cidade de Fortaleza na década de 1970 que se desenhava para o turismo.

O período de muito endurecimento dos governos, período de ditadura militar. Sem diálogo decidiram jogar os mais pobres para longe do centro, jogaram para a periferia da cidade sem nenhuma infraestrutura no bairro. Motivo esse que fez os moradores se unirem e protagonizarem a luta pela organização do bairro. O povo organizou e habitou o que era inabitável, Deus criou o mundo e nós construímos o Conjunto Palmeiras, palavras de um banner na Associação dos moradores do Conjunto Palmeiras, que expressava a nossa luta.

Nossa casa ficava perto de um dos chafarizes que ficava na Rua Maisa, que era a fonte de água mais pura. Essa memória é de 1989, eu tinha quatro anos de idade. Ainda não tínhamos água encanada em nossas casas. As filas eram grandes nos chafarizes. Tínhamos entorno de um seis chafariz e uma lavanderia pública. Os poços artesanais cavados nos quintais “as cacimbas” eram alternativas dos moradores para enfrentar a falta de água. Íamos pegar água no quintal dos vizinhos, na minha casa também tinha um cacimbão, mas a água não era boa para beber, era **salobra**³, tinha gosto de sal. Alternativa para muitas mulheres da comunidade que não queria enfrentar a fila da lavanderia pública era descer para lavar no Rio Cocó, suas águas não eram tão poluídas como é agora.

Para as mulheres era um fardo descer até o rio com roupas, comida fogareiro, pois levavam coisas para passar quase o

3 Água com salinidade superior a 0,5 partes por mil e inferior a 30 partes por mil. Tem aparência turva e possui grande quantidade de substâncias dissolvidas. É encontrada facilmente em regiões de mangue, e não pode ser consumida pelo ser humano. Fonte: <https://cetesb.sp.gov.br/blog/2017/03/20/conheca-os-diferentes-tipos-de-agua/> acesso em: 22/06/202.

dia na beira do rio lavando roupa. O que era um peso para as mulheres e para as crianças, era uma diversão, um dia de lazer. A luta pela água começou cedo. Foram necessárias muitas reivindicações. Ter água saindo das torneiras hoje parece algo simples para os moradores mais recentes. Porém, foi preciso acontecer muitas manifestações e protestos na CAGECE.

Lembro que minha mãe participava das reuniões que acontecia para que tivéssemos água encanada no bairro, sempre a convite de Dona Marinete Brito⁴. As reuniões eram feitas na rua, em frente às casas dos moradores. Eu sempre ia com ela. Nessa época não tínhamos nem água, nem esgoto e nem o canal de drenagem do bairro para escoar a água da chuva. Todas essas situações para mim na época junto com as outras crianças, meus amigos de infância, eram sentidos diferentes de como é para os adultos, as lagoas que ainda existiam, os córregos que depois se tornaram grandes canais de drenagem do bairro eram nossos espaços de lazer, em meio ao nada. Buscar água no chafariz, ir à casa do vizinho pegar água no cacimbão também tinha muita diversão.

Havia uma relação de muito comunitarismo, divisão de alimentos, na comunidade quando se percebia que uma família não tinha o que comer, logo eram oferecidos mantimentos, ou então saímos pedindo aos vizinhos uma xícara de açúcar, um pouco de sal. Tudo era pedido e compartilhado. As idas na bodega do seu Raimundo, também traz lembrança, quando podíamos comprar tudo a retalho, como manteiga, óleo, ovos e tudo era enrolado em papel Kraft⁵, não tínhamos sacolas de

⁴ Uma das primeiras presidentes da Associação dos Moradores que foi fundada em 1981. A primeira sede foi em sua casa. O terreno em que hoje está o prédio foi doação de seu esposo.

⁵ O papel kraft é um tipo de papel fabricado com fibras de celulose curtas e longas e é caracterizado por não passar pelo processo de branqueamento, fazendo com que o papel mantenha a cor original de madeira. Fonte: <https://www.futuraexpress.com.br/blog/o-que-e-papel-kraft>. Acesso: 26/05/2021.



plástico como se tem hoje, que inclusive polui o meio ambiente

As atividades culturais do bairro também fazem parte da minha vida e do meu cotidiano, não poderia deixar de falar do bairro sem falar nelas. O Bumba meu boi é uma das mais presentes na minha memória. Sempre tive interesse por esse lado cultural, apesar da timidez eu tinha muita vontade de participar, mas ficava só olhando a toada das danças e as cantorias dava para escutar da minha casa.

As apresentações aconteciam na minha rua oscarito, a maneira de dançar, as roupas dos brincantes, o boi, nunca saíram das minhas lembranças. É possível visualizar as cenas quando fecho os olhos. Era encantador a maneira como Loh puxava a brincava, animando a comunidade na frente da casa da dona Eunice. Os dois, Dona Eunice e Loh, organizavam o Bumba meu boi no bairro, eles contagiavam as ruas com o teatro e as danças do Bumba meu boi. Essas manifestações culturais foram uma das primeiras do bairro. O Loh foi também um dos primeiros pais de santo na comunidade, tinha um terreiro que era muito frequentado na comunidade.

O Mercado Público foi outro espaço importante. Teve sua construção iniciada ainda na década de 1982. O mercado era um espaço de comercialização das mais diversas especiarias, como temperos, ervas e plantas medicinais, peixes, carnes, frios, artesanatos regionais, como colheres de pau, panela de barro e roupas.

Ao redor do mercado tinha uma praça com vários bancos para sentar-se e logo à frente do mercado ficava o ponto final dos ônibus. Era um lugar que os ônibus paravam para desembarcar os passageiros. A praça do mercado era um espaço bem

disputado pelos casais de namorados. Também era espaço de sociabilidade dos jovens que jogavam a capoeira angola, que marcaram a história do Conjunto Palmeiras com as históricas quintas-feiras da capoeira, que aconteciam em frente ao mercado.

A capoeira angola era uma das formas de expressão cultural negra muito forte, que reunia muita gente do bairro em frente ao mercado para ver os meninos jogar capoeira. O grupo surgiu com a criação do Centro Social Urbano (CSU) em 1978. Nasceu com a resistência, recebendo o nome de Capoeira, Quilombo dos Palmares, nome dado pelo Mestre João Baiano.

O CSU era outro espaço público necessário no Conjunto Palmeiras. A sua criação trouxe muitas atividades para a comunidade, como cursos e treinamento para inserção no mercado de trabalho. Era o único espaço de lazer da comunidade. Suas quadras esportivas ficavam disponíveis para comunidade. Oferecia lanche para quem participava das atividades. Como a comunidade era muito carente, era sempre lotado de crianças, adolescentes e jovens.

Era também no CSU que aconteciam os festivais de quadrilha junina. Esses festivais eram organizados pelos jovens da comunidade. Nas minhas contas no Palmeiras tinha umas três quadrilhas juninas, Pé Rachado, Estrela do Sertão e Meu Sertão. Essas quadrilhas disputavam entre si, mas de forma muito saudável. Eu desde criança, adorava o período junino para ver o festival de quadrilha no CSU.

Essas memórias permanecem vivas. As cacimbas, os chafarizes, a lavanderia pública, o mercado, o Centro de Cidadania, as ruas, as valas, tudo são partes desses desdobramentos



das minhas construções. Poder perceber que o povo do Conjunto Palmeiras, tornou esse um lugar que era pantanoso, cheios de mato e lagoas, chão de piçarra, em umas das periferias mais conhecidas pelo protagonismo do seu povo na luta pela sua infraestrutura e pelo seu movimento social popular organizado, onde criaram até um banco Popular, o banco palmas⁶, que tem sua própria moeda, *O Palmas*, me deixa muito realizada por ter feito parte e de ter vivido momentos históricos na memória do bairro. A seguir citarei a minha infância entre laços familiares e como me descobri uma criança negra e os significados que trouxe para minha caminhada.

2 GRITARAM-ME NEGRA! DE MINHA INFÂNCIA À JUVENTUDE.

Foi na minha infância e nos conflitos escolares que escutei que sou negra, e da forma mais negativa que uma criança pôde ouvir. Eu sempre ouvi ao invés do meu nome, apelidos como nêga, nêguinha do Pajeú, nêga do óleo. Meu nome era facilmente trocado por moreninha, aquela neguinha de forma pejorativa por uns e carinhosa por parte dos meus pais.

Desde cedo aprendi a conviver com o que os meus professores chamavam de “brincacadeirinhas de criança”, mas que me deixavam profundamente indignada. Na escola sempre tive de conviver com todos esses apelidos citados acima, mas tinha um que me incomodava profundamente, o de ser chamada de macumbeira por sempre ouvir que seus praticantes eram bruxos e praticavam o mal.

6 <https://www.institutobancopalmas.org>.

Com isso, sempre me sentia acuada e envergonhada na sala de aula em participar de qualquer atividade para não chamar atenção dos colegas e não ouvir esses apelidos. Tudo isso prejudicou muito a minha trajetória escolar, pois não pude ser participativa na escola, me sentia feia e ficava em pânico só com a possibilidade de participar de atividades que envolvessem o público. Desejei muito ter me integrado aos grupos que se formavam na escola como o teatro, grupo de danças folclóricas e festas juninas. Mas fui travada por essas brincadeiras que hoje compreendo como fruto do racismo antinegro.

As memórias da minha infância, de quando tinha quatro anos, é exatamente quando iniciei minha vida escolar. Sempre tive um perfil de menina tímida e algumas vezes o meu jeito para algumas professoras parecia atrevida, porque eu era respondona na sala de aula. Sempre notei na escola a preferência dos professores por alguns alunos e sempre era pelos alunos aparentemente mais bonitos, penteados. Minha mãe sempre prezou que eu e meus irmãos fôssemos bem-vestidos, penteados e cheirosos para escola, justamente para não haver comentários de que éramos fedidos. Mesmo assim não garantia a atenção amorosa da professora. Sempre percebia uma atenção amorosa dos professores a alguns alunos e alunas branquinhos, loirinhos, crianças com aparência negra e muito pobre, eu não percebia o mesmo tratamento.

Quando eu estava com seis anos e cursando a alfabetização tive uma professora, que por causa dela fui motivo de chacota na sala de aula. Ela sempre protegia uma aluna que era a mais bonita em sala de aula, o rosto dela parecia de uma boneca, seus cabelos eram lisos e bem pretinhos e sua cor branca.



Ela era sempre bajulada, era a mais comportada, a mais inteligente. Certo dia na aula a menina levantou para ir ao banheiro e sem querer pisei no pé dela, ela chorou e disse que eu fiz de propósito, e por mais que eu dissesse que foi sem querer, a professora não acreditava em mim e não me deixou ir ao banheiro.

Voltei para minha cadeira e fiquei respondendo a professora, dizendo que tinha sido sem querer, ela pediu que eu me calasse, mas eu repetia, “foi sem querer tia”. Naquele momento meu lápis caiu no chão e tive que dar as costas a ela para apanhar meu lápis, ela achou aquela minha atitude desrespeitosa e disse que dar as costas enquanto uma pessoa está falando é falta de educação. E pela segunda vez, no mesmo momento, ela não acreditou em mim e disse que eu era uma menina mal-educada e que eu a tinha desrespeitado.

O resultado dessa história é que minha mãe foi chamada na escola e na frente da turma, brigou comigo e todos os alunos, inclusive a menina “vítima”, ficaram rindo de mim por muitos dias. A professora, nem sabe o quanto isso doeu em mim, porque em nenhum dos atos tive intenção, mas fui mal interpretada por me defender respondendo-a e por ter mexido com a aluna querida. “Assim podemos supor eu, na relação professor/aluno, as crianças brancas recebem mais oportunidades de se sentirem aceitas e queridas do que as demais” (CAVELEIRO, 2015, p.73).

Quando estava na segunda série eu já tinha sete anos e mais uma vez a professora repetia a mesma coisa. Estávamos aprendendo a escrever e ler com fluência, e a professora também não dava muita atenção para as crianças negras, meu nervosismo com ela era tão grande que eu lia gaguejando e

ela sempre dizia que eu tinha o rendimento baixo, e sempre nos comparava com as crianças brancas dizendo: “Olha como ela sabe! Muito bem, você é inteligente!”. Enquanto comigo e outras crianças, ela dizia: “Vocês aprendam, vocês dão muito trabalho”.

Lembro que na festinha de São João eu queria muito participar, mas não tinha par para dançar comigo, porque essa mesma professora, já tinha um par para cada criança e ela mesma que escolhia os pares, e para mim ela não achou um par, porque na visão dela, eu não combinava com ninguém. Fiquei desapontada porque estava de fora, minha mãe fez um vestido lindo para mim de São João, mas eu não participei da quadrilha junina da classe, porque eu não combinei com ninguém. O quanto isso me frustrou! Foi muito difícil, pois fui tão linda nesse dia para escola com meu vestido de chita e fiquei só olhando meus colegas dançarem a quadrilha junina da sala.

Sempre alimentei a vontade de dançar quadrilha junina, mas nunca realizei esse sonho até hoje. Com isso fiquei mais tímida em sala e não conseguia ter uma boa desenvoltura nas aulas, eu era medrosa, tímida, retraída, me sentia feia e não era só eu que me sentia assim, mas outras crianças também, e era dessas crianças que eu me aproximava para se sentir incluída.

Era um paradoxo se sentir incluída no meio das crianças excluídas. Já na terceira série, com sete anos conheci uma professora. Ela tratava os alunos de maneira diferente, lembro que nos recebia em sala com um beijo e um cheiro, sem distinção, e me senti mais solta na sala de aula. Ela nos incentivava a ler e escrever de forma diferente. Nesse período o bairro estava se organizando em torno do esgoto e do canal de drenagem



e minha mãe me levava para essas reuniões. Ouvia muito na igreja quando ia com minha mãe sobre as lutas do bairro e a professora, a fim de nos incentivar a escrever, pediu que nós fizéssemos uma redação sobre o que achávamos do bairro. E nessa redação, diferente das outras crianças, eu comecei a falar sobre os problemas do bairro e o quanto precisávamos nos unir para conquistar e melhorá-lo.

Quando a professora leu minha redação, perguntou de onde eu tinha tirado tudo aquilo, respondi: “Ouvi na Igreja Católica”. Ela pegou meu texto e levou para a diretora, mostrou para outras professoras e pela primeira vez eu me senti vista, porque tinha feito uma redação sobre o bairro. Com isso ganhei novo ânimo e a menina tímida tomava orgulho de si mesma e passava a ganhar confiança em sala de aula e com os professores, a ser mais participante.

Na quarta série meu rendimento cai mais uma vez. Eu tinha em torno de nove anos, mais uma vez me frustrava, porque não conseguia aprender matemática e fui reprovada, mas havia também por trás dessa reprovação algo a mais. Na avaliação da professora constava que eu não fazia as tarefas e se negava a participar das avaliações orais e no quadro. Tudo porque tinha uma aluna que sempre implicava comigo, ela sempre me chamava de macumbeira, sempre buscava me diminuir por causa do meu cabelo e da forma que eu me vestia. Nós duas sempre brigávamos em sala de aula e a professora não falava nada.

Eu sempre era alvo de chacota por causa dela e quando tinha avaliação oral, ou era para responder alguma questão no quadro, eu me negava porque ela fazia todos rirem de mim, ao me chamarem de macumbeira, “boneca do Satanás” ou gali-

inha preta de macumba”, porque eu era preta e meu cabelo era armado. A professora não fazia nenhuma intervenção, só colocava o ponto negativo. Isso era um grande impedimento para eu não avançar na matéria. Fui reprovada, mas o lado bom da reprovação é que não tinha mais que conviver com ela nas séries seguintes.

A contraponto e aceitação da minha cor se dá quando começo a me envolver com as atividades da igreja católica e com os movimentos sociais, que discutiam o tema das questões raciais e indígenas em rodas comunitárias. A participação na igreja como catequista e a participação nas formações das Comunidades Eclesiais de Base- CEB's⁷ e pastorais sociais. me possibilita uma nova desenvoltura em sala de aula e uma participação mais engajada com os olhos voltados para a participação na comunidade.

Dos meus doze anos até os quinze segui assim, com mais segurança, sem tanta timidez em sala e nas atividades que aconteciam na Escola Helenilce Cavalcante Leite Martin. Aos quinze anos fui estudar em Messejana, no Liceu, porque não tinha escola de ensino médio suficiente no bairro. No Liceu, participei da organização das eleições do grêmio, mas não ganhamos.

3 DA IGREJA AO ENGAJAMENTO NA VIDA COMUNITÁRIA

Como falava antes, a Igreja Católica, a participação na

⁷ As comunidades eclesiais de base (CEBs) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativas de leigos, padres ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960 [...]. De natureza religiosa e caráter pastoral, as CEBs podem ter dez, vinte ou cinquenta membros. Nas paróquias de periferia, as comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos ou formar um único grupo a que se dá o nome de comunidade eclesial de base (BETTO, 1981, p. 16).



igreja, foi decisiva para o meu engajamento na comunidade. O bairro Conjunto Palmeiras está ligado à minha identidade. Entre os meus sete anos comecei a fazer o catecismo com uma moça chamada Edinuzia Sales, uma jovem que todos os sábados pela manhã vinha me buscar em casa para levar para o catecismo. Eu ainda não tinha muita noção do que eu estava fazendo, mas gostava de todos os sábados acordar cedo e ir para igreja católica. Achava bonito de ver pela janela a palhoça e lá está o pessoal das Comunidades Eclesiais de Bases, fazendo as reuniões, discutindo assuntos da comunidade, de lá eu via o Wayne Tiago, a Bete Silva, o Padre Chico Seu Emanuel Evangelista, Augusto Barro, liderança comunitária, e ficava admirada em vê-los.

A palhoça do Conjunto Palmeiras era no formato de uma oca indígena, foi pensada nesse formato em homenagem à nossa grande influência indígena no estado do Ceará. E pelo fato de a comunidade ter uma moradora que oficialmente era reconhecida como índia, a Ipiquanuchuna, ela veio morar no conjunto Palmeiras, a origem dela de acordo com informações coletadas, ela era do Pará, veio para Fortaleza viver em áreas de ocupações até ser remanejada para o Conjunto Palmeiras. As comunidades do grande Jangurussu vinham de diferentes lugares para a área pastoral do Conjunto Palmeiras, para celebrar e discutir os problemas sociais da comunidade.

Pe Chico Moser era um grande entusiasta das comunidades, ele trabalhou na comunidade por cerca de 17 anos. Foi um padre que teve uma grande relevância para luta e organização comunitária do Conjunto Palmeiras. Infelizmente em 2004, Padre Chico Moser e Padre Luís foram embora do Bairro Conjun-

to Palmeiras, para o Timor Leste, no Sudeste asiático.

Com a saída dos Padres Chico e Luís, a congregação religiosa dos Josefinos, São Leonardo Murialdo, passa a coordenar a comunidade, tendo outra postura e não mais se envolvendo tanto na organização comunitária do bairro. Após a saída dos Padres iniciamos a organização de um grupo de Jovens, a intenção da criação do grupo era se inspirar no grupo de jovens que havia no início da criação do Conjunto Palmeiras, o Jucrispa, em que os jovens eram ativos nas lutas do bairro. Em 2005 criamos o grupo de Jovens “Semeadores da Paz”, no qual fui a primeira coordenadora. O grupo, tinha na época a orientação dos seminaristas Ricardo e Auricélio. Eu fui muito feliz nessa época.

O interesse pela organização do bairro só aumentava e isso me acompanhava na escola. A relação com a igreja e os movimentos sociais me fez querer entrar para a vida religiosa, para Congregação Servas de Jesus Cristo. Aos dezoito anos fiz a experiência de entrar para uma congregação, elas eram dissidentes da Congregação das filhas de Santa Tereza. Elas se intitulavam Servas de Jesus Cristo, Mas não deu certo, porque a vida reclusa não era bem o que eu esperava, percebia à medida que o tempo passava que não tinha vocação, ainda passei um ano morando com elas.

Quando desejei a vida religiosa me espelhava nos religiosos revolucionários da história da Igreja, como Frei Tito de Alencar e outros(as). Nesse período abandonei a vida comunitária por um ano. Terminei com o namorado, larguei os planos de entrar na faculdade e na coordenação da pastoral da juventude e fui viver aspirando a vida religiosa. Mas logo desisti, por-



que eu queria participar das coisas da comunidade, das lutas.

Mas era início do governo Lula, 2003 para 2004 e havia muitas oportunidades de cursos e possibilidades de entrar numa faculdade e eu não poderia participar, pelos menos até chegar ao noviciado, período de aprendizagem e de provação a quem se submete a ordem religiosa, levaria uns seis anos. Portanto, decidi sair para estudar e dedicar-me à vida nas atividades da comunidade. Ao retornar do convento, escuto a notícia que a Associação dos Moradores e o Banco Palmas estavam oferecendo cursos e capacitação para o trabalho. Fui aprovada na seleção e passei desde então a militar e trabalhar com projetos sociais na ASMOCONP/ Banco Palmas.

Ressalto que foi na caminha junto com as pastorais da igreja, que passei a ter uma visão ampliada de mim mesma e, da comunidade e dos acontecimentos políticos do Brasil na época. A tomada de consciência sobre minha identidade negra, veio a partir da convivência e participação dos espaços criados por Padre Chico Mouser, na comunidade através das mesas redondas que oportunizava cursos bíblicos, rodas de conversas sobre vários temas na comunidade, discussões de temas políticos que na maioria das vezes envolvia a escola.

4 MILITÂNCIA, TRABALHO E VIVÊNCIAS NA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO CONJUNTO PALMEIRAS/BANCO PALMAS.

Sempre vi a Associação de Moradores e o Banco Palmas, como um espaço diferente, um lugar histórico e importante, como minha mãe era sócia de lá como a maioria dos morado-

res, sempre estava lá para uma reunião ou outra. Admirava a estrutura, o jeito que as pessoas falavam eu ainda não entendia muito bem, mas ficava atenta. A minha memória me traz flashes de momentos em que eu estive no espaço ainda quando era criança. Um deles foi num jantar beneficente e outro em uma atividade da escola que eu estudava, a escola Helenilce Martins, em que todas as crianças da minha série foram levadas para a associação para assistir uma peça de teatro, que falava sobre a doenças.

O salão da Associação de Moradores tem formato de um Teatro com um palco e camarim. O nome da Cia de Teatro da comunidade era Flores do Lixo. Já na adolescência, ao ouvir um carro de som passando na comunidade, anunciando o PLIS - Plano Local de Desenvolvimento Estratégico, corri e fui participar da atividade que acontecia na escola Marieta Cals. Esse encontro tinha como objetivo organizar projetos de desenvolvimento para o Conjunto Palmeiras. Reuniu muita gente, lá elaboramos um documento que foi para as mãos das autoridades políticas do município de Fortaleza.

No início de 2004, a Associação dos Moradores abriu inscrição para uma capacitação de jovens para o primeiro emprego. Já estava com 18 anos e nunca tinha trabalhado em nem um emprego formal, as várias tentativas nas buscas de estágios nunca deram certo. Vi essa oportunidade como única. A seleção aberta pela ASMOCNP era apenas para 30 jovens e se inscreveram cerca de 600 jovens da comunidade. Havia muitos jovens, era quase impossível passar. A seleção oferecia um curso de 6 meses, com uma bolsa de 100,00. Naquela época era muito dinheiro para quem não tinha nada.



Fiz a seleção e para minha surpresa, passei. Comecei esse curso e fui cada vez me aprofundando nos conhecimentos sobre a comunidade. De repente estava no lugar que eu sempre desejei desde criança. Em 2005, ao ingressar na Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras, ASMONCONP /Banco Palmas através do curso de comunicação popular, fui ampliando cada vez mais a minha consciência política.

O Projeto Jovens Diferentes (2005), foi importantíssimo para o meu engajamento. Os sujeitos envolvidos eram jovens deficientes, negros, homossexuais e indígenas. Em um dos ciclos de palestras foram tratadas as temáticas das questões raciais pelas professoras Joelma Gentil e Zelma Madeira, essa participação me fez entender a necessidade de lutarmos por políticas públicas, que garantem direitos a população negra e o quanto seria necessário lutar contra as opressões para a conquista de direitos raciais e igualitários.

Em 2005 passei a trabalhar na Associação de Moradores com vários projetos, como a Palma Natus, Projeto Feira Solidária, Bairro Escola de Trabalho, Projeto Escola Popular Cooperativa do Palmeiras- EPC Palmas. Sobre este último não somente atuei trabalhando, mas também como participante. De 2007 a 2009 me dediquei ao projeto EPC – Palmas.

O cursinho comunitário - Escola Popular Cooperativa-EPCPALMAS era parte das minhas aspirações de vida, era um desejo meu realizar um projeto como esse, quando Joaquim e Sandra Vieram com a proposta do Cursinho Comunitário, eu topei na hora. Na época fazia um cursinho particular na Antiga escola Evolutivo, tinha 50% de desconto na mensalidade do Cursinho. Quando veio a proposta de organizarmos eu larguei

as aulas no Colégio Evolutivo e fui me dedicar ao EPC- Palmas.

O Projeto funcionou de 2007 a 2009, foi uma experiência maravilhosa na minha vida, tivemos muitos êxitos, muitos jovens entraram para universidade, outros desistiram, mais a satisfação daquela organização me trazia bem-estar e uma realização pessoal plena. Eu só passei na universidade em 2011, mas esse resultado foi fruto desses estudos que realizamos de forma comunitária na comunidade. O Projeto EPC- Palmas, inclusive, me rendeu um prêmio de reconhecimento aos serviços prestados à comunidade.

Recebi o prêmio de 1.000,00 reais em dinheiro e uma placa de honraria. Esse prêmio foi concedido a mais nove pessoas que se doaram a serviço do Conjunto Palmeiras. Entre os escolhidos estava Seu Augusto Barros, Marinete Brito, Padre Chico Mouse, Iziane Silvestre, Seu Manoel, Lindalva, Sandra Magalhães e a professora Socorro Serpa, primeira professora do Conjunto Palmeiras. Esse prêmio foi uma articulação entre o Banco Palmas junto à Fundação Fenômeno⁸, os ganhadores foram escolhidos em assembleia popular.

A saída da Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras/banco Palmas não me afastou da militância, continuei por muito tempo colaborando com o Banco Palmas, ajudei a organizar eventos e acabei indo representar o banco Palmas na Alemanha. O trabalho no Banco Palmas não era apenas um trabalho em busca de remuneração, tinha um pulsar diferente. Ter passado por esse lugar me proporcionou sentir-se realizada, por estar contribuindo com algo tão grandioso e valioso para nosso bairro. Pessoas como Joaquim Melo, Sandra Magalhães, Marinete Brito, Socorro Cardoso e outros foram impor-

⁸ <https://fenomenos.org/>



tantes para a minha caminhada.

5 DA VIDA COMUNITÁRIA A UNIVERSIDADE

Em 2011.2 passei no vestibular e ingressei na Universidade Estadual do Ceará no curso de Pedagogia. Quando entrei na universidade eu já sabia o que eu queria pesquisar e qual seria o meu lócus, no caso o Conjunto Palmeiras. Já percebia desde quando trabalhava no Banco Palmas a pouca visibilidade dada às questões raciais no bairro. O Banco Palmas sempre trabalhou com a população pobre do bairro, mas não fazia um recorte de raça nesse atendimento. Essa população atendida pelo banco palmas, tinha cor e estava também concentrada nas subperiferias do Conjunto Palmeiras. O fato de sermos um bairro que foi constituído de pessoas que vieram da praia, que foram jogados à própria sorte às margens da cidade, no Conjunto Palmeiras, já define a que grupo e classe estamos falando.

Numa sociedade estruturalmente racista, o pobre, o negro tem que ser escondido, é como uma mazela social para os abastados da sociedade. Nessa perspectiva procurei buscar atividades na universidade que me aproximasse de leituras dentro desse viés racial. Para ser aluna da Universidade Estadual do Ceará (UECE) tem que ter um espírito disposto para as lutas. Nossa educação é a pasta mais atacada em todos os governos, seja a nível estadual ou federal.

Como aluna e já uma militante foi inevitável não se integrar nas lutas da universidade, não tinha como se omitir às lutas dos professores que era a nossa própria luta. A participação no Centro Acadêmico trouxe para mim outra perspectiva de

organização das lutas estudantis. Integrei para a gestão “Pedagogia de Luta” do curso de Pedagogia. Durante a nossa gestão foram aprofundados vários debates em sala e nos corredores da universidade. Rodas de conversas sobre a precarização da educação, racismo e a luta feminista, sobretudo, a luta por uma educação de qualidade.

Nesse percurso organizamos dois eventos muito importantes, o Encontro Estadual de Estudantes de Pedagogia (EEEP) e a Semana de Educação. Atuar no centro acadêmico (CA) tirava de mim a visão que a militância no movimento estudantil estava associada à bebedeira, à baderna, como o senso comum conservador vem atacando. Trabalhamos para que o curso pudesse ter uma consciência política engajada com formação política. Nossas principais pautas foram pela segurança no bloco, sendo um curso majoritariamente de mulheres e ficar numa área bem afastada da entrada, sem contar a pouca iluminação dos corredores; e a contratação de professores efetivos. Enquanto CA, estivemos em três greves, fomos para as ruas, fizemos piquete e ajudamos a ecoar o grito: “Pra UECE não parar, efetivo já!”

Entrar na universidade aos 26 anos, após ter passado por experiências importantes no Conjunto Palmeiras me fez ter os pés na realidade. Eu como uma mulher negra não consegui me situar na universidade. Ainda não compreendia a dinâmica da universidade e demorou muito até eu me situar em um grupo de estudos e pesquisa. De início, sob influências marxistas, que já trazia na minha prática social.

Pensar a estrutura de classes sociais, sem discutir o racismo como estrutura que sustenta o capitalismo e não com-



preender o que está por trás da condição do negro na sociedade não fazia sentido nenhum para mim. Quando estava no quinto semestre, soube do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Afrobrasilidade, Gênero e Família (NUAFRO), da UECE, ligado ao Serviço Social e coordenado pela professora Dr^a Zelma Madeiras. O grupo discutia a questão racial na sociedade em suas várias dimensões sociais. O NUAFRO me trouxe grandes contribuições, pois lá pude ter contatos com autores que não conhecia ligados à sociologia.

Comecei no núcleo de estudos como ouvinte, mas nunca consegui me engajar totalmente no grupo, pois os horários do trabalho não me permitiam participar com assiduidade. Nesse percurso conheci também a professora Lucíola Maia, que organizava o grupo de estudos sobre Florestan Fernandes, em sua obra mais relevante sobre a temática racial era a Integração do Negro na Sociedade de Classe em São Paulo.

Participei do grupo que também foi muito importante para mim, mas ainda não contemplava as questões que eu queria tratar na minha pesquisa e foi justamente nesse período que comecei os estudos orientados e minha pesquisa sobre as relações raciais no Conjunto Palmeiras. Ainda não tinha orientador; foi quando a professora aceitou a se desafiar no tema junto comigo.

Eu e Lucíola, uma professora marxista, que nunca teria orientado trabalho nessa temática, tivemos que pesquisar ainda mais a temática e aprendermos juntas. Soube do Núcleo de Africanidades Cearense (NACE) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e que eles estariam realizando o Evento Memórias de Baobá, logo quis participar, porque traziam as discussões

sobre a educação, a lei 10.639/03 e teria a presença de vários autores que me interessavam. Foi nesse evento que conheci Samia Paula, na época mestranda da Universidade Federal do Ceará, atualmente doutoranda, já tinha ouvido falar dela, mas não a conhecia pessoalmente, a partir desse encontro o laço de amizade foi construído até hoje.

Neste evento também me reaproximei da professora Rosa Barros, pois já a conhecia da UECE, mas por questões de saúde ela esteve afastada das suas atividades na universidade, quando iniciei o curso de pedagogia. Sempre que falava para alguém sobre meu tema, todos diziam que quem poderia me ajudar melhor nessa temática seria Samia Paula e a professora Rosa.

Em 2014, fui convidada pela professora Rosa Barros para participar do grupo de Estudos Ética, Diversidade Étnico-racial e Currículo. A proposta tinha como objetivo analisar a diversidade étnico-racial e o currículo, no intuito de colaborar com a formação docente e alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, considerando a perspectiva de uma formação humana. Ao participar desse grupo, eu me encontrei na universidade. A participação no grupo de pesquisa foi basilar na construção do meu trabalho final do curso de pedagogia.

O papel do grupo de pesquisa na formação dos seus integrantes é fundamental, pois tem alicerçado grandes avanços individuais e coletivos. Em tempos em que se tem questionado o papel da pesquisa na educação pública e na formação humana, é importante estarmos fortalecidos e em grupo. O meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trouxe as minhas construções sociais, culturais e políticas e minhas percepções sobre



o meu bairro, um bairro da periferia de Fortaleza com uma forte mobilização social.

Um bairro muito forte no campo dos movimentos sociais, um bairro que se mobilizou e construiu sua própria urbanização. No entanto sentia falta de associar essa luta à questão racial, uma vez que os dados do IBGE e outras pesquisas apontam que nossa população é majoritariamente parda e negra, cerca de 27,7% de um total de 36,999 mil habitantes.

Percebia fortemente a ancestralidade africana no bairro. Isso era perceptível nos grupos culturais de dança, religiões afrodescendentes, como a Umbanda. Ousei a dizer que o Conjunto Palmeiras era um quilombo urbano, metaforicamente na arte, na cultura e na educação com a experiência do professor Eduardo Duarte Ferreira. Nessa construção usei intitular meu trabalho como: *Palmeiras um outro palmares: trajetória histórica e a aplicabilidade da lei 10.639/03*.

Todo o meu engajamento na universidade, me fez ousar ainda mais a desejar um mestrado acadêmico, então usei a construir um projeto para o mestrado na Universidade Federal do Ceará, eu não acreditava que tinha conseguido chegar tão longe com os estudos. Era um passo tão importante que nem eu mesma tinha dimensão.

Em 2017 passei no mestrado acadêmico de educação brasileira sob a orientação do Professor Doutor Henrique Cunha. Construimos nesse percurso de 2 anos, um texto que evidencia o Bairro Conjunto Palmeiras como sendo um bairro de maioria afrodescendente e que toda a sua luta de organização está nas características que associamos a lutas dos negros descrito por Abdias Nascimento como sendo o quilombismo.

A religião de Matriz africana é o marcador importante para a contação do legado africano no bairro, portanto um patrimônio imaterial que consolidava o Conjunto Palmeiras como um bairro de Maioria Afrodescendente. Assim intitulei minha dissertação: Deus Criou o mundo e nós, construímos o Conjunto Palmeiras: Quilombismo urbano de populações Afrodescendentes em Fortaleza Ceará. Apresentada no ano de 2019. Este é um divisor de águas que passa pela minha vida universitária, salientando que sou a primeira da família a obter esse título de mestra.

6 MOVIMENTO DE MULHERES E O BATUQUE DE MULHER

Não poderia deixar de narrar a parte da minha vida que está engajada no movimento de mulheres do Conjunto Palmeiras. Em 2016 me aproximei da Associação das Mulheres em Movimento - AMEM, uma organização de mulheres que se formou ainda na década de 1980, fruto também das pastorais sociais e das Comunidades Eclesiais de Bases – CEB's. Ela surgiu a partir da constatação de que mulheres viviam uma dependência amorosa, econômica e de prisão domiciliar por parte dos seus companheiros. O estopim foi os vários casos de morte e violência de mulheres no Conjunto Palmeiras por seus companheiros.

Com tantos casos de violência viu-se a importância de fortalecer ainda mais a luta das mulheres no Conjunto Palmeiras. Então um grupo de mulheres, com a ajuda do Padre Chico Mouser, fundou a Associação de Mulheres em Movimento. Elizabeth Vieira foi uma das fundadoras e acompanhou todo esse



movimento que vem transformando a vida das mulheres do bairro, muitas conquistas foram alcançadas.

De 2017 a 2019 fui eleita presidente, com o objetivo de mobilizar mais mulheres para essa luta, para isso atrair mais jovens. O feminicídio só cresceu nos últimos anos e nós enquanto associação de Mulheres, organizamos um ciclo de palestras e visitas, para engajar outras mulheres. Posso dizer que parte da minha vida nesses últimos anos tem sido dedicados a causa das mulheres, que é minha também, pois não estou ilesa do machismo e da violência, mesmo com consciência política, sei que pode acontecer com qualquer mulher.

Para isso vamos criando espaço para fortalecer as mulheres. Também se preocupando na formação dos homens, com perspectivas de pensar uma nova cultura em que quebre o ciclo do patriarcado nas novas gerações e que o machismo assim como o racismo possam ser combatidos e diminuirmos as altas taxas de homicídios de mulheres e pessoas negras no Brasil.

Acreditando que não podemos transformar o mundo sem a arte, pude realizar um sonho antigo de infância, quando fui interrompida pelo o preconceito na escola, aos 34 anos, meu sonho se juntou ao de 21 mulheres que organizaram o Batuque de Mulheres, esse grupo de percussionista foi fruto do desejo da musicista Kássia Oliveira, percussionista da Cia Bate Palmas que desejava organizar um grande batuque só com Mulheres. Juntando ao sonho dela, eu, ela e Rafael Oliveira, começamos a visitar grupos e pensar estruturas para organizar esse grupo. Visitamos as mulheres de terreiros, as mulheres da Associação, saímos fazendo o convite pelas redes sociais e nos grupos organizados onde tivessem mulheres interessadas.

Posso dizer que estes grupos, a Associação de Mulheres e Batuque de mulher tem me mantido viva. Não só a mim como várias mulheres que têm encontrado força uma na outra para continuar a travar as lutas necessárias para a organização política no bairro Conjunto Palmeiras e no grande Jangrussu. A pauta da resistência se mantém desde a sua origem de ocupação. Já dizia Ângela Davis, quando uma mulher negra se movimenta, toda a sociedade se movimenta com ela.

7 SEGUINDO EM FRENTE....

Diante do exposto, foram muitos caminhos percorrido e ainda falta mais a caminhar, algumas lutas só começaram no meu caminho. Tem muito mais a ser feito. Olho o passado com gratidão pelos meus antepassados, principalmente as mulheres de minha família que resistiram e foram desbravando o mundo para que eu pudesse estar aqui escrevendo sobre minhas memórias.

Principalmente minhas matriarcas, Maria Caetana, mulher negra que traz no seu sobrenome os traços de onde podemos ter vindo, dos quilombos da região de Tururu e Trairi. Essa mulher que lutou na terra, que trabalhava pela comida, pelo teto e que resistiu na terra. Ela que fez o caminho para minha avô Gerarda Ferreira de Sousa, uma mulher que não parou um só segundo de trabalhar, na roça, em casa de família, mãe solteira, veio para a cidade para vivenciar os novos moldes da escravidão no Ceará da Casa grande para a “Casa de Família”, tenho muito orgulho dela, construí nossas bases e a casa no Conjunto Palmeiras.



A minha avó Teresinha e meu Avô Antônio, que também tem suas origens nos territórios indígenas dos Tremembé, temos os traços físicos, os costumes marcados em nossos corpos e o modo de vida. A esses dois resistentes que ajudaram a organizar o Assentamento Várzeas do Mundaú, gratidão! Nas buscas pela história de minha vida, descobri que minha avó Teresinha enfrentou muita coisa para conquistar o direito da sua terra e era uma liderança pela conquista da terra onde morou.

Que orgulho de pertencer a essas duas ancestralidades, Negra e Indígena! Ainda que o processo de colonização e miscigenação tenham tentado tirar de nós nossas raízes e a conexão que nos liga aos nossos irmãos, parentes perdidos pela diáspora cearense no início da ocupação do estado, resistimos e seguiremos resistindo, refazendo nossa história.

A força comunitária é o motor pulsante para o Conjunto Palmeiras, bairro de Maioria Afrodescendente, que se define como territórios cheios de cultura e de vida, onde se encontra a cultura dos terreiros, a capoeira, dança, as formas de sobrevivência e lutas dos afrodescendentes. Isso se apresenta dentro das relações culturais, arquitetônicas, nas identidades sociais, e no modo de vida das populações que vivem nos bairros. Esses territórios estão sempre associados a uma noção histórica na perspectiva espaço-tempo e comunidade que o constitui. (CUNHA JUNIOR, 2011)

É necessário que o Conjunto Palmeiras construa essa identidade negra e valoriza essa afrodescendência. É pela minha história de vida e da maioria da população do Conjunto Palmeiras que ousei dizer ainda que metaforicamente “Palmeiras um outro Palmares”, e é neste lugar me formei e

sigo fazendo as lutas diárias na construção de uma sociedade antiracista, justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei. **O que é comunidade eclesial de base**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CAVALLEIRO, ELIANE DOS SANTOS. **Do silêncio do lar ao silêncio da escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6.ed. São Paulo: Contexto. 2015.

CUNHA JUNIOR. H. A. Territórios de Maioria Afrodescendente: segregação urbana, cultura e produção da pobreza da população negra nas cidades brasileiras. *Revista Desenvolvimento Social*, abr. 2011. Disponível em: . Acesso em: 23 jul. 2018.

SOBRINHO, J. H. F. **Catarina, minha nêga, tão querendo te vendê: escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX (1850-1881)**. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

MATIAS, Emanuela Ferreira. **Deus Criou o Mundo e nos Construimos o Conjunto Palmeiras: Quilombismo Urbano de Populações Afrodescendente em Fortaleza, Ceará** - Dissertação de Mestrado- Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Fortaleza, Ce 2019.

